



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

ROSANA PEGORARI CASTELIANO

**A LITERATURA DE MATO GROSSO DO SUL EM TRÊS MOMENTOS DA
CRÍTICA**

Campo Grande/MS

2017

ROSANA PEGORARI CASTELIANO

**A LITERATURA DE MATO GROSSO DO SUL EM TRÊS MOMENTOS DA
CRÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura: Historiografia Literária.

Orientador: Prof.^aDr.^a Eliane Maria de Oliveira.

Campo Grande/MS

2017

C343L Casteliano, Rosana Pegorari.
A literatura de Mato Grosso do Sul em três momentos da crítica. / Rosana Pegorari Casteliano. - Campo Grande, MS:
UEMS, 2017.
95p.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade Universitária de Campo Grande, 2017.
Orientador: Prof. Dra. Eliane Maria de Oliveira.

1. Crítica Literária2. Regionalismo3. Literatura Sul-mato-grossense I.
Título.

CDD 23. ed. –B869.09

ROSANA PEGORARI CASTELIANO

**A LITERATURA DE MATO GROSSO DO SUL EM TRÊS MOMENTOS DA
CRÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura: Historiografia Literária.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a Eliane Maria de Oliveira (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dr.^a Susylene Dias de Araújo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dr.^a Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco/UCDB

Prof^a. Dr.^a Zélia Ramona Nolasco Santos Freire- Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dr.^a Rossana Regina Guimarães Ramos Henz- Suplente
Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

Campo Grande/MS, 18 de agosto de 2017.

Ao meu esposo Samuel, amante, companheiro e amigo, que sempre ao meu lado,
muito fez para que os meus sonhos se realizassem.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela família, pelo deitar, pelo levantar e pela a oportunidade de aprender um pouco mais a cada dia.

À vida, tão grandiosa, tão esplêndida, que se revela dia após dia, desde o nascer do Sol até o repousar da Lua.

À minha família, em especial, aos meus filhos, Raquel e Lucas, pelo apoio, carinho e compreensão.

Aos amigos de caminhada, principalmente à minha querida amiga Janaína Nunes Roque, companheira de todas as horas, com quem compartilhei dificuldades e alegrias.

À Fundect pelo acolhimento financeiro.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, onde iniciei minha jornada acadêmica, desde a graduação, passando pela Licenciatura e pelo Bacharelado em Letras, até o presente momento.

Aos professores do Programa do Mestrado em Letras, que apesar das adversidades, com dedicação repassam o conhecimento adquirido.

As professoras Susylene Dias Araújo e Zélia Ramona Nolasco Santos Freire, pelas tão notórias contribuições na banca de qualificação.

Ao meu esposo Samuel, cujo carinho, compreensão e apoio me ajudaram a chegar até aqui; com seu ânimo pegou-me pelas mãos e sem me deixar desfalecer, muitas vezes carregou-me em seu colo, sempre dizendo: em frente! Ele que com sua generosidade participou ativamente de cada leitura, de cada momento, de cada palavra escrita, cuja grandeza de alma é impossível descrever, que está sempre ao meu lado, levando-me além do que sou capaz, me fazendo ser melhor a cada dia. A ele, todo o meu amor e os meus muitos obrigadas!

À minha orientadora, professora Dr.^a Eliane Maria de Oliveira, que foi além das palavras, com seus gestos e atitudes, me ensinou que o conhecimento ultrapassa os limites acadêmicos, nos leva a alcançar novos voos. Revelou para mim a personificação de um mestre em toda sua essência, o qual luta por seu aprendiz e o ajuda a seguir em frente. A essa mulher, tão pequenina, na estatura física, mas gigante no conhecimento e no conduzir do ensino, o meu agradecimento, tão extenso, tão grandioso, que não há palavra capaz de abarcar tal sentimento. Dela é que vou levar por toda a vida o aprendizado de que: “estender a mão ao outro, mesmo quando estamos no meio de um furacão, é o que nos mantém vivos, seguros”. À minha querida professora, mais uma vez: Muito Obrigada.

Talvez seja esta uma das razões pelas quais se escrevem os memoriais: apraz-me reconhecer que estou reaprendendo o valor da minha particular inserção no mundo, enquanto sujeito de tradições e transformações.

(Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, 2016).

CASTELIANO, Rosana Pegorari. A LITERATURA DE MATO GROSSO DO SULEM TRÊS MOMENTOS DA CRÍTICA. 2017. 95 páginas. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2017.

RESUMO

Em constante evolução, a literatura de Mato Grosso do Sul, muito tem a contribuir com os estudos literários, pois, oriunda de uma região ímpar no Brasil, por vezes apresenta traços que, mesmo dialogando com o universal, lhe são únicos. Lado a lado com os escritos literários, a crítica que sobre eles discorre demonstra ser de suma importância para o fortalecimento de uma produção literária consistente. Assim sendo, a presente pesquisa busca analisar como a literatura de Mato Grosso do Sul é vista pela crítica literária sul-mato-grossense. Para tanto, os apontamentos críticos foram delimitados dentro de um recorte que engloba as considerações de três críticos literários regionais: José Couto Vieira Pontes, Maria da Glória Sá Rosa e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos. A composição contextual, amparada pelo método bibliográfico se estabeleceu mediante um percurso que em um primeiro momento, perpassa considerações em torno da crítica e do fazer literário propriamente dito, discorrendo sobre parte da história da crítica literária, desde os primórdios, na Grécia Antiga, até o século XX, abordando também, o olhar em torno da recepção, por parte do leitor, segundo a Estética da Recepção, breves considerações sobre história e historiografia e a relação entre literatura e sociedade. O segundo momento, volta-se para o regional, com apontamentos sobre questões em torno do regionalismo, da crítica literária no Brasil e em Mato Grosso do Sul, incluindo reflexões sobre a produção literária sul-mato-grossense. Completando o quadro da abordagem que se pretende, o terceiro momento apresenta diversos direcionamentos críticos em torno da literatura sul-mato-grossense, os quais foram compostos com base nos apontamentos dos críticos que englobam o recorte da presente pesquisa, resultando em novas possibilidades de leituras, conduzindo ao entendimento de que a crítica literária, exercida com seriedade, torna-se ferramenta de aprimoramento literário.

Palavras-chave: Crítica Literária; Regionalismo; Literatura Sul-mato-grossense; Crítica Literária Sul-mato-grossense.

CASTELIANO, Rosana Pegorari. THE LITERARY CRITICAL FORMAT IN MATO GROSSO DO SUL, UNDER THE OPTICS OF: 2017. 95 pages. Dissertation (Master in Letters) - State University of MatoGrosso do Sul, Campo Grande / MS, 2017.

ABSTRACT

In constant evolution, the literature of MatoGrosso do Sul has much to contribute with literary studies, because, coming from a unique region in Brazil, sometimes presents traits that, even in dialogue with the universal, are unique to it. Side by side with literary writings, the criticism that is made about them proves to be of great importance for the strengthening of a consistent literary production. Thus, the present research seeks to analyze how the literature of MatoGrosso do Sul is seen by the literary critic of south-mato-grossense. For this, the critical notes were delimited within a cut that includes the considerations of three regional literary critics: José Couto Vieira Pontes, Maria da Glória Sá Rosa and Paulo Sérgio Nolasco dos Santos. The contextual composition, supported by the bibliographic method, was established through a course that, at first, pervades considerations about the criticism and the literary work proper, discussing part of the history of literary criticism, from the beginnings, in Ancient Greece, until the twentieth century, also addressing the reader's reception, according to the Aesthetics of Reception, brief considerations on history and historiography and the relationship between literature and society. The second moment turns to the regional one, with notes on issues surrounding regionalism, literary criticism in Brazil and MatoGrosso do Sul, including reflections on literary production in South-MatoGrosso. Completing the framework of the intended approach, the third moment presents several critical directions around the literature of South-MatoGrosso, which were composed based on the notes of the critics that encompass the cut of the present research, resulting in new possibilities of readings, leading to the understanding that literary criticism, exercised with seriousness, becomes a tool for literary improvement.

Keywords: Literature critics; Regionalism; Literature South-mato-grossense; South-mato-grossense Literary Criticism.

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1– ESTABELECENDO UM PANORAMA DOS ESTUDOS	16
1.1 – No tear da escrita: um apanhado do percurso histórico da crítica literária.....	18
1.2 – A recepção crítica: o leitor entra em cena.....	26
1.3 – Uma pequena pausa: falando de história e historiografia.....	32
1.4 – Literatura e sociedade.....	35
2 – REGIONALISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA E SUL-MATO-GROSSENSE	42
2.1 – Regionalismo.....	43
2.2 – Considerar é preciso: uma abordagem sucinta em torno da crítica literária brasileira.....	50
2.3 – Considerações sobre a crítica literária em Mato Grosso do Sul.....	54
2.4 – Alguns apontamentos sobre a literatura sul-mato-grossense.....	61
2.5 - Trocando em miúdos.....	69
3 – OS ESCRITOS CRÍTICOS EM MATO GROSSO DO SUL	71
3.1 - José Couto Vieira Pontes.....	73
3.2 – Maria da Glória Sá Rosa.....	77
3.3 –Paulo Sérgio Nolasco dos Santos.....	81
4 –CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
5 –REFERÊNCIAS	93

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo da atuação de certos grupos de escritores e a determinação do papel desempenhado por eles na formação de vertentes diferenciadas da tradição cultural brasileira, levando-se em conta seu maior ou menor grau de intervenção na produção literária da atualidade, constituem igualmente finalidades da pesquisa. (MIRANDA, 1995, p. 25).

Pesquisar é muito mais do que levantar dados, é de alguma maneira interferir na condução do tema analisado, pois, no remexer dos arquivos pertinentes à pesquisa, o objeto de estudo já não é mais o mesmo de outrora, conquista novos olhares, novos direcionamentos, novo ânimo, desponta para uma nova caminhada.

A escolha em trabalhar com uma temática voltada para a literatura sul-mato-grossense, se deu, em consonância com os direcionamentos, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como de seu Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, os quais têm dentre seus objetivos, o fomento de ações que contribuam para a valorização da diversidade cultural do Estado de Mato Grosso do Sul.

Posto o tema, voltou-se para o objetivo e para a justificativa, os quais foram estabelecidos a partir da compreensão de que a literatura, em sua constituição social, é participante da composição cultural, visto que, a mesma, por vezes, pode ser entendida como uma forma de representação de uma determinada sociedade, isto, considerado o olhar que cada escritor dispõe sobre o que escreve.

Observar a relação que a literatura estabelece com a sociedade na qual é produzida, já constituiria por si próprio um objetivo a ser pesquisado, porém, ao referir-se à literatura sul-mato-grossense, devido a crescentes abordagens em torno das obras regionais, constatou-se a necessidade de um estudo que abordasse o posicionamento da crítica literária de Mato Grosso do Sul sobre o contexto literário regional.

Considerado o exposto, tem-se por objetivo apresentar como a literatura sul-mato-grossense é vista no âmbito da crítica literária, enfocando aspectos sociais, históricos e textuais, direcionamento que se justifica, à medida que, a crítica literária serve como diagnóstico do que vem sendo produzido, servindo não só como observatório, mas como suporte, visando o fortalecimento da produção literária regional, direcionamento reforçado pelo argumento do professor Wander Melo Miranda, citado no início do texto, a qual dispõe que verificar o quanto a produção literária pode contribuir para a constituição cultural de uma determinada sociedade constitui “igualmente finalidades da pesquisa”.

Na busca por melhor entendimento do que vem sendo escrito sobre a produção literária sul-mato-grossense e considerando as diversas possibilidades de leitura desta produção, optou-se por um recorte que engloba os direcionamentos a partir do olhar de três críticos literários: José Couto Vieira Pontes, Maria da Glória Sá Rosa e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos.

Importa abrir um parêntese para expor ao leitor alguns dos motivos que resultaram em tal escolha, primeiro: a impossibilidade de abarcar todos os escritos críticos que vem sendo publicados no decorrer da história da literatura sul-mato-grossense; segundo: a maneira como cada crítico aborda o fazer literário de Mato Grosso do Sul e terceiro: a época, que cada crítico está inserido, como também, cada período a que eles se referem em seus textos.

Como base teórica para os apontamentos apresentados foi utilizada as seguintes obras: de José Couto Vieira Pontes: *História da Literatura Sul-mato-grossense*(1981); de Maria da Glória Sá Rosa: *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*(2011), escrita em parceria com Albana Xavier Nogueira;o artigo *Nada substitui o livro* (2012) e *Antologia de Textos da Literatura Sul-mato-grossense*(2013), esta escrita em parceria com Albana Xavier Nogueira e Maria Adélia Menegazzo; de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos: os artigos *Nomes e faces de uma região* (1997) e *Regionalismo: A reavaliação de um conceito* (2008); *Literatura, Arte e Cultura na Fronteira Sul-Mato-Grossense*(2010); *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul: por uma conceituação da identidade local* (2011), publicada em parceria com Edgar César Nolasco e Marcos Antônio Bessa-Oliveira; *Entretextos - Crítica Comparada em literatura de fronteiras*(2012) e *A felicidade pela Literatura: ensaio entre autobiografia e obra*(2016).

No caso dos apontamentos de José Couto Vieira Pontes, durante a leitura torna-se possível perceber o teor histórico de sua escrita e abordagens, a história da literatura sul-mato-grossense é exposta desde os seus primórdios, na segunda metade do século XVIII, bem antes da divisão do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977.O crítico-historiador preocupou-se em apresentar ao leitor o contexto histórico e político em que ocorreu a constituição social do Estado. Outro aspecto,que o crítico permite transparecer em suas considerações, tornando-se perceptível ao leitor, é o carinho e o respeito pelos os que contribuíram para a formação de uma literatura regional.

Nos argumentos de Maria da Glória Sá Rosa, a questão da linguagem literária/poética é exposta como um árduo trabalho a ser realizado pelo escritor; a literatura, apresenta-se como transformadora do ser, instrumento de ampliação da significância humana, indispensável para a formação intelectual. Cabe aqui a observação de que, no caso de Maria da Glória Sá Rosa, embora tenham sido utilizadas na constituição teórica, duas obras produzidas em parcerias com outras duas intelectuais de grande estima, devido à delimitação do objeto de pesquisa, voltou-se mais para os apontamentos de Maria da Glória Sá Rosa. Assim sendo, ao citar tais obras, são estabelecidas também referências à Albana Xavier Nogueira e Maria Adélia Menegazzo. Vale ainda a observação de que, no tocante a obra *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores* (2011), há trechos específicos, citados no presente texto, que foram escritos de forma independente, por isso a mesma obra pode apresentar uma citação referenciando Maria da Glória Sá Rosa e outra como pertencente à Albana Xavier Nogueira.

Nos caminhos delineados por Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, a literatura regional manifesta-se como espelhamento do ser humano, como diálogo entre o escritor e o lugar de onde ele fala. Em seus escritos, a fronteira política é inexistente na esfera cultural, pois a interação entre os lados ultrapassa os limites geográficos. A diversidade de direcionamentos no campo da crítica literária é vista como um único caminho, porém, com margens diferentes demonstrando por meios de abordagens autobiográficas o imenso carinho e esforço na luta pelo reconhecimento de uma literatura, única, oriunda de uma região ímpar, onde diferentes origens se encontram.

Falar sobre a crítica literária sul-mato-grossense requer, também, tecer considerações em torno do fazer literário como um todo. Dessa forma, a presente construção textual se deu em três partes, cujos conteúdos foram divididos da seguinte maneira: na primeira parte é apresentada considerações sobre o percurso histórico da crítica literária, cuja abordagem tem início em apontamentos estabelecidos por Platão e Aristóteles, na Grécia Antiga. Em seguida, considerando que a crítica é uma atividade exercida a partir da recepção de uma obra literária, volta-se para os direcionamentos apontados por Hans Robert Jauss, em torno da Estética da Recepção. No mais, observando a crítica literária inserida em um contexto histórico, algumas considerações sobre história e historiografia, também são apresentadas. Por fim, fechando o capítulo, volta-se para a literatura, ponderando a relação que esta estabelece com a sociedade, visto que, a mesma é produzida por um ser humano e social.

Na segunda parte, entra em cena questões em torno do nacional e do regional. Assim sendo, as considerações apresentadas tratam do que vem a ser o regionalismo propriamente dito, como que este se apresenta e o quanto contribui para a formação de uma literatura nacional. Fala também, de parte do percurso da crítica literária no Brasil, dos movimentos e direcionamentos que aqui prevaleceram e da busca pela construção de uma identidade própria, nacional. Adentrando aos caminhos da escrita literária sul-mato-grossense, essa parte é finalizada com apontamentos sobre a produção literária sul-mato-grossense, incluindo alguns direcionamentos sobre questões regionais de Mato Grosso do Sul.

A terceira e última parte refere-se especificamente aos escritos críticos em Mato Grosso do Sul, cujo campo foi delimitado, como já exposto, pela escolha de três críticos literários regionais. As considerações expostas visa apresentar ao leitor um quadro sobre o que se pensa e como se aborda a escrita literária sul-mato-grossense.

Os três críticos selecionados, embora tenham suas considerações a partir de diferentes pontos de vista, visto que, José Couto Vieira Pontes, tem por ponto de partida o foco histórico, Maria da Glória Sá Rosa, a linguagem e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, as relações regionais e fronteiriças, todos convergem num mesmo sentido: fortalecer e expandir o conhecimento sobre a literatura produzida em Mato Grosso do Sul.

Considerado o exposto, a presente pesquisa buscará ser uma forma de leitura da escrita literária sul-mato-grossense, no entanto, a literatura sul-mato-grossense enquanto objeto de estudo deve ser pensado a partir de um espectador que olha por meio de uma janela, da qual se abre diversas possibilidades de leituras, cujo direcionamento vai depender da perspectiva pela qual ela é observada.

1. ESTABELECENDO UM PANORAMA DOS ESTUDOS.

A construção de um estudo sobre a crítica literária sul-mato-grossense e as suas diferentes abordagens, a princípio tornou algo muito complexo e de difícil especificação, pois havia a necessidade de condensar estudos sobre literatura e suas significações tanto quanto à crítica e a questão do regional. Seria um processo complicado, mas não impossível de fazer, pois havia muitas leituras, que corroborariam para que pudéssemos entender como as estruturas da presente pesquisa foram sendo montadas.

Os estudos sobre literatura e crítica tendem a apresentar como o termo “literatura” pode ser de difícil conceituação, em virtude do fato de que o texto é fruto de uma interseção entre o momento histórico e a sociedade que o produz. Visto por este ângulo, pode-se entender que a literatura regional, na qual estamos tentando dar significação, também está em fase de construção, pois o estado de Mato Grosso do Sul, ainda é jovem e para acarretar mais problemática a este estudo, há uma porção sul de Mato Grosso¹, que desde o século XIX se diferencia do restante, tanto pela formação de sua sociedade, quanto pela forma de administração política.

Salvo os fatores de construção social e política, há a influência da divisão do Estado de Mato Grosso em 11 de outubro de 1977, o que trouxe como herança, de um lado, a afirmação regional; do outro, a tendência emancipatória do Estado, de um estado agropecuário. Duas forças conjuntas agem sobre uma produção literária, que vai desde escritores urbanos, da fronteira, do pantanal, até muitos vivendo fora do Estado, cujas obras se fixam em falar de um estado político, que só existe nas lembranças de uma infância perdida.

Há ainda escritas diversificadas e produções, que nem sempre conseguem estar em todos os manuais e livros publicados; nem sempre presentes em teses e dissertações, o que faz da literatura de Mato Grosso do Sul um divisor de águas, pois há heranças de uma Literatura Nacional produzida sobre o dado local, que foi considerada como Literatura Romântica, bem como uma Literatura do século XX após a divisão do Estado de Mato Grosso, que transita, em linhas gerais, à tensão entre a cultura do boi, os ícones do pantanal e a emancipação para

¹Embora a presente pesquisa se ambiente no quadro da produção literária sul-mato-grossense, torna-se impossível não tecer referências ao Estado de Mato Grosso, pois com a divisão política ocorrida no ano de 1977, ato que resultou em dois Estados: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; muitos escritores deram sequência aos seus escritos, em ambos os Estados, resultando em uma produção literária que, por vezes, apresenta ligação entre os dois lados, daí a necessidade, em parte da pesquisa, de referir-se ao Estado ainda uno. Ademais, ao fazer referência ao período anterior à divisão do Estado de Mato Grosso, alguns escritores, sejam críticos literários ou não, fazem referência ao Estado de Mato Grosso do Sul, como “região sul-mato-grossense”.

umregional, tendendo a falar sobre a humanidade e os fatos que perpassam o homem das décadas de 80 e 90 do século XX.

A busca por obras e autores, com o passar do tempo, se tornou uma das preocupações dos pesquisadores sul-mato-grossenses, surgindo pesquisas voltadas para a investigação de acervos e arquivos literários de autores, assim como, a análise de obras mais recentes. Sabe-se que muito ainda não foi nem analisado e muito menos estudado, pois, embaixo da poeira do tempo, havia escritores ocultos pela condição do Estado de Mato Grosso ser longe dos grandes centros e também pelo fato de que a Indústria Cultural² pouco ou nada divulgava sobre a produção literária a ele pertencente.

A partir da expansão dos estudos sobre a produção literária sul-mato-grossense, a escrita passou a ser analisada, de um lado pela arqueologia do saber, pois autores e textos foram retirados de contextos anteriormente situados entre escritores de Mato Grosso para serem lidos sob o aspecto de temas e formas integrantes da porção sul do Estado.

Dado ao contexto surge pesquisadores que se dedicam a ler a literatura de Mato Grosso do Sul, após a separação do estado de Mato Grosso, pelo viés das regiões às quais pertenciam. Dos estudos, sobre a produção literária sul-mato-grossense é possível citar os estudos sobre Lobivar Matos realizados pela pesquisadora Susylene Dias de Araujo, visto que, assim como outras obras regionais, necessitava de estudos.

Alunos de graduação, de pós-graduação das universidades públicas e privadas do Estado são incentivados a pesquisar, resultando em trabalhos sobre escritores das fronteiras, como, por exemplo, Hélio Serejo e Hernâni Donato, os quais são estudados por Paulo Sérgio Nolasco dos Santos; de escritores da região próxima ao cruzamento ente São Paulo e Paraná com a pesquisa de Marlei Aparecida Lazarin Assoni e Eliane Maria de Oliveira Giacon sobre a obra de Eurico Félix; escritores da região central do estado como, Dora Ribeiro e Manoel de Barros cujos escritos foram analisados por Daniel Abrão e escritores da região do bolsão, como Flora Egídio Thomé, que teve sua produção literária estudada por Daura Del Vigna Galvão e na região do Pantanal, como o corumbaense Augusto César Proença, com parte de suas obras analisadas por Stael Moura da Paixão Ferreira.

A produção literária sul-mato-grossense, em constante desenvolvimento, oferece vasto campo de pesquisa, independente do direcionamento escolhido, quer a partir de arquivos pessoais de escritores ou de acervos comunitários, quer pelo teor poético ou pelo foco fronteiriço, pois todas as análises discutem as fronteiras, sejam elas geográficas, de

² Indústria Cultural, no tocante as considerações apresentadas por Theodor Adorno. Ver: ADORNO, Theodor. Indústria cultural e Sociedade. Paz e Terra. São Paulo, 2002.

similaridade ou oposição à literatura nacional, ou das fronteiras do ser e o mundo, em termos, pode-se dizer que, os estudos dos últimos anos sobre a literatura regional em Mato Grosso do Sul foram tomados nas mãos de pesquisadores, que ainda sabem que há muito a ser feito, mas que os alicerces foram estabelecidos para que as próximas gerações possam olhar a história literária sul-mato-grossense e dar continuidade aos estudos já iniciados.

1.1 No tear da escrita: um apanhado do percurso histórico da crítica literária

Refletir sobre o formato da crítica literária sul-mato-grossense, segundo os encaminhamentos apresentados pelos críticos selecionados para essa pesquisa, implica tecer algumas considerações sobre os diversos conceitos que permeiam a crítica literária, esta, por sua vez, participante da evolução dos estudos literários. Da mesma maneira que, o termo Literatura, como será abordado mais a frente, no decorrer de sua história experimentou diversas interpretações, o conceito de crítica, também, não ficou isento dos muitos posicionamentos e teorias que foram surgindo com o passar do tempo.

Massaud Moisés (2004) expõe que a palavra crítica, proveniente do grego *krinein*, assume em sua origem o sentido de julgar, conjecturando o ato de valorar algo, neste caso, “obras literárias”, o crítico argumenta que, o prelúdio dos registros sobre crítica data da Grécia Antiga, posterior ao surgimento dos primeiros poemas e peças de teatro, ainda que, não citando o termo propriamente dito, o mesmo era aplicado ao campo literário.

No tocante ao papel julgador da crítica literária, Antoine Compagnon (1999), expõe que a mesma é seletiva e que assim exercida, distancia-se da fomentação que deveria exercer sobre os leitores:

Por crítica literária compreendo um discurso sobre as obras literárias que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e o efeito que as obras exercem sobre os (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais. A crítica aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia) por identificação ou projeção: seu lugar ideal é o salão, do qual a imprensa é metamorfose, não a universidade; sua primeira forma é a conversação. (COMPAGNON. 1999, p. 21-22).

Na atualidade a definição de crítica, segundo Letícia Malard (2007), não é aplicada apenas ao julgamento de valor, com o aumento da diversidade de teorias literárias, surgem novas possibilidades de leitura e a crítica passa a ser relacionada com qualquer escrito que aborde considerações em torno de uma obra literária: “[...] hoje, pode-se dizer que qualquer

estudo – curto ou longo – que tem como objetivo dissertar sobre uma ou mais obras literárias é um trabalho de crítica literária” (MALARD. 2007,p.115).

Mesmo com o surgimento de novas perspectivas de leitura do texto literário, Massaud Moisés (2004),expõe que, de forma geral, o conceito de crítica que ainda prevalece nos dias atuais,tem por pai Platão e Aristóteles, cujos encaminhamentos em torno do fazer literário, persistem nos dias atuais, ainda que haja disparidades entre o posicionamento de um e de outro, como no que se refere à questão da mimesis, considerada, por Platão, como nociva a formação humana cidadã e vista por Aristóteles como participante da formulação artística.

Segundo Massaud Moisés (2004), Platão se direcionou mais para a Estética³ do que para o teor literário propriamente dito, pois, para ele a verdade deveria direcionar os interesses humanos, visto que, só assim seria possível chegar a uma composição social plena. É no anseio pela verdade que Platão se opõe ao fazer literário, já que a literatura, embora, por vezes relacionada com a verdade, não tem, em seu teor fundamental, tal compromisso:

[...] que não se deve tomar a sério uma tal poesia, como se, sendo ela própria séria, chegasse à verdade, mas que, ao contrário, é preciso, ao escutá-la, tomar cautela, receando pelo governo da alma, e, enfim, ter como lei tudo o que dissermos acerca da poesia.(PLATÃO. 1997, p. 337).

Nas falas de *A República*, mais explicitamente no Livro X, se discorre também sobre o valor estético que o poeta atribui à poesia:

Diremos também que o poeta aplica a cada arte cores adequadas, com suas palavras e frases [...], passa por falar muito bem, quando fala, observando o ritmo, à métrica e a harmonia, quer de sapataria, quer de arte militar, quer de outra coisa qualquer, tal o encanto que esses ornamentos têm naturalmente e em si mesmos! (PLATÃO. 1997, p. 327).

O embate que se dá ao redor da literatura não diz respeito à sua construção poética, mas ao mal que ela pode provocar no pensamento humano: “[...] O que mais devemos recear nela é, sem dúvida, a capacidade de corromper, mesmo as pessoas mais honestas [...]” (PLATÃO.1997, p. 334). Como já exposto, para Platão só a verdade é capaz de conduzir a

³ Segundo Massaud Moisés, em sentido amplo o termo está relacionado com o que é belo, seja no campo artístico ou natural e mais restritamente falando, com a teoria do fazer poético: “O vocábulo designa, *lato sensu*, o conhecimento da beleza na Arte e na Natureza, a teoria do Belo o conjunto de sensações experimentadas no contato com a obra de arte ou manifestação da Natureza. *Stricto sensu*, equivale a teoria ou filosofia da arte”. (MOISÉS, 2004, p.166).

sociedade a um caminho estável e seguro e a literatura, a três níveis da verdade⁴, desviaria o homem de tal objetivo.

Oposto ao sentido apresentado por Platão, Aristóteles em *Retórica* e *Poética*, mais precisamente na segunda, tece considerações em torno da literatura, de tal forma que concede a ela um lugar próprio e definitivo entre as artes. Se para Platão, a representação literária era considerada perigosa à ordem social, para Aristóteles ela é algo inerente ao ser humano, com propriedades e características próprias, é Aristóteles quem vai estabelecer a primeira abordagem ontológica, ou seja, tratar especificamente do teor literário em todos os aspectos que constituem a obra, procurando identificar como ela é, e não como deveria ser, tanto que ao discorrer sobre o tema ele inicia a fala da seguinte maneira:

Falemos da poesia – dela mesma e das suas espécies, da efetividade de cada uma delas, da composição que deve dar aos mitos, se quisermos que o mesmo resulte perfeito, e, ainda, de quantos e quais elementos de cada espécie e, semelhantemente, de tudo quanto pertence a esta indagação - começando, como é natural, pelas coisas primeiras. (ARISTÓTELES. 1966, p. 201).

O filósofo, deixando de lado a normatização, preocupou-se em descrever como se constitui cada gênero literário, sintetizando-os dentro do processo artístico. Para Aristóteles a imitação da realidade, não é algo nocivo à sociedade, mas, elemento necessário na construção poética, o que segundo Massaud Moisés (2004, p. 97,98) é “a utilização de um processo estruturador semelhante ao que preside a Natureza”, dessa forma, Aristóteles a apresenta não como imitação propriamente dita, mas como recriação do real.

Há ainda entre os gregos, segundo Massaud Moisés (2004), a ponderação estética apresentada por Longino na qual o valor das obras se manifesta de maneira suprema, além das aparências formais, tornando-as mais ou menos elevadas: “o valor das obras residiria, não no estilo, ou na perfeição das formas, mas na altitude dos sentimentos e ideias, ou seja, no sublime”.(MOISÉS. 2004, p. 98).

Aquele que assiste uma apresentação artística ou lê uma obra literária, nesse cenário, vivencia um estado de encantamento, assim, os aspectos da obra e o posicionamento do leitor diante da mesma, resultaria na constituição do valor estético da obra. Tal apontamento remete, mesmo que não explicitamente, a um fator intrínseco da crítica: o julgamento; o papel de estabelecer se uma obra é boa ou má.

⁴ Em *A República*, para exemplificar o quanto a arte poética estava afastada da verdade, fator crucial para uma sociedade justa e próspera, é citada a ideia da cama, que tem sua constituição a partir do carpinteiro que, de posse da ideia, ideia essa dada por Deus, primeiro nível, toma a madeira e começa a moldar a mesma, seja qual for o modelo, será uma cama, ou seja, o segundo nível, já o pintor, ao reproduzir a cama feita pelo carpinteiro estará a três níveis da verdade, daí a definição do distanciamento da arte em relação à verdade.

Da Grécia para Roma⁵, tem-se, a normatização apresentada por Horácio, cujo conteúdo definia a conduta a ser seguida para quem tivesse a intenção de produzir obras dramáticas. A visão de Horácio sobre a produção artística, na qual a obra, por “meio de regras precisas e inflexíveis” (MOISÈS, 2004, p. 98), obteria o teor moral, levou em contas aspectos defendidos por Platão, convertendo, assim, a crítica em uma disciplina regulamentária e instrutiva, cujas normas é que definem o fazer artístico e poético.

Já na Idade Média, a abordagem sobre o valor estético não tem tanta importância, o que passa a ser destaque são as questões relacionadas com o lado sensível de cada obra. Nesse contexto, Plotino define a arte como elemento divo, ou seja, para ele “tudo o que integra o mundo sensível constituiria emanção do Divino Ser, de tal forma que o microcósmino refletisse o macrocósmino” (MOISÈS, 2004, p. 98). A abordagem do filósofo atribui à arte o papel de preenchimento do que é belo, o que a torna complementação da realidade, excedendo assim, o sentido de representação a ela imputado.

Um pouco mais, por volta do século IV, Massaud Moisés expõe ainda que Santo Agostinho apresenta considerações sobre a harmonia de uma obra, considerando que a mesma depende do equilíbrio natural, o qual obedeceria a um ritmo “múltiplo e ascendente” (MOISÈS, 2004, p.99), que se expandiria até chegar à verdade. Com Tomás de Aquino, as ponderações estéticas se voltam para a religiosidade, discorrendo sobre a beleza, tanto no mundo divino como no mundo natural.

Resumidamente, pode-se dizer que no período que engloba a Idade Média, sobressaem os estudos voltados para a Retórica, de tal forma que proporcionam o surgimento de grupos voltados para a arte do bem falar. Tal abordagem perde forças a partir do século XIV, com o advento do Humanismo⁶, momento em que a cultura greco-latina adquire maior disseminação, resultando assim no surgimento de um considerável número de estudos de cunho crítico e teórico. Importa ressaltar que, mesmo com o Humanismo, há ainda, no século XVI a predominância da postura dos teóricos da Antiguidade, resultando em defensores das ideias platônicas, aristotélicas e horacianas.

A crítica literária, em fluxo contínuo, vê-se diante de abordagens bem diversificadas, as quais variavam de acordo com o período histórico e a local de origem, como a influência da crítica italiana e neoclássica do século XVII; os embates entre antigo e moderno; os apontamentos de Gotthold Ephraim Lessing, filósofo e crítico alemão, cujo parecer

⁵ Os apontamentos citados, tanto da Grécia como de Roma, datam do séc. I a.C. (MOISÈS, 2004, p.98).

⁶ Movimento cultural que teve início entre os séculos XIV e XVI, na Itália, cujo teor centrou-se no ser humano. Ver: MOISÈS, Massaud. Dicionário de Termos Literários. São Paulo. Cultrix. 2004. p.224.

considerava as leis estéticas como participante da criação artística. Sobre Lessing, importa ressaltar que para ele as regras deveriam existir não como forma de opressão artística, mas, como ferramenta norteadora do processo criativo. Sobre o posicionamento de Lessing, Massaud Moisés escreve:

Repele a imposição das leis estéticas como um decálogo soberano e despótico, julgando-as, porém, indispensáveis para o artista: a admissão de regras não deve constranger o talento individual; este há de sobrepor-se àquelas, mas desenvolver-se-á no vazio se não as tiver como guia. (MOISÉS. 2004, p. 101).

Desse modo, as regras estéticas seriam como marcações que conduziria o artista pelo caminho correto, ou seja, o delineamento, cujo conteúdo interno dependeria do conteúdo artístico, do seu criador.

Sempre em evolução a crítica literária segue seu caminho e depara-se com o estabelecimento da crítica moderna por intermédio do crítico francês Sainte-Beuve, que além de principiar escritos críticos em jornais, posicionou-se imparcialmente em relação à obra literária, considerando como elemento da análise a vida e o propósito do autor. Tem-se ainda, as considerações apresentados por Flaubert e Baudelaire, cujo posicionamento os tornava defensores de uma crítica que se voltava para a presença dos valores estéticos.

No final do século XIX, surge, na França, a crítica impressionista, que era feita em jornais, com o foco voltado para o autor e não para a obra, segundo Massaud Moisés (2004), nesse direcionamento, o gosto individual é que pesaria na análise da obra. Quase que no mesmo período, têm-se as considerações estéticas de Benedetto Croce, a qual priorizava a obra em seus aspectos individuais, sem generalização, tendo no fator linguístico a cientificidade da mesma.

No século XX, com o surgimento do *New Criticism*, ou Neocrítica, a abordagem passa a se dar em volta do texto, separando obra e autor, ou seja, a obra deveria ser analisada por seu conteúdo, deixando de lado aspectos considerados extratextuais, como a intenção do autor, a historicidade do texto, a classificação genérica, entre outros. A linguagem textual é que forneceria os elementos a serem analisados, pois a mesma era entendida como uma “estrutura de significados” (MOISÉS. 2004, p. 104). Em síntese, pode-se dizer que o *New Criticism*, teve entre seus objetivos, o intuito de superar preceitos antigos, nos quais prevaleciam normas, classes, gêneros, etc.

Pode-se citar ainda, a crítica marxista, cuja fundamentação abordava questões econômicas e sociais, relacionando assim a literatura e sociedade. A crítica marxista trouxe

consigo aspectos estruturais, porque se entendia que só conhecendo o interior, a forma da obra, era possível estabelecer paralelos com as questões sociais; a Psicanálise, de cunho freudiano, a qual via no imaginário criativo traços do inconsciente e a crítica existencialista, que apresentava a formação humana como resultado das escolhas particulares, ramificação que defendia que o homem é livre, capaz de decidir, de escolher sobre o que é melhor para si. Ainda no século XX, surgem muitas tendências críticas, dando origem a estudos cujos fundamentos tomam por base a Linguística, como: a Estilística, o Formalismo e o Estruturalismo.

De início a Estilística, termo introduzido por Charles Bally, em 1909, visava estudar a linguagem como tal, ou seja, como um fator social, contudo, com preceitos estabelecidos pelo linguista alemão Karl Vossler, ela passa a abordar a linguagem como manifestação da criatividade humana:

Vossler encarava a linguagem como expressão da atividade criadora dos indivíduos e, por via deles, de uma etapa histórico-cultural. [...] repudiou a dimensão psicológica em favor da análise textual, concentrada nos seus elementos extrínsecos e no que ela reflete da realidade circundante. (MOISÉS. 2004, p. 105).

A crítica Estilística concerne no ato de identificar como o escritor, na construção de um texto literário, utiliza a língua para fins estéticos, isto é, como o externo é manifesto no interior da obra. Se a Estilística visava elementos externos, o Formalismo, movimento que surgiu na Rússia no início do século XX, considerava que a abordagem sobre um texto literário deveria ocorrer isoladamente, sem a interferência de outros fatores. Sobre o posicionamento dos formalistas russos, em torno da crítica literária, Massaud Moisés (2004, p. 106) expõe o seguinte: “a crítica deve preocupar-se exclusivamente com a obra literária, e afastar o enfoque psicológico, filosófico ou sociológico, limitando-se a descrever a arquitetura do texto em termos técnicos, segundo um método imanente”.

Os formalistas, almejando constituir uma ciência da Literatura, buscaram a literariedade do texto, em outras palavras, quais componentes definiriam um texto como literário. Por sua vez, já no século XX, ao final da década de 1960, o Estruturalismo, tomando por ponto de partida as teorias linguísticas de Ferdinand de Saussure, procurou contextualizar a Literatura dentro da linguagem, para os estruturalistas não interessava o aspecto histórico, mas a subordinação às regras gramaticais:

Em linhas gerais, a crítica estruturalista distinguia-se por situar a Literatura no contexto geral da Língua e, por conseguinte, da Semiologia ou Semiótica, ou ciência

dos signos. Identificando a obra literária com o uso intransitivo e simbólico da linguagem, admitia que o texto encerra vários sentidos, captáveis através de correspondentes “leituras”, cuja soma geraria uma provável ciência da Literatura. (MOISÉS. 2004, p.106).

Na vertente estruturalista, a abordagem levava em conta as várias faces do texto, esquematizando-o de maneira a conhecer todo seu interior. A estrutura textual era analisada parte a parte sem estabelecer nexos, mesmo sem dar atenção ao valor da obra, aceitava aportes vindos da Antropologia, da Etnografia, da Psicanálise e da Psicologia.

Ao discorrer sobre o Estruturalismo, importa considerar também o Pós-estruturalismo, que rompe com os posicionamentos estruturais, pois, para o Pós-estruturalismo o que dá sentido as palavras é o contexto em que elas estão inseridas, não seu conteúdo estrutural:

O pós-estruturalismo foi produto dessa fusão de euforia e decepção, libertação e dissipação, carnaval e catástrofe, que se verificou no ano de 1968. Incapaz de romper as estruturas do poder estatal, o pós-estruturalismo viu ser possível em lugar disso, subverter as estruturas da linguagem. (EAGLETON, 2006, p. 213).

Cabe aqui abrir um parêntesis, ressaltando que com o Pós-estruturalismo, os Estudos Literários se fortalecem e a teoria literária amplia seus horizontes, porém, no Brasil, devido ao regime militar, na década de 1970, há nas universidades, um controle intelectual, cuja tendência foi à literatura se reduzir ao estudo da forma e da estrutura dos textos e não para uma abrangência que levasse o leitor a um entendimento maior e mais profundo do texto literário.

No tocante ao período que engloba os anos 1960, tendo como preceptor o crítico alemão Hans Robert Jaus, surge a Estética da Recepção, cujo olhar centrava-se no leitor, considerando que uma obra poderia ter seu sentido alterado diante deste, conforme o mesmo fosse adquirindo experiências literárias. Considerando o contexto que engloba a presente pesquisa, na próxima seção, discorrer-se-á um pouco mais sobre a Estética da Recepção.

Concomitante à Estética da Recepção brota o Desconstrucionismo, que no lugar da dicotomia tradicionalista, sugeriu a busca pela diversificação textual; ao invés do uno, a diversidade, as muitas possibilidades, as disparidades textuais. Ao comentar sobre a crítica desconstrucionista, Massaud Moisés a classifica como “paradoxal”, para tanto toma por base a fala de Jonathan Culler, o qual afirma que tal sentido se manifesta: “por não conduzir a um maravilhoso mundo novo no qual a unidade não figura, mas, sim, por identificar a unidade como uma figura problemática. (CULLER. 1985, p.200, apud MOISÉS. 2004, p. 107).

De forma sucinta, a prática desconstrucionista consiste em desmontar um texto, observando e analisando todos os elementos que o constitui, incluindo significados ou intenções que não se expõem explicitamente ao leitor.

Em suma, pode-se dizer que a crítica literária, no século XX, caracterizou-se pelo entendimento para além da obra buscandodiálogoscom as disciplinas História, Sociologia, Psicanálise e Linguística, assim explicaria o que é o fenômeno literário. Nessa busca a crítica literária desejou igualar-se às obras analisadas, pois, conforme discorre Jean Yves Tadié (1992), muitos críticos tornaram-se, ou já eram, excelentes escritores, fator que contribui para o entendimento de que a obra, a partir do momento em que é exposta ao público, perde o direito de particularidade, passa a pertencer a todos que entram em contato com ela: “[...] não existe mais o autor, mas textos – que pertencem muito mais à crítica do que ao escritor” (TADIÉ.1992,p.9).Dessa maneira a crítica torna-se uma espécie de complementação, a quem cabe, portanto, analisar e entender o processo e a gênese da criação literária:

A crítica manifesta externamente aquilo que se passa no interior da obra, ou seja, segundo Blanchot, um espaço vazio, mas vivo. Gera, em torno da literatura, “um vazio de boa qualidade”, um “espaço de ressonância” e permite, por um instante, à “calada e indefinida realidade da obra” que fale: “E, portanto, pelo fato de ela pretender, modesta e obstinadamente, nada ser, eis que se entrega – sem dela distinguir-se – à palavra criadora de que ela seria a atualização necessária ou, falando de uma forma metafórica, a epifania”. (TADIÉ. 1992, p. 11).

Antes, embutida em um sistema criador, a obra literária passa a ser um texto em constante evolução, cuja duração independe da vida que o autor lhe deu, mas sim da crítica, que passa a criá-la, num processo de constantes análises, cujos protagonistas são os críticos das gerações futuras: “A crítica é a luz que clareia as obras do passado, sem as ter criado, que as domina, sem provocar seus iguais: é o farol de Alexandria” (TADIÉ. 1992, p.16). Como um processo natural, cuja vida de um depende da morte do outro, assim também é a morte do autor, pois a sua morte coincide com a vida e existência da obra.

A obra lida como um processo de estrutura literária e linguística adquire força, que ultrapassa o tempo. Não é que as obras anteriores ou posteriores às teorias críticas do século XX não sobreviveriam sem os processos de interpretações críticas atuais, haja vista obras clássicas, que permanecem e são revisitadas a todo o momento. O que está em *puzzle* por assim dizer, é a forma com que a crítica passa a ver a obra e a encapsular a sua existência, pois cada crítico irá ler uma obra sob a influência de outros críticos e anexando novas possibilidades de leitura:

A crítica, [...] está “ligada à busca da possibilidade da experiência literária; contudo, essa busca não é tão-somente teórica; é o sentido pelo qual a experiência literária se constitui, e se constitui experimentando, contestando, por meio da criação, a sua possibilidade”.(TADIÉ, 1992, p. 11).

A obra se torna um objeto de conhecimento a ser repassado e transpassado por muitas interpretações. Dessa forma, ao final de um determinado período ocorre a necessidade de uma revisão da crítica, pois há uma construção de outra obra pela crítica, perde-se a noção do primeiro texto, da gênese. No processo de análise das obras, a crítica desmonta os textos: poemas, romances, crônicas, livros, contos em unidades significativas: versos, sons, personagens e partes do enredo. A tendência é um texto crítico, que se insere na obra e dela faz uso para diferentes possibilidades de leitura.

Ao observar o caminho percorrido pela crítica literária, desde a Grécia até os dias atuais, é possível perceber uma enorme quantidade de preceitos, conceitos, definições, às vezes congruentes, às vezes díspares, porém, ao direcionar o olhar mais atento, como se tendo nas mãos uma lupa, um fator comum pode ser considerado: a busca por um entendimento que aprofundasse o conhecimento em torno da Literatura.

A cada novo posicionamento, a cada nova teoria: a tentativa de expor a interioridade da obra, do texto; daí o papel da crítica: “Amar a literatura é também apreciar a alegria da descoberta, “da verdade finalmente descoberta e esclarecida”, desta parte desconhecida, às vezes maldita, que somente a crítica revela” (TADIÉ. 1922,p.16). À crítica cabe mais do que simplesmente definir, pois, desenvolvê-la é prazer, é sentir, é o próprio fazer literário.

1.2 A recepção crítica: o leitor entra em cena

É possível perceber, em grande parte do percurso percorrido pela crítica literária, que a mesma pendeu mais para o lado do autor e da obra, do que para o leitor. Os segmentos críticos, em sua maioria, observavam como objeto de análise, o texto, seja relativo ao contexto histórico, social ou linguístico e o autor, seja no tocante a sua biografia ou a intenção do mesmo. Ao discorrer sobre teoria literária, Terry Eagleton, aborda também questões relacionadas com a estética da recepção, expondo que dos elementos cabíveis de observação pela crítica: autor, texto e leitor, pouco figurou o papel do leitor, porém, Eagleton ressalta a importância de um olhar mais atento para o receptor da obra, pois, é no contato com o leitor que a obra justifica sua existência:

O leitor sempre foi o menos privilegiado desse trio - estranhamente, já que sem ele não haveria textos literários. Estes textos não existem nas prateleiras das estantes: são processos de significação que só se materializam na prática da leitura. Para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor. (EAGLETON. 2006, p. 113).

É na interação que o leitor estabelece com a obra durante sua apreciação que a mesma toma forma, adquire sentido. Foi com o intuito de destacar a atribuição do leitor diante de uma obra literária, que em 1967, Hans Robert Jauss apresentou, durante a abertura do semestre de verão da Universidade de Constança, aquele viria a ser conhecido como o discurso que marcou a história da Estética da Recepção. O momento foi considerado o florescimento da estética da recepção, ocorre em meio a um contexto histórico, cujo período foi de grande mobilização por parte dos jovens, inclusive no que diz respeito ao desenvolvimento político, conforme exposto por Regina Zilberman:

[...] historiando o aparecimento da estética da recepção, situou o movimento no quadro dos acontecimentos políticos e intelectuais da década de 60. Este período caracterizou-se, efetivamente, por transformações que afetaram a vida universitária, em particular, e a sociedade ocidental, de modo amplo, com consequências visíveis em vários setores, um deles sendo o das investigações literárias. Talvez o traço mais marcante dessa época tenha sido a revelação do “poder jovem”, a juventude vindo a construir uma força política até então desconhecida [...]. (ZILBERMAN. 1989, p.8).

A referida teoria causou considerável repercussão no meio acadêmico da época, pois os direcionamentos apresentados por Hans Robert Jauss divergiam dos padrões e dogmas antigos, isso pelo fato de que muitas das correntes críticas existentes naquele período, ainda que com diferentes abordagens, tinham por foco principal a obra ou o autor, enquanto a Estética da Recepção se voltou para o leitor.

No discurso, o qual culminou no texto *A história da literatura como provocação a teoria literária* (1994), Hans Robert Jauss inicia sua fala descrevendo o cenário não propício, segundo ele, em que a história da literatura se encontrava:

A história da literatura vem, em nossa época, se fazendo cada vez mais mal-afamada – e, aliás, não de forma imerecida. Nos últimos 150 anos, a história dessa venerável disciplina tem inequivocamente trilhado o caminho da decadência constante. Todos os seus feitos culminantes datam do século XIX. [...] Hoje, essa aspiração suprema constitui já uma lembrança distante. Em nossa vida intelectual contemporânea, a história da literatura, em sua forma tradicional, vive tão-somente uma existência nada mais que miserável, tendo se preservado apenas na qualidade de uma exigência caduca do regulamento dos exames oficiais. Como matéria obrigatória do currículo do ensino secundário ela já desapareceu na Alemanha. No mais, histórias da literatura podem ainda ser encontradas, quando muito, nas estantes de livros da

burguesia instruída. [...] Nos cursos oferecidos nas universidades, a história da literatura está visivelmente desaparecendo. (JAUSS. 1994. p. 5-6).

Hans Robert Jauss, ao compor tal quadro, discorre sobre duas maneiras de abordagem em torno da história da literatura, a primeira, ansiava por escapar da apresentação cronológica, estabelecendo conceitos mais amplos, como estilos de época e gêneros textuais; a segunda tinha por objetivo a tomada cronológica, visualizando autor e obra, procedimento que levava em consideração os padrões estabelecidos na antiguidade clássica. Hans Robert Jauss aponta problemas nos dois direcionamentos; no primeiro, a problemática se daria com o passar do tempo, pois à medida que as obras se aproximam do presente, torna-se necessário eger quais escritores e obras vão ser analisados.

Para o crítico em questão, além de complicada a eleição dentre o conjunto dessas obras, tal atitude não seria vista com bons olhos, pois levaria o historiador a distanciar-se historicamente das obras, tornando-o “um parasita da crítica” ⁷. No segundo, ocorre a correspondência direta com o cânone composto por “autores da Antiguidade clássica”, não que tal cânone deveria ser desprezado, mas o que Hans Robert Jauss pontua é que o ato de apenas “enfileirar vida e obra” não constituiria “história alguma”.

No segmento crítico estabelecido por Hans Robert Jauss, duas correntes teóricas são abordadas de maneira mais específica, são elas: a Teoria Literária Marxista e o Formalismo. Seu posicionamento configurou em apresentar a Estética da Recepção como resposta a oposição entre a literatura e a história, gerada pelas duas referidas correntes, pois, segundo Hans Robert Jauss, nenhuma era capaz de solucionar tal impasse, seja no tocante a estética, que cabe ao Formalismo, ou no âmbito representativo, direcionado a Teoria Marxista. Sobre elas Hans Robert Jauss dispõe da seguinte maneira:

Por caminhos opostos, ambas tentaram resolver o problema de como compreender a sucessão histórica das obras literárias como o nexa da literatura, e ambas mergulharam, por fim, numa aporia cuja solução teria exigido que se estabelecesse uma nova relação entre a contemplação histórica e a contemplação estética. (JAUSS. 1994, p. 15).

Referente à tomada marxista, Hans Robert Jauss destaca que talvez por questões políticas, a mesma apegou-se ao nacionalismo, deixando de lado o que de fato culminaria em um processo considerável: “a relação entre literatura e sociedade” (JAUSS. 1994, p. 16), porém, com ressalvas, visto que: “Somente uma porção reduzida da produção literária é

⁷ As expressões em destaque são excertos da fala de Hans Robert Jauss, dispostas no texto *A história da Literatura como Provocação à Teoria Literária*, 1994, nas páginas 7-8.

permeável aos acontecimentos da realidade histórica, e nem todos os gêneros possuem força testemunhal no tocante à lembrança dos motivos constitutivos da sociedade” (JAUSS. 1994, p. 16).

Sobre a teoria de cunho marxista, Hans Robert Jauss ainda pontua que, o fato da mesma tentar absorver diferentes ocorrências literárias, adicionaria uma problemática a mais, pois as mesmas não são redutíveis a um determinado momento histórico. Por fim, ele ainda critica a “construção de cânones tão comum a todas as escolas marxistas e obrigatória até pouco tempo atrás” (JAUSS. 1994, p. 17). No tocante à crítica sobre o estabelecimento de cânones, ao fazê-la Hans Robert Jauss não intenciona desqualificar obra alguma, mas acionar o fio condutor da Estética da Recepção, visto que tal formação privilegia autor e obra, enquanto a teoria defendida por ele favorece o leitor.

Ao tecer críticas sobre o Formalismo, Hans Robert Jauss expõe que no início seus elaboradores tinham por foco o “caráter artístico da literatura”, separando a obra de elementos históricos, estudando a forma isoladamente, porém, com o passar do tempo, o estudo da diferenciação entre linguagem poética e linguagem prática, mostrou-se insuficiente, levando a teoria formalista a voltar-se para a historicidade da obra:

Com isso, a escola formalista começou a buscar seu próprio caminho de volta rumo à história. Essa sua nova proposta distinguia-se da velha história da literatura pelo fato de abandonar a concepção básica desta última de um processo linear e continuado, e por contrapor, assim, ao conceito clássico da tradição um princípio dinâmico da *evolução literária*. O prisma da continuidade perdia, pois sua velha primazia no conhecimento histórico. A análise da evolução literária desnuda, na história da literatura, a *autogeração dialética de novas formas*. (JAUSS. 1994, p. 19).

Mesmo trilhando o caminho de volta, a teoria formalista ainda mostrou-se insuficiente, visto que, compreendia a obra literária inserida em um sistema evolutivo, sem “contemplá-la na história”, ou seja, sem observar qual sua relação com a história de modo geral. Diante dos levantamentos expostos, Hans Robert Jauss considera a Estética da Recepção capaz de resolver os impasses apresentados pelas duas correntes literárias, a marxista e a formalista, uma vez que, concerne o entendimento da literatura mediante a participação do receptor, conectando a obra literária com o elemento que lhe confere historicidade: sua relação com o público.

Para a Estética da Recepção, o leitor deve ser observado como participante do contexto histórico que engloba a obra literária, capaz de imprimir sentido ao texto. Não é a obra que sobrepõe ao leitor, mas sim, o leitor que sobressai a esta, carregado das leituras que

fez durante sua vida e do conhecimento que tem a respeito do sistema literário, ele reage de maneira diversificada de outrem. Desse modo, a Estética da Recepção conduz a crítica literária a deparar-se com o leitor, conferindo-lhe também o papel outrora destinado somente aos críticos:

Esse estado vale para qualquer processo de leitura, ou seja, antes de tudo o crítico é um leitor como qualquer outro que busca apreender, por meio da consistência estabelecida, a obra como um todo articulado. Nesse processo críticos e leitores têm a mesma competência. (ISER. 1996, p.46).

Como se pode observar, a competência do leitor em torno da obra literária faz parte do cerne da Estética da Recepção, já que a mesma entende o fato literário como um procedimento dialógico, isto é, um processo comunicativo, no qual o leitor figura como verdadeiro destinatário. Nesse sentido, a Estética da Recepção supriria o espaço, ou melhor, a abordagem que os teóricos de cunho marxista e formalista deixaram de atribuir ao leitor:

Leitores, ouvintes, telespectadores – o fator público, em suma, desempenha naquelas duas teorias literárias um papel extremamente limitado. A escola marxista não trata o leitor – quando dele se ocupa – diferentemente do modo com que ela trata o autor: busca-lhe a posição social ou procura reconhecê-lo na estratificação de uma dada sociedade. A escola formalista precisa dele apenas como sujeito da percepção, como alguém que, seguindo as indicações do texto, tem a seu cargo distinguir a forma ou desvendar o procedimento. [...] Ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa.(JAUSS. 1994, p. 22-23)

A Estética da Recepção, ao estabelecer a relação com o leitor, reforça o sentido de comunicação entre um e outro, visto que, o escritor ao conceber a obra a destina também ao leitor, seja este especializado ou não, pois conforme expõe Wolfgang Iser, o crítico literário é “antes de tudo um leitor”. É na interação com o destinatário que a obra adquire valor estético e histórico.

O valor estético se manifesta por meio da comparação que o leitor faz, entre a obra que está lendo e outras que compõem seu repertório de leitura, já, o valor histórico se revela por ser possível compor uma sequência de recepções por parte dos leitores, a qual passa por várias gerações. A Estética da Recepção, dessa maneira, apresenta teoria e método, referindo o alcance da recepção e o efeito que a obra exerce sobre o leitor. A mediação, feita pelo leitor, assume papel resolutivo da aparente contrariedade entre o teor estético e o histórico, definindo o leitor como a terceira estância da história da literatura:

[...] mas também, com certeza, á exigência de que se reconhecesse o leitor como uma terceira instância, uma instância mediadora da história da literatura, a qual, tradicionalmente, havia sido uma história dos autores, das obras, dos gêneros e dos estilos. Nesse sentido, *A história da literatura como provocação à teoria literária* era fundamentalmente, em sua intenção, uma apologia da compreensão histórica tendo por veículo a experiência estética [...].(JAUSS. 1994, p. 73).

Na base teórica da Estética da Recepção está o reconhecimento do leitor como participante da constituição histórica da literatura, situando-o no tempo e espaço, tanto que ao estabelecer as sete teses da referida teoria, primeiramente Hans Robert Jauss pontua que a relação entre o leitor e a obra é anterior à história da literatura. Segundo Hans Robert Jauss, a obra é atualizada pelo leitor inserido em diferentes épocas, fator que acarretará novos elementos a obra, sem, no entanto apagar características já existentes, o que ocorre não é a substituição, mas a renovação dos mesmos, ainda que com algumas alterações.

Diretamente ligada ao posicionamento do leitor diante da obra literária, está a expectativa deste, gerada a partir de conhecimento prévio do gênero:

[...] sistema de referências que se pode construir em função em função das expectativas que no momento histórico do aparecimento de cada obra, resultam do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras já conhecidas, bem como da oposição entre linguagem poética e a linguagem prática.(JAUSS. 1994, 27).

O conhecimento que o leitor adquire ao longo do processo de leituras, contribui para que o mesmo interaja com uma obra literária e imprima sobre ela o que Hans Robert Jauss, na segunda tese, denomina como “horizonte de expectativas”, porém, essa tomada por parte do leitor não aparece do vazio, mas do conjunto de obras, gêneros e linguagem que compõe o seu conhecimento empírico.

Concomitante à expectativa do leitor está o valor da obra, ou melhor, a obra de valor, apresentada na terceira tese, a qual inserida no contexto da Estética da Recepção vai ser aquela que propicia elementos para o alargamento e modificação do “horizonte de expectativa” do leitor, ou seja, é capaz de superar o imposto pelo leitor, levando-o a uma nova perspectiva.

Na quarta tese, Hans Robert Jauss expõe que ao traçar novos direcionamentos em torno da obra, o leitor ajuda a construir a história da recepção estética da mesma, visto que, tal construção se elabora a partir do saber de como a obra foi recebida em determinada época, se houve rejeição, se rompeu com valores existentes, se apresentou inovações e se, com o passar do tempo, houve diferença na maneira como ela foi recebida pelo público.

Nas três últimas teses, a historicidade da literatura é abordada sobre três aspectos: primeiro a partir da diacronia, que remete à recepção da obra literária no decorrer da sua existência, considerando que as diferentes abordagens, não devem ser vistas como evolução, mas como algo natural, aliadas a novos conceitos, novos posicionamentos, o que, dependendo do período histórico, acarreta em valorizar ou desvalorizar a obra, resultando num constante movimento da historicidade literária.

O segundo aspecto parte da sincronia, a qual pontua que mesmo que uma obra tenha surgido num período anterior ao do leitor, esse a tomará por atual, inserindo-a no seu contexto, o autor expõe que o público “a percebe como obras da sua atualidade e as relaciona umas com as outras” (JAUSS. 1994. p.48), para tanto, observa semelhanças e diferenças referentes ao seu tempo. Dessa maneira, o leitor do seu “horizonte de expectativas” pode classificar uma obra como atual ou não, pode inferir o seu gosto sobre a obra. O terceiro aspecto trata da relação entre a literatura e a vida em si, que pode exercer importante papel sobre o leitor, modificando sua visão de mundo e ampliando suas expectativas.

Expostas algumas considerações que permeiam a teoria que engloba a Estética da Recepção, importa salientar que, a mesma não é detentora de todas as soluções das diversas problemáticas que rodeiam a história da literatura, recebendo até muitas críticas, inclusive no que diz respeito à última tese, críticas que Hans Robert Jauss procurou responder, conforme expõe Regina Zilberman:

Jauss percebe a lacuna, que procura sanar; antes disso, entretanto, busca comprovar que seu programa se destina, sobretudo ao campo aplicado, com teses visando dar a conhecer melhor os produtos artísticos coletados pela história da literatura. (ZILBERMAN. 1989, p. 40).

Destarte, a Estética da Recepção deve ser vista, antes de tudo, como contribuinte de um sistema que está sempre em movimento, em constante transição entre presente e passado, ainda que, visando o futuro, uma busca por ampliar a compreensão do fazer artístico, no qual está incluso a obra literária.

1.3 Uma pequena pausa: falando de história e historiografia

O percurso percorrido pela crítica literária, não se restringiu somente a uma determinada época, mas acompanhou a evolução social, passando por diversas escolas e posicionamentos teóricos, excluindo, adquirindo ou correlacionando diferentes aspectos,

resultando assim na formulação de uma história própria. Atrelado à formulação histórica, tem-se, no fazer crítico, a concepção historiográfica, na qual, advém de estudos que buscam identificar como se deu cada tomada comportamental, cada interferência, cada influência, entre outros.

A discussão historiográfica a seguir, justifica-se à medida que, diante dos direcionamentos apresentados na presente pesquisa, verificou-se necessário uma pequena pausa para elencar alguns apontamentos sobre o conceito de historiografia. Ainda que, em um primeiro momento, pareça simples estabelecer parâmetros para discorrer sobre o que pode ser definido como história ou historiografia, ao realizar uma busca por tais definições é possível observar que as designações sobre os termos, nem sempre conduzem a um mesmo entendimento, apresentando diferentes posicionamentos, conforme expõe Luiz Henrique Torres:

A polissemia do conceito de história (processo, conhecimento, campo do conhecimento?) e de historiografia (expressão e produto de uma prática intelectual?) ou a compreensão de crítica historiográfica (desambiciosa descrição de historiografia ou análise crítica de historiografia?) encontra diferenciadas posturas conceituais. (TORRES. 1996, p. 53).

As posturas diante do conceito de história, segundo Torres, se reduzem a duas variantes: “história enquanto processo do acontecer humano no espaço-tempo e história-conhecimento” (TORRES. 1996, p.55), a primeira relaciona-se com a possibilidade de reconstituição e a segunda com mecanismos intelectivos relativos a análises factuais. Ao formular a noção conceitual de história, as duas variantes se convertem em uma, o que resulta no conhecimento de algum tema específico ou fatos. Obtido a partir de um conjunto de fatores, tal conhecimento, para ser expresso cientificamente, necessita da apuração de vários elementos os quais, sujeitos a uma metodologia de análise crítica, tornam-se uma elaboração intelectual.

Como produção intelectual, importa salientar que a construção histórica, não ocorre de maneira isenta, pura, mas, atribuída de elementos pertencentes à vivência do historiador, situado em seu tempo: “Esse processo racional formula verdades relativas dinamizadas no espaço-tempo do elaborador (situado historicamente com limitações e interações com o meio, portanto, inserido na história-processo)” (TORRES. 1996, p.55). Situado em um determinado período, o conhecimento histórico apresenta-se como uma possibilidade de representação, aglomerando vários direcionamentos e é justamente na composição do

conhecimento histórico que se manifesta a historiografia, pois, é ela que concede, ou melhor, busca conceder, veracidade ao que foi apresentado:

[...] o conceito de historiografia quase sempre é associado com o de história-processo, legando ao conhecimento histórico aquele *status* de verdade que traduz e sintetiza as motivações de um período analisado, indicando a equiparação entre real e construção. (TORRES. 1996, p. 56).

De forma mais direta, a historiografia pode ser entendida como o fator construtivo e interpretativo da história, o saber dos fatos, a descrição de como os mesmos ocorreram. Torres define a historiografia como “um fragmento”, que inserido dentro de um todo leva a compreensão do passado. Em outras palavras, a história é conhecimento de algum fato ou tema e a historiografia o estudo, a descrição de como e porque se deu tal fato:

A historiografia é toda produção do conhecimento histórico (ou de outras áreas do conhecimento) referente a determinado tema e período. Não é história (processo), nem é somente conhecimento histórico, mas o conhecimento situado na historicidade de seu acontecer, sendo história-processo na dimensão de sua contemporaneidade. (TORRES. 1996, p. 56).

Aplicada ao campo da crítica literária, a historiografia corresponde ao estudo dos elementos, dos fatores, sejam eles ideológicos, políticos ou sociais, que no decorrer do tempo formularam diversos conceitos. Desse modo, a diversidade que abrange a crítica literária, ou qualquer outro tema ou fato, pode ser entendida como um processo natural, visto que o construir humano, como que movido por uma alavanca, está sempre em movimento:

[...] os homens refazem continuamente a história partindo da organização material no cotidiano de uma determinada sociedade, e reescrevem a historiografia, recriando conhecimento com base no saber historiográfico e rumando para novos momentos em que o presente será historiografia, a ser recriado pelas gerações futuras. (TORRES. 1996, p. 57).

Os fatos, os escritos, os temas abordados, as pesquisas acadêmicas, os apontamentos críticos de hoje, quando observados em um tempo vindouro, servirão como elementos para uma construção historiográfica que não se põe imóvel, mas, que segue em constante mutação, pois, como participante da história, renova-se a cada novo posicionamento, a cada novo olhar, a cada novo entendimento de leitura.

1.4 Literatura e Sociedade

O termo *literatura* vem do latim, cujo radical significa a arte de escrever, contudo esta significação não permaneceu por muito tempo, embora tenha continuado como sendo tudo que designa a escrita do homem. A escrita e a organização do mundo que rodeia o homem passam a ser designadas como literatura. No artigo “*Natureza e Função da Literatura*”, publicado na revista *Página de debates: questões de linguística e linguagem* (2009), Eliane Maria de Oliveira Giacom, discorre sobre o tema, relatando que tudo era literatura, tanto os textos pagãos como os textos bíblicos, até que, Cassiano e São Jerônimo, século IV, tecem a separação classificando os textos pagãos como literatura e as escrituras como textos sagrados. Posta esta primeira divisão, outras se seguiram:

Antes do século XIX, segundo Culler, as pessoas escreviam todo tipo de texto, que recebiam a denominação de literatura, sendo eles desde tratados de Medicina e Ciências Naturais até os poemas de Homero, pois tudo significava texto escrito. Hoje a mudança é substancial e textos como Eneida de Virgílio ou Odisséia de Homero recebem um tratamento diferenciado.

Esse sentido moderno de literatura foi atribuído por Madame Staël, no final do século XVIII, na obra *Sobre a Literatura comparada e suas Relações com as Instituições Sociais*. (GIACON. 2009, p. 1).

Muitos estudos sobre a definição de literatura foram realizados, sendo que, por fim, optou por força do didatismo, criar histórias das literaturas. Na maioria das vezes as abordagens priorizavam por elencar autores e obras, o que resultou na perspectiva historiográfica e não representação de temas, que os textos poderiam captar do mundo e da história do homem, contudo, mesmo com seleção de obras, porque nem um livro conseguiu abarcar todas as obras que foram produzidas num determinado período, estes manuais deram um formato da identidade da literatura nacional.

Ao final do século XX, os livros de História da Literatura passam a ser substituídos pela Revisão do Cânone e não houve mais a preocupação de elencar obras e estudos, mas sim, de revisar e visitar as que anteriormente não havia sido lidas ou até mesmo pouco exploradas. Assim o conceito de literatura passa a ser discutido por muitas pesquisas; por muitos estudos e muitas vezes até não se discute, mas os textos críticos passam a se preocupar com definição, volta-se para a relação entre a literatura e a sociedade que a produz.

Desse modo, discorrer sobre literatura implica, entre outras coisas, abordar a relação que esta mantém com a sociedade, pois, “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características”

(TODOROV.2009, p.22). Tal compartilhamento, devido a questões políticas, sociais, pedagógicas, literárias ou acadêmicas, não ocorre de maneira fixa e definida, mas, de forma variada e volúvel, numa constante intermediação entre a literatura e sociedade, pois é preciso “realçar que a relação entre a obra literária e a sociedade é extremamente mediada” (ROSENFELD.1976,p. 57).

A relação entre a obra literária e a sociedade que a produziu, é uma temática que já rendeu muitos estudos e teorias, contudo quando entra no âmbito dos estudos regionalistas, muitas vezes as fronteiras entre o momento histórico e a sociedade se cruzam, posto que alguns textos possuam tanto a carga da época literária, quanto da sociedade, em que ele é produzido. Nem sempre também é possível afirmar que as características de uma obra são regionais, razão pela qual ao analisarmos e discutirmos, tanto a crítica quanto a produção regional, ocorre fatores que necessitam de uma observação mais atenta por parte do pesquisador, como, por exemplo, escritores de uma determinada região do Brasil, cujos textos estão mais ligados ao contexto histórico e a sociedade nacional do que às cores regionais.

Nos estudos sobre literatura, há a necessidade de discutir um pouco sobre o que esta seria e o caminho a ser percorrido pelos estudos a que um texto acadêmico se propõe, visto que, para um estudo que pretende ser sistêmico, discorrer sobre o que é literatura, mesmo que seja um assunto, que para muitos parece repetitivo, não o é, pois a literatura caminha com a História, com a Sociedade e com o homem que a criou, fazendo-se assim participante da construção humana.

Muitos são os questionamentos que tem sido feitos em torno do que é, do que vem a ser literatura, de como a mesma poderia ser definida, fato que, segundo Massaud Moisés (2004, p.264) ocorre há muito tempo: “problema fulcral e permanente situado na base de todas as controvérsias críticas e teóricas, o conceito de “literatura” tem sido amplamente examinado, sem conduzir a resultados definitivos”, enfatizando o exposto, o crítico discorre ainda que tal situação se dá mediante a constante evolução da escrita literária.

Essa evolução está diretamente ligada às mudanças sociais, pois, “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (CANDIDO.2006, p.28). Porém, há de se considerar que, embora a literatura dialogue e apresente características do meio social em que é produzida, em razão de outros fatores que ultrapassam a concepção social, ela não está sujeita a ele:

Qualquer simplificação neste terreno desvirtua os fenômenos. De modo algum a obra de arte literária pode *ser reduzida* a condicionamentos sociais. Não pode ser

explicada, como um todo estético valioso a partir deles, por mais que estes fatores tenham influído nela e se manifestem nos seus vários planos.(ROSENFELD, 1976, p. 57).

A literatura, enquanto arte transcende as concepções sociais, embora apresente aspectos passíveis de correlação com a realidade, não é representação desta, mas participadora, haja que, o leitor, ao deparar/debruçar-se sobre a obra literária infere-a em sua realidade, daí a transfiguração da literatura, inserida pelo leitor na realidade social que a permeia, porém, acima das idealizações que estabelece tal realidade:

No processo da criação interferem intensamente elaborações imaginativas e obsessões pessoais que particularizam radicalmente os momentos socioculturais. A própria obra impõe certos imperativos estéticos que não podem ser derivados, sem mais nada, do momento histórico-social, visto decorrerem, ao menos parcialmente, da tradição autônoma de cada gênero. Esta, embora tenha por sua vez raízes sociais, não pode ser reduzidas a elas e é reelaborada de um modo complexo e pessoal, embora sob a influência de novas situações histórico-sociais. (ROSENFELD, 1976, p. 57-58).

A obra de arte, o texto literário, muitas vezes vai além da sociedade que o criou, ultrapassando barreiras impostas pelo tempo. E a razão disto é a universalidade da obra, visto que, muitos fatos, que sucedem num determinado momento histórico tendem a ocorrer em outro, seriam como ondas, que o solo do mar, que seriam os homens, não percebe, pois, pensam que são novas ondas, que estão chegando, mas não, elas os deixarão no mesmo lugar, que antes eles estavam. Elas apenas passam, assim serão sempre os fatos, o que permanece é o homem e seu estar no mundo. Dessa maneira, o texto literário, criado em uma determinada sociedade se desloca dela e passa a ser lido na posteridade como algo imanente ao homem de todas as épocas.

Das muitas belezas literárias, a capacidade de uma obra transitar entre diferentes períodos e composições sociais, merece destaque, pois tal êxito não a desliga de sua origem, nem dos elementos que a relaciona com o local, com o período de sua produção, não desvirtua toda uma teoria de que há uma estreita comunhão entre a sociedade que produz um texto e o mesmo, dado que a sociedade que produz um texto é a matriz de onde ele saiu, mas, esta sociedade também está inserida na jornada humanística, cujos fatos históricos irão se repetir, pois todos eles foram e são criados pela luta da adaptação do homem às mudanças de sua existência e da nomeação do mundo que o rodeia. Assim, literatura não é um documento, mas um veículo transmissor, que leva por meio da palavra, a história dos sentimentos da humanidade de uma geração para outra.

A literatura, mesmo atrelada ao meio social, o que volta a estabelecer uma linha com o exposto por Anatol Rosenfeld, não exerce função documental, não é um retrato fiel da realidade, mas, analogia desta: “a Literatura é a criação de uma para-realidade”(MOISÉS.2004, p. 266), ou seja, similar, não idêntica. Sobre tal direcionamento, Todorov expõe que:

A literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros, e por isso nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo.(TODOROV. 2009, p. 23-24).

O sentido de realidade, proporcionado pela literatura pode ser observado não pelo caminho de ser verdade, mas como uma forma de entrelaçar os sentidos com as palavras, não consegue com as mesmas palavras dizer o que ela vem a ser, pois como um buraco negro, que só pode ser detectado pelo movimento dos corpos celestes ao seu redor, o conceito de literatura só pode ser percebido pela linguagem, que se transborda na descrição das experiências vividas, que se completam pelas observações do leitor, aquele leitor que vive no mundo chamado real, que pode ser um leitor comum ou um especializado.

A experiência vivida se refere à validade dos fatos e das ações das personagens, que se entrelaçam com a vida dos homens, dos pequenos e grandes homens, de suas alegrias e tristezas, da capacidade de viver e de sua vida ser representada, da mesma forma que as artes representam o tempo e a sociedade de cada fase do homem na Terra. A literatura como mais uma das artes se tornou um lugar privilegiado da sociedade letrada:

A literatura é o lugar privilegiado em que a experiência “vivida” e a contemplação crítica coincidem num conhecimento singular, cujo critério não é exatamente a “verdade” e sim a “validade” de uma interpretação profunda da realidade tornada em experiência. (ROSENFELD. 1976, p.55).

Falar de interpretação da realidade por meio da literatura consiste, também, em abordar o conceito de mimese apresentado na Antiguidade por Aristóteles: “a arte literária entendida como imitação, ou a capacidade de reproduzir, com meios próprios, os mecanismos utilizados na criação da realidade do mundo; em síntese, arte como recriação” (MOISÉS.2004, p. 265). Embora possa ser visto como recriação, o processo mimético é complexo, pois está sujeito à relatividade, à natureza, à ciência, à realidade e à experiência vivida.

Inserido no quadro que engloba a experiência do contato com a arte literária, encontram-se diversos direcionamentos críticos, os quais, no tópico sobre o percurso da crítica literária, foram abordados, sob uma tomada geral, porém, ao discorrer sobre a relação que a literatura estabelece com a sociedade, a qual está inserida na vertente dos estudos literários, importa apresentar algumas considerações em torno do cenário brasileiro.

No texto *Cultura e culturas brasileiras* de Alfredo Bosi, que será citado a seguir, o autor apresenta duas situações sobre os estudos literários no Brasil, uma na década de 1960 e outra na década de 1970, mais precisamente a partir de 1968. Este autor discorre que na década de 1960 o ensino de literatura nas universidades, que deveria fomentar um espaço de discussão do texto, viu-se subjugado, o texto passou a ser recortado como meio de justificar uma teoria, o que desvirtuou o restante dos estudos, sendo que permaneceu somente o estudo da forma e da aparência do texto, ou seja, da superficialidade do mesmo:

Perdendo-se a sensibilidade ao contexto preciso do texto, perde-se a capacidade da interpretação histórica concreta. Os estudos literários viram-se, pelo menos no período agudo dessa tendência, à mercê de uma violenta sincronização das formas e dos significados que eram recortados como se fossem todos contemporâneos da nossa consciência estética ou das nossas próprias ideologias. Os resultados são ambíguos. Lê-se o que não poderia estar historicamente presente no texto. Não se lê o que estava concretamente nele. (BOSI.1992, p. 309).

Passado esse período, Bosi acentua que a partir de 1968, tais direcionamentos deixam de ser suficientes, a busca pela valorização e significação dos trabalhos desenvolvidos no âmbito acadêmico tornou-se constante, fato que contribuiu para a superação da forma imposta anteriormente, deixou-se de lado a imanência do texto e passou-se a exercer um olhar sobre a ligação com o sentido expresso pela obra literária. Cabe aqui, abrir um parêntese para pontuar que, nos dias atuais, a literatura, aliada à crítica, está cada vez mais isolada no âmbito acadêmico, sendo produzida especialmente por intelectuais pertencentes a este meio, colaborando assim, para a restrição do universo literário.

Além dos segmentos da crítica, a representação social também ocorre por meio de obras inseridas em movimentos literários, como o Romantismo, por exemplo, com discursos nacionalistas, sem formas fixas, reflexo do mundo burguês e do início da busca pela individualidade e do Realismo, com linguagem simples, direta, retratando os homens em seu contexto histórico e social.

No Brasil, se na década de 1960, de acordo com Bosi (1992), a tendência era o estudo da superficialidade do texto e não da relação com a sociedade, que o produziu; no século XX e XXI os estudos da literatura regional abordam o dado local, contudo sob a perspectiva de

uma sociedade em transformação. Os aspectos regionais deixam de ser puramente geográficos e os escritos passam a contar a agonia e o sentido da vida do homem de todos os tempos e de todas as terras. Surge assim, ao final do século XX e início do XXI, um *boom* de estudos regionais, que se fortalece tanto com análises de obras de escritores dos estados e entre eles o de Mato Grosso do Sul, quanto da voz do escritor, que passa a interagir com a crítica e a ser crítico de sua própria obra.

Ao voltar o olhar para a relação entre literatura e sociedade, torna-se difícil desvencilhá-la da concepção histórica, pois, o passar do tempo trouxe consigo alterações no percurso histórico social, visto que, conforme a humanidade caminha, a maneira de ver o mundo, de comunicar, de viver se transforma, trazendo novos contextos, novas possibilidades e a literatura, por sua vez, não fica imune, faz-se participante desta.

Discorrer sobre literatura ou sobre a crítica literária, requer também, reconhecê-las inserida no fazer social humano, pois a crítica literária decorre da literatura e essa por sua vez, encontra-se atrelada à história da humanidade. Seja desde os apontamentos levantados na Grécia Antiga até os dias atuais, a literatura e a crítica em torno dela, assim como a sociedade, seguem em constante evolução.

O sentido de evolução no campo dos estudos literários, não deve ser pensado como uma forma de substituição, mas como renovação, processo que consiste na adição de novos elementos sem desfazer dos que já existem, pois, mesmo haja posicionamentos contrários ao que foi exposto, o mesmo só existe por considerar o passado, dessa forma, nos estudos literários, passado, presente e futuro, encontram-se intimamente ligados.

Os vários direcionamentos críticos existentes, de uma maneira ou de outra, corroboraram para o fortalecimento do fazer literário, mesmo que sejam muitos os percalços enfrentados pela literatura, e por assim dizer, por tudo que a envolve. Ora, a constante busca por uma crítica eficaz e precisa, demonstra a grandiosidade, o alcance que a literatura é capaz de obter.

A relação que a literatura estabelece com a sociedade, não ocorre somente pelo conjunto obra, autor e leitor, mas no diálogo que ela mantém com aspectos de um determinado período ou meio social. O fato de ser possível perceber traços pertinentes ao meio em que a obra literária é produzida, não a converte em transcrição da realidade, em um documento, mas demonstra sua sensibilidade, visto que, aquilo que é exposto por ela, manifesta os anseios internos do ser, o que o torna humano.

Na composição literária e crítica, também ocorre a construção histórica do homem, pois, entender a literatura como condição histórica, é compreender que, a natureza nela representada, não pode ser outra além da natureza de quem a produz. Cada movimento literário, cada direcionamento crítico, cada obra, cada autor, cada leitor, é uma partícula, elemento de um conjunto, nem sempre uniforme – e assim deve ser – mas belo, que visa levar o ser humano a refletir sobre seu estado e o da sociedade como um todo.

2-REGIONALISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA E SUL-MATO-GROSSENSE

No texto *Instinto de Nacionalidade* (1873), Machado de Assis, discorre sobre como a literatura da época tentava expor a identidade nacional, afirmando que muitos escritores se apegavam apenas as belezas naturais e a regionalidade, segundo ele, até mesmo a opinião popular ressaltava tais aspectos, fator que leva o referido autor a negatizar tal atitude, não pelo anseio de uma literatura nacional, mas pelo exagero, pois, nem a influência exterior, nem a nacional deviam ser de todo desprezadas, nem de todo aproveitadas, mas deveria prevalecer o bom senso.

As considerações apresentadas pelo autor acima, situadas no final do século XIX, compõe um quadro que possibilita visualizar alguns elementos da literatura e da crítica literária praticada no Brasil, como por exemplo, a falta de interesse dos brasileiros pela leitura dos clássicos - ele levanta tal questão salientando que, os clássicos devem ser lidos não para serem copiados, mas como provedores de conhecimento - e a falta de uma crítica apurada capaz de conceder grandiosidade a literatura brasileira. Tomando por base a fala de Machado de Assis, é possível perceber os principais embates enfrentados pela crítica literária brasileira, o entendimento em torno da busca por uma identidade nacional, a prevalência da poesia lírica, com linguagem rebuscada, porém, aparente, sem a sensibilidade necessária para o engrandecimento da mesma e em especial os romances brasileiros, gênero que Machado de Assis aponta como o preferido pelos escritores nacionais: “De todas as formas várias as mais cultivadas atualmente no Brasil são o romance e a poesia lírica; a mais apreciada é o romance, como, aliás, acontece em toda parte, creio eu” (ASSIS. 1873, p.3).

Sobre a preferência dos escritores brasileiros pelo romance, o crítico aponta como causa o fato de não ser produzidos no Brasil textos que referenciem outros temas como filosofia, linguística, etc., afirmando ainda que, isto não devia ser visto como positivo, nem como negativo, mas, como determinado período histórico, pois o Brasil ainda estava na “primeira mocidade” (ASSIS. 1873, p.3). Ao abordar tal preferência, este autor retoma a questão da regionalidade, muito presente no referido gênero, principalmente nas obras interioranas, crítico resalta que o problema não está na descrição que segundo ele chega a ser “realmente bela” (ASSIS. 1873, p. 4), mas na falta de interesse em questões mais relevantes, visto que, em tais escritos predominava a boa moralidade, livre de censura e de intenções políticas, refletindo os costumes e a natureza.

Ao compor sua argumentação, Machado de Assis elabora um ensaio, que segundo Afrânio Coutinho (1968), ficaria conhecido como um dos “mais importantes documentos da teoria crítica brasileira”, isto posto, a escolha, na introdução deste capítulo, pelos apontamentos machadianos, se deu com o intuito de estabelecer um elo com os tópicos que serão abordados, visto que os mesmos apresentam considerações sobre regionalismo e sobre a crítica literária brasileira. O que será apresentado a seguir, ainda que, sucintamente, tem em voga aspectos que abrangeram a produção literária no Brasil, e porque não dizer, abrange, pois, como já exposto no primeiro capítulo, o fazer crítico e literário, assim como as constituições sociais, estão em contínuo processo de renovação, em constante diálogo entre passado e presente, e fazendo uso das palavras com as quais Machado encerra sua fala: “com certíssimo futuro”.

2.1 Regionalismo

Expôr sobre regionalismo requer, antes de qualquer posicionamento, compreender que não se trata apenas da questão geográfica, territorial, mas de um aglomerado de fatores, sejam eles, culturais, políticos ou ideológicos, os quais, participantes de uma determinada constituição social, resultam em novos direcionamentos, abrindo diversas possibilidades de leitura. Ao discorrer sobre o tema, DINIZ; COELHO(2005, p. 415) expõe que: “Tratar do regionalismo hoje implica revisitar posições cristalizadas e contemporâneas”. Seria muito simples, se os textos viessem todos de uma localidade e só se referissem ao dado local, mas não é este o caso predominante nas produções literárias regionais, pelo fato do cerne do texto extrapolar as medidas de identidade e passar a tentar responder à existência do homem de todas as épocas.

No século XIX a leitura do regional era descrita pelo viés romântico, cujas cores eram do outro, o escritor influenciado por uma literatura europeia; no século XX e XXI há a posse do regional por parte dos escritores, que descrevendo ou não o dado local, expõe nas linhas textuais a leitura de mundo fragmentado, que busca na regionalidade a última âncora para fixar o sentimento de estar no mundo do homem.

Para compor o quadro introdutório do livro *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, José Couto Vieira Pontes, expõe que, durante muito tempo, os textos literários escritos nos estados buscaram seguir as tendências nacionais, resultando em obras direcionadas para movimentos predominantes, porém, mesmo imitando o exemplo que vinha

de um fator reconhecido nacionalmente, as características regionais, que serviam de base para a produção literária, sempre estiveram presentes. Isso ocorre devido ao fato de que “enquanto escrevemos estamos em tal e qual lugar no mundo e a partir dele enunciamos” (NOLASCO; BESSA-OLIVEIRA; SANTOS.2011, p. 16), ou seja, é a partir da visão de mundo do escritor que o texto é gerado.

Essa visão de mundo, acarretada de fatores ideológicos, por vezes, pode passar despercebida, porém, ainda que inconscientemente (ou não), ao construir uma obra, o autor a produz intencionalmente, a espera de um determinado público, de determinada afirmação:

Seria ridículo querer negar hoje que o fato literário se relacione com condições socioculturais gerais, com a posição social específica do autor e os gostos dos variados públicos a que cada autor se dirige, estes por sua vez socialmente condicionados. Todos esses fatores se manifestam de algum modo na obra. (ROSENFELD. 1976, p. 56).

A manifestação na obra literária de fatores correlacionados ao olhar do autor diante da sociedade, não ocorre intencionalmente, mas se dá por meio da liberdade que este tem, intermediada pela linguagem:

No decorrer da infundável trajetória da natureza humana, os dramas e os sentimentos são sempre os mesmos, o que se modifica são os contextos histórico, sociocultural, religioso, político e econômico que possam estimulá-los ou interditá-los. Dentro dessa ótica, o que se revela é a visão que o autor tem desses conflitos e o modo como os representa na criação estética, em que conta com a magia do imaginário poético e a mediação da linguagem, de cuja liberdade o artista da palavra usufrui. (ROSA; NOGUEIRA.2011, p.335).

Concomitante à literatura regional, está o termo “regionalismo”, que segundo Dilma Diniz e Haydée Coelho (2005, p. 415): “implica revisitar posições cristalizadas e contemporâneas”, para que a aplicação não sucumba apenas a uma listagem de “normas, datas, obras”. Os autores expõem ainda que o regionalismo no Brasil não é dado como rompimento de uma identidade nacional, mas como complementação desta:

Como tivemos em nosso país a unidade política preservada, costuma-se esquecer a diversidade que dirigiu a formação e o desenvolvimento de nossa cultura. Na realidade, a colonização do Brasil se deu em núcleos separados e praticamente isolados entre si: o desenvolvimento econômico e a evolução social foram, assim, bastante heterogêneos, consideradas as diferentes regiões. (DINIZ; COELHO.2005, p. 416).

Apesar da ausência de conflitos nacionais no Brasil, não houve no país uma formulação cultural unificada, mas, sim, uma concepção diversificada, ainda que ligada, pelo

cordão umbilical ao espírito nacionalista: “o essencial nessa literatura regional é que não se põe em xeque a unidade do país, o lastro comum de origem portuguesa, que aqui se amalgamou com as contribuições indígena e negra [...]” (DINIZ; COELHO, 2005, p. 418). Dessa maneira, a questão do regionalismo na literatura brasileira, também pode ser entendida, como uma forma de “autonomia” regional.

De acordo com Diniz e Coelho (2005), dentre os aspectos que qualificam uma obra literária como regional está o que diz que a literatura é usada como ferramenta de expressão política, uma maneira de exprimir a “cultura intelectual” da região. Outra abordagem é de que, a obra literária para ser considerada regional, não precisa necessariamente pertencer a uma determinada região, mas, apresentar aspectos referentes a um determinado local. Retirar a substância local, ou a matéria de poesia, tem sido uma das diferenciações apresentadas como forma de separação entre uma e outra região.

No âmbito nacional, segundo Giaccon e Gomes (2012), um dos primeiros estudos sobre a diferenciação entre o que era a literatura brasileira, fora escrita por Santiago Nunes Ribeiro em no seu ensaio “Da Nacionalidade da Literatura Brasileira” publicado pela *Minerva Brasiliense* (1843), o qual discorreu sobre alguns direcionamentos críticos do período.

No referido texto Giaccon E Gomes ainda expõem que:

A vinculação da Literatura Brasileira à Portuguesa fora levantada em 1826 por Almeida Garrett no prefácio intitulado “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa”, que considera como portugueses os escritores brasileiros nascidos no Brasil, por causa do vínculo político entre os dois países, segundo ele “... a educação européia apagou-lhes o espírito nacional...” dos poetas que versavam aqui no Novo Mundo.(GIACCON; GOMES. 2012, p. 1).

Santiago Nunes Ribeiro irá rebater esta afirmação argumentando que a constituição de uma literatura brasileira, nos primeiros séculos de nossa história, foi o dado local, que perpassa as obras e, portanto, elas seriam consideradas como Literatura Nacional e não apenas um braço da Literatura Portuguesa como afirmava Almeida Garrett. É a partir do segmento dessa linha de pensamento que se torna possível trazer para a questão da diferenciação entre uma e outra região, aspectos concernentes à substância da obra literária regional, os quais abarcam não só os aspectos naturais, mas também, os hábitos, a cultura regional:

[...] “substância” local decorre primeiramente do seu fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. -, como elementos que influem sobre a vida humana da região; e, em segundo lugar, é proveniente das “maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra”. (COUTINHO. 1969, p. 220. In: DINIZ; COELHO. 2005, p. 417).

Uma literatura pela substância local a faz diferente de todas as outras, pois quando um texto é escrito, ele carrega consigo tanto as marcas da sociedade, que o produziu, quanto das cores e da substância em conformidade com a época histórica de sua produção. Nesse sentido, encaixa-se a literatura sul-mato-grossense, pois a mesma, durante muito tempo, fora pouco estudada, sem despertar qualquer entusiasmo no cenário literário nacional:

Por falta de divulgação, as letras mato-grossenses ficaram, ao longo de todo o tempo em que se desenvolveram, embora de forma escassa e modesta, não obstante a “marcha para o Oeste”, no período governamental de Getúlio Vargas, em que nossa região passou a ser melhor conhecida, relegadas ao desinteresse quase total, não fosse, como já dissemos antes, a fama oficial de D. Aquino e alguns contos de José de Mesquita, um dos quais selecionado por Monteiro Lobato. (PONTES, 1981, p. 93).

Apontado como um dos fatores que contribuía para a não propagação da literatura regional de Mato Grosso do Sul, está a composição textual, que era voltada basicamente para o regional, conforme expõe Maria da Glória Sá Rosa (2011), o conteúdo discorria mais sobre as belezas naturais, do que sobre os conflitos humanos, e mesmo quando reportava algo além disso, estava sempre voltado para o lado romântico saudosista:

Em vez de acompanharem as transformações, que renovaram a face do mundo, ficam centrados em si mesmos, reinventando dores e alegrias. O distanciamento dos grandes centros, a precariedade dos meios de comunicação mantiveram-nos presos aos ideais românticos e às parnasianas. Lendo seus poemas, observa-se que a maioria das composições estão centradas na tríplice vertente: Deus/Homem/Natureza, sem a preocupação de imprimir cunho estético às produções. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p. 327).

O cunho estético cedeu lugar aos anseios que muitos escritores tinham por sobressair à dureza da terra. Assim, olhar o contexto em que a obra literária é gerada, não apenas situa o pesquisador no tempo e na história, como também culmina por derrubar preconceitos estabelecidos em torno da obra: “Assim, debuxados o meio, a fisionomia histórica e a paisagem sócio-cultural do sul de Mato Grosso, podemos começar a analisar a sua literatura, as influências por ela sofridas, as suas origens e os seus valores” (PONTES.1981,p. 21), ou seja, ao refletir que a literatura sul-mato-grossense nos primórdios da sua história, fora produzida por pessoas que estavam comprometidas mais com questões de ordem e organização social do que com as necessidades humanas, inseridas em uma sociedade, cuja composição era rústica, dominada pela lida no campo, pelo trato com animais, o que fazia com que esta sociedade fosse voltada para o boi: “O boi criava o homem, essa é a verdade”

(MARTINS *apud*, PONTES. 1981, p. 21), pode-se assim, entender o romantismo bucólico existente na escrita literária dessa época, como a busca do escritor pelo encanto artístico, por sentimentos adormecidos.

No texto *Antologia Dimensional de poetas Três-lagoenses* (1979), Flora Egídio Thomé, discorre sobre o anseio dos escritores regionais pelo encontro do fazer poético com o “pedaço de chão” no qual se encontram, porém, não de maneira fixa, mas, móvel, em constante movimento:

Poetas que, enquanto seres ou poetas, buscavam ou buscam inspirações neste pedaço de chão e, desta forma, testemunhar que, quando o homem se fixa ou se detém em algum lugar, sua ação é gerada pela necessidade de ser ou sentir-se um eterno transitório. Transitar pela vida! Transitar pela natureza! E transitar pelo mundo da palavra! (THOMÉ. 1979, p.7).

A necessidade de evidenciar a cor local é vista por Flora Egídio Thomé, não como despreparo, ou distanciamento intelectual, mas como artimanha de integração entre escritor, o meio em que ele está inserido e a expressão poética:

E, nesta união de dimensões essenciais, ei-lo em transito, a exercer a função de veículo integrador e criador de expressivas emoções! E, isto, muitas vezes, se configura de tal modo, tão real, que, tudo neles se transforma em sentimento e idealismo. E, justamente nestes dois elementos vitais – sentimento e idealismo – reside e está a essência básica da realidade poética daqueles que, por necessidade ou vontade própria, conseguiram ou conseguem fornecer a todas, uma consciência imagética deste pedaço da natureza, despertada na alma de cada poeta aqui aportado ou nascido.(THOMÉ. 1979, p. 7-8).

O trabalhar com as referências locais, naturais ou ideológicas, é que resulta no fazer poético de muitos escritores regionais, nesse sentido a referenciação ao lugar, aos costumes, à fé, a realidade local, não pode ser visto como um guia para iniciantes, mas como instrumento de desempenho do fazer poético, do qual o poeta se apropria e o utiliza para dispor sobre os mais diversos elementos: “[...] a poesia está a caminho da verdade. E a verdade poética está presente não apenas nas raízes ou sentimentos ou pensamentos do poeta, mas também no mistério e na realidade das coisas que o envolvem e lhe dizem respeito” (THOMÉ.1979, p.8).

Tal pensamento é reforçado por José Couto Vieira Pontes (1981) o qual afirma que não se pode considerar a literatura regional, que apresenta elementos peculiares ao meio de vivência do autor, como desprovida de “substância”, mas como, reflexo da sociedade na qual ela foi produzida.

O regionalismo, como já fora apresentado, também se dá mediante a fatos/características, que distinguem uma região de outra, ou até mesmo dos aspectos nacionais predominantes, porém, há a necessidade de compreender que, embora alguns traços regionais se distingam dos nacionais, a existência de um elo entre os dois permanece:

O regionalismo, de certa forma, se inclui no movimento nacionalista, podendo-se inferir, ainda, que todo posicionamento regionalista, seja no campo artístico-cultural ou político-social, reflete uma consciência orgulhosa dos valores locais, e uma vontade de vê-los afirmados e reconhecidos no âmbito nacional. (DINIZ; COELHO.2005, p. 417).

Relacionado ao regionalismo, tem-se ainda duas questões, a primeira refere-se ao termo sertanismo e a segunda ao Romantismo. No tocante ao sertanismo, que por vezes é remetido apenas a uma determinada região brasileira, importa salientar que o mesmo ultrapassa tal imposição: “O sertão designa, de um modo geral, em todo o Brasil, as regiões interioranas, de população relativamente escassa, onde vigoram costumes e padrões culturais ainda rústicos” (DINIZ; COELHO.2005, p. 419). O termo remete a várias regiões e não a uma específica.

Regionalismo, como literatura de cunho regional, foi referendado pela primeira vez no Brasil dentro da escola literária denominada de Romantismo, eis a segunda questão. Naquele momento, havia a preocupação de que as obras escritas sobre as regiões brasileiras pudessem trazer a descrição imagética de um país, que precisava ser lido pelo centro, no caso a elite letrada, que estava situada no Rio de Janeiro. Obras foram escritas principalmente por José de Alencar, na tentativa de descrever um país de norte a sul.

O regionalismo, num segundo momento, já no século XX, deixa de ser imposto como necessidade de apresentar o Brasil e de identificação para ser um espaço, no qual os temas, que perpassavam a política, a filosofia e a história poderiam ser discutidos, tendo como pano de fundo, enredos ambientados nas regiões rurais do país.

Com a proliferação de romances de ambientes rurais e romances de preocupação social e geográfica inauguram-se os modernos ciclos da ficção brasileira: os ciclos da cana-de-açúcar, da seca, do cacau, do cangaço, do pampa, do latifúndio. No Brasil, a época que vai dos anos 30 a 40 foi marcada pelo surgimento de grande número de romances regionalistas, notadamente os romances que integram o ciclo do neo-realismo representado de modo especial pelos romances nordestinos. (PONTES. 1981, p. 151).

A associação do Romantismo com o desencadeamento da importância regionalista provoca algumas discrepâncias, pois, por um lado há a defesa de que é com o Romantismo

que a sociedade brasileira se volta para o regional em busca de uma “independência política e cultural”, por outro, há a consideração de que mesmo quando inseridos elementos regionais, a procura é pela formação de uma identidade nacional e não local:

Para outros críticos, como José Maurício Gomes de Almeida, o regionalismo literário, considerado no seu *stricto-sensu*, não existe na fase romântica, porque o escritor brasileiro, nessa fase, está mais preocupado com uma “afirmação nacional” do que “regional”. No caso específico de José de Alencar, por exemplo, mesmo quando ele se volta para o pampa e para o sertão nordestino, o que procura, notadamente, é a exaltação do brasileiro, em oposição ao europeu. (DINIZ; COELHO. 2005, p. 421).

O momento das décadas de 30 e 40 do século XX comporá um painel de discussões do estar no mundo, nas entrelinhas de textos regionalistas, o que com o tempo irá desdobrar na experiência de um regionalismo, no qual os textos passam a serem escritos por autores da terra, que buscam em cada uma de suas regiões o dado local, mas também uma forma de diferenciar a literatura de sua terra das outras. O que proporciona auxílio no reconhecimento de obras e autores, visto que, hoje se diz que um autor é regional quando, além dele escrever sobre uma região, mesmo que suas obras não possuam este vínculo específico, seu texto literário apresente o ambiente ao qual pertence o escritor. O esforço por reconhecimento nacional/ mundial, também é uma das metas da literatura sul-mato-grossense:

Por isso nossos autores, aspiram a incorporação desses elementos particulares ao contexto da cultura mundial, para que adquiram visibilidade e se integrem às possibilidades de transformações, ditadas pelos diferentes tipos de intercâmbio social e cultural, como hibridização, mestiçagem, trocas, difusão, sincretismo, linguagens, transculturação. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p. 335).

Considerado o exposto acima, pode-se pensar a literatura regional como um canal de ligação entre o local e o universal, pois, a literatura, é também, um fator social, produzida pelo homem, ser local, porém, com referências universais:

Por outro lado, é através do particular que a arte atinge o geral, do individual que se alarga no humano. É o que afirma André Gide, acentuando: ao particularizarem-se é que os grandes artistas criadores alcançam uma comum humanidade profunda. Comentando esse pensamento de Gide, o crítico espanhol José Bergamin cita, para confirmar essa filosofia da universalidade através do regional e do individual, um brocardo espanhol que resume tudo: “El pátio de mi casa es particular; cuandolueve se moja como losdemás”. (COUTINHO. 1968, p. 206).

Mais do que apresentar elementos específicos, pertencentes a uma determinada localidade, o regionalismo representa o ser humano como um todo, cujos anseios, aflições,

angústias, felicidade, sentimentos diversos, transfiguram-se na escrita. Assim sendo, requer uma abordagem séria, responsável, pois, se por um lado há os que prezam por um regionalismo real e sincero, com a intenção atrelada ao reconhecimento e propagação da cultura local, por outro, há também, os que produzem um regionalismo falso, só de aparência, cuja finalidade em nada tem a ver com a busca por uma literatura regional sólida, mas, com objetivos próprios e mercadológicos.

Quando se fala em regional, a tendência é pensar em uma sociedade rural ou até mesmo em uma sociedade arcaica, mas não são estes os atributos a serem discutidos, pois existem escritores, cujos textos riquíssimos, carregam em si toda a figuração da personalidade humana, transformando a literatura regional em um portal para o universal, como expôs Coutinho, ao citar o crítico espanhol: a chuva que molha meu interior (meu mundo interno), também cai lá fora, no mundo externo.

2.2 Considerar é preciso: uma abordagem sucinta em torno da crítica literária brasileira

A crítica literária, como já exposto, desde os primeiros registros dos quais se tem conhecimento, segue em constante evolução, em consonância com a sociedade, não no sentido estar em concordância com esta, mas no diálogo que estabelece com as mudanças sociais que acontecem no decorrer dos anos. Os muitos direcionamentos críticos existentes derivaram de um fazer literário ligado à uma determinada época, cultura, pensamento e constituição social, visto que o objeto da crítica literária: a obra literária, é também representação social, seja de maneira sincrônica ou diacrônica.

Diante do que foi posto, a literatura brasileira também não ficou inerte aos acontecimentos sociais, quer na incorporação de elementos a eles relacionados, ou no rechaço dos mesmos, resultando em entendimentos críticos favoráveis ou contrários ao que era produzido, conforme é possível observar na fala de Machado de Assis⁸.

O Brasil do século XIX, em vista de muitos elementos herdados do período colonial, encontrava-se em busca de uma autonomia identitária, tanto política, como intelectual e artística, situação também refletida na produção literária, pois, anteriormente, na fase barroca e neoclássica, a literatura servira de instrumento didático, cujos direcionamentos, dentre outros aspectos, tratava de questões religiosas e éticas. A partir do Romantismo, tal tradição é interrompida, passando a idealização nacional. Nesse sentido, os métodos tradicionalistas

⁸ Referindo-se ao ensaio *Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade*, publicado em 1873 e já citado na introdução desta segunda parte do texto.

existentes são deixados de lado, o que passa a vigorar é o condicionamento ao meio em que a obra é produzida, ou seja, os elementos para a construção de um texto literário deveria considerar os hábitos, o idioma, os aspectos regionais, as particularidades nacionais. Diante disso, Afrânio Coutinho (1968), argumenta que houve uma grande gama de estudos críticos voltados para a análise de tal comportamento, influenciando até mesmo os que ainda estavam por vir:

Desde então, os estudos críticos de história literária no Brasil se realizariam, segundo uma grande família de críticos brasileiros, como uma dependência da história geral, política e social, utilizando o método histórico, e concebida a literatura como um reflexo das atividades humanas gerais, um fenômeno histórico. A historiografia e a crítica literárias, à luz desse conceito, que é o de um grande setor do pensamento brasileiro até nossos dias, foram vistas como parte da história geral, impregnadas, portanto, de historicismo. (COUTINHO. 1968, p.22).

O apreço aos aspectos nacionais, tão presentes no romantismo, foi um dos fatores que contribuiu para o surgimento da abordagem regional, já que, as diferenças regionais não se opunham à identidade nacional, mas serviam de elementos constitutivos desta. A semente plantada pelo Romantismo encontrou terreno fértil nas ideias realista, o direcionamento de que o homem se adapta, muda conforme o meio e o tempo em que vive, reforçaram ainda mais, o sentimento de nacionalidade. Nesse contexto, segundo Coutinho, a crítica literária apresentou uma abordagem que se pode definir como sociológica, cujo entendimento situa a obra literária no tocante aos acontecimentos sociais.

Atado aos direcionamentos críticos se deu também a visão psicológica, cuja análise centrava-se no autor. Na perspectiva psicológica, eram observados os fenômenos emocionais do autor, quais eram os elementos que os constituíam e como eles influenciaram na elaboração da obra. A crítica literária decorrente de tal posicionamento foi denominada de biografia crítica e assim como a abordagem psicológica, considerava todos os aspectos da vida do escritor, conforme pode ser observado na fala de Afrânio Coutinho (1968, p. 23): “Não somente as peculiaridades do autor servem aqui de veículo de acesso à compreensão da obra literária, mas também toda a sua vida através de um levantamento de sua biografia, nos menores detalhes, e do ambiente histórico em que viveu”.

Dentro do conjunto que engloba a crítica literária brasileira, se pode citar ainda a crítica filológica, que consiste, por meio da análise da escrita formal, na classificação do autor em mau ou bom. Esta vertente crítica foi vista, por Afrânio Coutinho, como maléfica, pois, seu teor relacionava-se com a “subordinação aos cânones”, tomando por regras as normas da escrita tradicional, dificultando assim, o estudo científico da linguagem e o reconhecimento

da língua nativa. As críticas publicadas em jornais, também estiveram presentes no cenário brasileiro, suas publicações diárias, adaptaram-se ao meio em que era publicada, transmitindo mais um sentido de militância, do que de análise propriamente dita, servia como uma forma de expressar opinião sobre obras recém-lançadas.

Ao deparar-se com o desejo de manter os ritos tradicionais e de posicionar-se historicamente, a crítica literária confundiu-se com a história, enquanto conhecimento e descrição do acontecer humano, em conformidade com a divisão temporal política: “A esse historicismo aliou-se o "faturalismo", isto é, a mania do fato histórico e do estabelecimento das relações entre eles e dos nexos causais existentes de uns dos outros”.(COUTINHO. 1960. p. 33). Desse modo, o foco voltou-se para a investigação detalhada de determinado período histórico. A problemática em torno de tal abordagem, se deu no afastamento que ela interpôs com a obra literária, visto que, seu objeto de estudo, são fatores externos ao fato literário.

Na contraposição da abordagem histórica, manifestou-se uma reação voltada para o valor literário, denominada impressionismo, na qual competiria ao crítico expressar o que lhe trouxe deleite ao ler a obra. Os parâmetros seriam estabelecidos a partir do gosto particular: “O critério era a sensibilidade e o gosto do crítico” (COUTINHO. 1960. p. 33), desse modo, a análise crítica passa a ser entendida como uma viagem interna, cujo veículo é a obra literária. A capacidade de análise centrava-se na empatia do crítico, fato que, em muitos casos, resultou em exposições de gostos, não, em valorização da obra, já que o importante era o que o crítico pensava do texto, não qual tipo de texto era lido, nem o seu teor estético, limitando assim, à pura transcrição das sensações sentidas pelo crítico.

Nesse percurso se pode citar também um direcionamento que se manifestou em meados do século XX, denominado de “nova crítica”, o qual se voltou para os aspectos simbolistas, considerando a manifestação do fator literário inclusive, em elementos não reais, ou seja, o sentimentalismo, as simbologias, o imaginário, a objetividade entre outros, são igualmente participantes do teor literário do texto. Tal apreciação resultou em colocações nas quais havia lugar para além do visível. A nova crítica centrou-se na estrutura da obra como valor estético, visto que, a obra literária apresenta em sua constituição elementos que lhe são peculiares, os quais devem ser analisados por si mesmos.

Dos diversos momentos vividos pelos estudos literários no Brasil, requer ainda referir-se a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, evento que foi um marco não só do movimento modernista, mas também dos direcionamentos críticos, tanto que sua

terceira fase é apresentada por Afrânio Coutinho como o período da crítica literária: “A era da crítica corresponde à terceira fase do modernismo brasileiro” (COUTINHO. 1968, p.19).

O movimento modernista apresentou-se em três períodos, o primeiro situa-se entre os anos 1922 e 1930 e ficou definido como o momento da ruptura, das solturas das amarras tradicionais, do novo, da liberdade da escrita, prevalecendo a produção de poesias; o segundo período que decorre de 1930 a 1945, ficou conhecido como o de fixação do movimento modernista, ao invés da ruptura buscou-se por uma consolidação dos novos valores, a poesia incorporou temas relacionados à política e ao social; a prosa de ficção mostrou-se grandiosa com obras de grande valorização, como *Macunaíma*, de autoria de Mário de Andrade e publicada em 1928; o terceiro período, que se dá a partir de 1945, sem um consenso quanto ao seu término – 1960 ou 1980 – foi denominado como a “fase estética do modernismo” (COUTINHO. 1968, p.20).

Já consolidado o movimento, os modernistas buscaram apurar a escrita, estabelecer parâmetros estéticos, propiciando uma abertura ao campo da linguagem. Assim sendo, a crítica pertencente a este movimento, também visou o estético; as preocupações em torno de temas relativos à política e ao social foram deixados de lado, colocando em voga uma compreensão literária voltada para a construção estética da obra.

No âmbito acadêmico, por volta dos anos 70, há o fortalecimento da crítica literária, pois, com a literatura inserida nas universidades surge a necessidade de novos mecanismos de leitura e conseqüentemente de novas abordagens críticas, voltadas especificamente para o texto literário. A partir desse momento, a busca pela construção de uma crítica sólida, fundamentada, torna-se cada vez mais latente, como pode ser observado nos apontamentos de cunho estético escritos por Luiz Costa Lima, na vertente sociológica de Antonio Candido, nas figurações semióticas de Leyla Perrone-Moisés, entre outros.

Na busca por fortalecer a crítica literária brasileira, muitos foram os que se dedicaram ao estudo e análise da produção literária nacional. Dentre os esforços, importa citar também, o papel exercido pela Academia Brasileira de Letras, a qual fundada em 20 de julho de 1897, sempre teve entre seus acadêmicos exímios críticos dos escritos literários.

Um apanhado desses críticos, bem como de seus encaminhamentos críticos, pode ser observado no artigo *110 Anos da Crítica*, escrito em 2007 pela professora Letícia Malard, em comemoração ao aniversário de cento e dez anos da Academia Brasileira de Letras. Dentre os nomes citados encontra-se o de Sílvio Romero, que, segundo Letícia Malard (2007), embora tenha ocupado o posto de crítico mais renomado de sua época, tem entre seus escritos, uma

crítica voraz contra Machado de Assis, a qual foi escrita como revide, a fim de retrucar um posicionamento de Machado de Assis ante aos seus direcionamentos:

Assim, o sergipano praticava um tipo de crítica polêmico, porque baseado na vingança literária. Que vingança foi aquela? Anos antes, Machado havia escrito um artigo em que acusava Romero de exagerar demasiadamente a importância de um movimento literário do Recife. (MALARD. 2007, p. 117).

A lista de nomes, apresentada por Letícia Malard (2007), serve também como representação dos diversos direcionamentos críticos que se fizeram participante do percurso histórico da crítica literária brasileira, como a crítica estética exercida por José Veríssimo; o eruditismo de Afrânio Peixoto; a ponderação filosófica de Tristão de Athayde; o emaranhamento entre autor e obra de Álvaro Lins; a análise minuciosa de Lêdo Ivo; a periodização estilística de Afrânio Coutinho; a defesa da relação entre forma e conteúdo de Eduardo Portella; a apreciação diversificada de José Guilherme Merquior; o historicismo analítico de Alfredo Bosi e a interação entre literatura e crítica desenvolvida por Antonio Carlos Secchin, Domício Proença Filho e Ivan Junqueira.

De modo geral, é possível observar que, o desencadeamento da crítica literária no Brasil ocorreu de maneira diversa, seja no ímpeto de nacionalidade ou na influência de movimentos exteriores ao cenário nacional. Passando por importantes momentos históricos, foi/está sendo construída, pois se trata de um processo contínuo, com o intuito de fortalecer, não só a si mesma, como também a produção literária, sem a qual, ela inexistente.

2.3 Considerações sobre a crítica literária em Mato Grosso do Sul

Para adentrar, em parte, aos caminhos da crítica literária sul-mato-grossense, visto que, as abordagens aqui apresentadas resumem apenas alguns traços pertinentes a tal crítica, é imprescindível lembrar que, no tocante ao fazer literário de Mato Grosso do Sul, se comparado a outras regiões brasileiras, o quão tenros são os direcionamentos encontrados. Não pela falta de vontade dos pesquisadores e estudiosos locais, mas, como já expresso no texto em questão, pela forma como a região se socializou. A tomar pela divisão do estado, que em 2017 completará quarenta anos, o que para o desenvolvimento e propagação cultural, pode ser considerado na flor da idade, muito há o que fazer.

Considerado o exposto, volta-se para os direcionamentos apontados pela crítica literária sul-mato-grossense, que se por um lado objetiva elevar e expandir o conhecimento

sobre a literatura de Mato Grosso do Sul, por outro, não pode ficar inerte aos problemas relacionados a esta, daí o que pode gerar algumas divergências por parte do leitor, pois a mesma crítica que elogia, incentiva, também detecta os pontos fracos, a precocidade e a superficialidade da escrita de muitos autores regionais. Tal posicionamento pode ser considerado contraditório? De maneira alguma, pois conforme discorre Jean Yves Tadié “Amar a literatura é também apreciar a alegria da descoberta, da “verdade finalmente descoberta e esclarecida”, desta parte desconhecida, às vezes maldita, que somente a crítica revela” (TADIÉ. 1992,p.16). Ao expor pontos que, por vezes, vão de encontro com o proposto pelo escritor, a crítica também exerce o papel de incentivadora, uma vez que serve como parâmetro para o que está sendo ou virá a ser produzido.

Jean Yves Tadié chama a atenção para a responsabilidade em torno da crítica, pois esta, como um poderoso instrumento, necessita ser distinta, cuidando do passado literário, ao mesmo tempo em que descreve e interpreta as obras, fator que a torna “mais precisa, mais técnica, mais científica” (TADIÉ. 1992,p.13).

Dos aspectos abordados pela crítica literária sul-mato-grossense, encontram-se as constantes abordagens voltadas para as belezas naturais, cultura que segundo Flora Egídio Thomé tem suas raízes no período embrionário do povoamento de Mato Grosso do Sul, outrora Mato Grosso:

A princípio, cercado de solidão, manipula seus sentimentos e consegue criar, aqui, um contexto poético que ora nos fala da natureza oscilante entre luz e mistério, ora nos mostra o cosmo como elemento soberano do sistema universal, ou ainda, nos diz do homem que, febrilmente, assolam o interior dialético de cada um. (THOMÉ, 1979, p.7).

A maneira como se formou os povoados do estado de Mato Grosso do Sul, fora também refletido nas obras dos escritores locais, pois, sensíveis aos sentimentos humanos, como artistas, pintavam cenários que, sob um novo olhar, pode ser visto como expressão da realidade vivida por eles. Esses seres, capazes de sentir a vida de maneira mais profunda do que os que se mantêm alheios à arte de modo geral, nesse caso, a Literatura, viram-se inseridos em uma realidade voltada para a terra, para a dura lida no campo, para o trato com os animais, e em meio a esse contexto enxergaram nas belezas naturais o caminho para a expressão poética que lhes era ávida: “E a poesia, como outra arte qualquer, enquanto poesia, busca desvendar sua verdade na forma de ser e de estar na essência da linguagem humana, que é depurada pela ação da palavra” (THOMÉ. 1979, p. 8). Assim a devoção, de muitos

escritores regionais, às paisagens sulistas, pode ser vista como efígie dos seus próprios anseios:

Interessa-nos especificamente refletir sobre a ideia de paisagem como sentimento do lugar reinventado no próprio fazer poético, considerando a imagem do horizonte como tema e elemento estruturador do conceito de imagem visada pela busca do horizonte inatingível, infinito. (SANTOS. 1997. p.8).

A escrita literária, mesmo lançando mão de elementos relacionados com as belezas naturais, é vista então como enriquecedora do fazer poético, ou seja, apropria-se da paisagem existente, não para encobrir falta de preparo e conhecimento artístico, mas, para expressar a capacidade de construção poética do escritor:

Dentro dessa linha de pensamento, grande parte das produções literárias do Estado tem dado relevância às matizes, tradições, aspectos paisagísticos e culturais da região, abrangendo, portanto, temática de feições tipicamente regional, sem contudo, isolar-se do contexto universal, com o qual a maioria dos autores se encontra em sintonia. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.335).

Dessa maneira, apresentar tais escritores com suas respectivas características, se trata mais do que apenas um registro, culmina em documento, que reflete “o gosto pela natureza, o cheiro da terra, o amor pelos animais e o eco contínuo da crença, da luta e da angústia humana”. (THOMÉ. 1989. p. 8-9), convertendo a obra em uma fonte de dados importantes para as próximas gerações de críticos.

Desvendar-se do meio em que se vive e das possibilidades que este oferece ao artista do trato com a escrita, com a palavra, é algo muito difícil, embora, não seria impossível, pois o escritor encontra-se imbricado ao local de onde parte sua fala, deixando transparecer, ainda que involuntariamente, características pertencentes a ele. Como é o caso da região centro-sul⁹ de Mato Grosso do Sul, que segundo Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, possui um discurso próprio, resultante da relação de seus habitantes com culturas da fronteira, cujo aspecto pode ser identificado nos textos dos escritores da região:

Numa obra literária os traços da cor local e as circunstâncias históricas, geográficas e sociais são inevitáveis, pois o escritor está sempre rondando suas origens; às vezes, sem se dar conta, são sempre essas origens que o seguem de perto, como um sonho ou um pesadelo. (HATOUM.1996,p.11apud NOLASCO; BESSA-OLIVEIRA; SANTOS. 2011, p.17).

⁹ Paulo Sérgio Nolasco dos Santos apresenta como região centro-sul de Mato Grosso do Sul cidades que fazem fronteira com o Paraguai e a Bolívia.

Rasga-se assim, o véu que entrepunha a escrita literária sul-mato-grossense, caracterizada pelos apontamentos das belezas naturais e a arca da aliança, representada pela crítica, abrindo novas possibilidades de leitura, de desdobramentos sobre a produção literária regional, pois a apreciação de tais traços, dentre outras perspectivas, retrata e reafirma a “cor local” [*grifo nosso*], a qual é participante de um conjunto de fatores que diferenciam uma determinada região de outra:

Sob esse prisma, em relação à obra de nossos escritores sul-mato-grossenses, seriam encontráveis marcas e rastros de nomes e assinaturas dos escritores/ Autores, deixando-se refletir como num espelho tríplice, onde suas escrituras são, simultaneamente, contraface da história do local e do chão em que todos germinaram. (NOLASCO; BESSA-OLIVEIRA; SANTOS. 2011, p. 17).

Visto por alguns como maléfico ao fazer literário sul-mato-grossense, as marcas regionais, no tocante à cultura, à língua, aos costumes e às belezas naturais, presentes nos textos dos escritores locais, tendem a ultrapassar o preconceito, por vezes, pré-estabelecido e mostrar-se como uma batuta nas mãos do maestro, o qual rege uma grande orquestra.

Os aspectos relacionados à literatura sul-mato-grossense, como componentes de uma orquestra, devem ser entendidos em suas particularidades, pois, a composição orquestral não se dá apenas com um instrumento, com um som específico, mas com diferentes sons, expressos por meio da particularidade de cada instrumento, de cada som, de cada nota, ainda que alguns, por determinado período, sobressaiam executando o solo, no final é a união de todos que resulta em uma única melodia.

Assim é a literatura de Mato Grosso do Sul, destacam-se alguns aspectos, criticam-se outros, porém, é a mescla de todos eles que resulta no que se pode classificar como literatura regional sul-mato-grossense: “Com efeito, os elos de intermediação entre o local, chão cultural, e práticas simbólicas, resultam no enfrentamento da cor local que se pode reconhecer, por exemplo, como literatura sul-mato-grossense”. (NOLASCO; BESSA-OLIVEIRA; SANTOS. 2011, p. 35).

Sobre uma análise que foca aspectos específicos da literatura regional, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos fala que tal direcionamento é visto de modo preconceituoso por alguns estudiosos, os quais descrevem tal posição como uma forma de “separar e catalogar textos”, posicionamento que é rebatido por ele, não por estarem errados, mas porque, segundo ele a preocupação deveria voltar-se para outros aspectos:

Quando todo esforço de compreensão deveria se voltar para análise, o diálogo e funcionamento dos textos dentro de um contexto e/ou de uma série cultural, nas quais se extrairia a condição para uma real apreciação dos textos (condição sempre nascedoura e atravessava pela representatividade no diálogo e “comércio” alfandegário) [...]. (NOLASCO; BESSA-OLIVEIRA; SANTOS. 2011, p. 18).

Apreciar a literatura produzida em Mato Grosso do Sul, para além do que já fora estabelecido, implica compreendê-la na sua essência, percorrer caminhos ainda não desbravados, chegar a lugares, como outrora na história do estado de Mato Grosso do Sul, alargados, distantes, porém, a caminhada deve ser feita livre de pré-conceitos, desprovido de armas, sem intenção de ataque, apenas com o olhar voltado para o que ela tem a oferecer:

Sublinha-se, assim, tanto na literatura sul-mato-grossense quanto em nossa perspectiva crítica, uma proposta que visa à configuração das produções regionais enquanto narrativas que são tessituras do local, a partir das quais os autores / escritores formularam diversas abordagens de um entorno comum.(NOLASCO; BESSA-OLIVEIRA; SANTOS. 2011,p. 59).

Despir-se de ‘pré-conceitos’, não significa, sem critérios ou direcionamentos, mas um posicionamento que se dispunha a olhar a produção literária sob novas perspectivas, com o entusiasmo daquele que sai para semear, sem olhar para o tempo nem para as previsões contrárias, mas com a confiança de que a semente lançada em terra fértil brotará e se tornará em árvore frutífera recompensando o trabalho de quem a semeou. Seguir o caminho do fazer literário em Mato Grosso do Sul, com sentimento de liberdade, é também representação do ser habitante dessas paragens regional:

[...] assim, o homem das montanhas, tendendo à introversão, ao enimesmamento – constituindo nisso sua paisagem - diferencia-se do homem da planície, como o pantaneiro, cuja personalidade mostra-se mais aberta, solta e tendente à aventura e à mobilidade. (SANTOS. 1997, p.8).

Importa chamar a atenção do leitor para o fato de que, salvo as considerações a respeito da ligação estabelecida entre as belezas naturais e a produção literária sul-mato-grossense, se por um lado há a proposta de adentrar aos caminhos dessa literatura desprovido de armas e defesas, por outro, há a necessidade de entender que embora exista uma grande referência às belezas naturais como forma de expressão e representação do anseio poético dos escritores regionais, há os que se apoderam de tais elementos, para justificar a falta de comprometimento e capacidade ideológica em produzir obras que venham ao encontro do leitor, despertando nesse leitor, a capacidade de enxergar-se, enquanto ser pensante, na sociedade da qual ele faz parte. Pois, como expõe Todorov (2009, p.23): “a literatura amplia o

nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”. Dessa maneira, muitas vezes a apropriação demasiada dos efeitos aparentes do texto literário, tende a mascarar a falta no trato com a linguagem, o desinteresse de muitos escritores por aprofundar-se no fazer poético:

Sabendo-se que poesia é intenso processo de reajuste da linguagem, por meio da eliminação do excesso discursivo, da atenuação da sobrecarga metafórica da palavra, da busca da precisão semântica, do esforço da síntese frásica, conclui-se que falta a esses poetas trabalho mais apurado em relação ao verso, que precisa ser refeito muitas vezes até surgir com o gosto do nunca visto, que surpreende o leitor. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.327-328).

Surpreender o leitor, é um dos elementos que, por vezes, escapa aos escritores sul-mato-grossenses, daí talvez o fato de alguns autores, cujas produções são resultados do árduo trabalho em torno do texto, da ruminância de cada palavra, do teor poético, alcançar patamares desejados por muitos. É por meio do trabalho da linguagem que o escritor consegue criar uma “para-realidade” que ao entrar em contato com o leitor lhe amplia a concepção de mundo. A linguagem indispensável ao texto, seja ele escrito ou oral, encontra nos dedos do escritor cuidadoso, hábil artista, que a molda da mesma maneira que o oleiro faz com o barro:

O discurso literário sem ocupar nenhum espaço, a não ser o do papel, contém o destino de todas as vidas inventadas, que se tecem entre similitudes e paradoxos, urdidos por meio das armadilhas da linguagem poética, criadas para valorizar o esforço em desvendar os enigmas da palavra. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.333).

A palavra, que na voz de Raquel Naveira “é o verbo encarnado”, ao adentrar o meio literário, o qual é composto por palavras, como significação de uma determinada língua, torna-se intermediária entre o pensamento e a forma, fazendo com que os projetos saiam dos papéis, que as identidades sejam construídas, haja que, identificamo-nos por meio da linguagem:

Isto significa que a função e o legado da Literatura ampliam-se cada vez mais, posto que as nações, as identidades constroem-se “no e pelo discurso” que as narra e as constitui. E o discurso literário, dada sua natureza simbólica, figurativa e polissêmica ganha cada vez mais espaço no contexto atípico, polêmico e intensamente diversificado da era atual. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.334).

Pelo discurso, dentre outros aspectos, estabelecido por um determinado escritor é possível perceber se ao construir sua obra ele o faz com maestria ou apenas com adornos que servem para iludir os olhos do leitor, sem tocar-lhe a alma. É certo que os tempos atuais em

muito se diferencia dos de outrora, porém, seja por meio do texto impresso, digital ou oral, o que permanece como elemento identitário do autor é a linguagem, visto que é mediante a ela que o escritor manifesta pensamentos, crenças, cultura e costumes, seja sua, do povo a qual pertence ou de que fala. Dessa maneira cabe ao mesmo buscar inovar, encontrar saída, reinventar-se, de modo a exprimir-se poeticamente:

No decorrer da infundável trajetória da natureza humana, os dramas e os sentimentos são sempre os mesmos, o que se modifica são os contextos histórico, sociocultural, religioso, político e econômico que possam estimulá-los ou interdita-los. Dentro dessa ótica, o que se revela é a visão que o autor tem desses conflitos e o modo como os representa na criação estética, em que conta com a magia do imaginário poético e a mediação da linguagem, de cuja liberdade o artista da palavra usufrui. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p. 335).

É a partir da liberdade que o artista tem com a linguagem que ele é capaz de criar e recriar realidades ficcionais que, muitas vezes, assemelham-se a realidade vivida. Usufruindo do livre arbítrio que tem na lida com a palavra, o escritor apropria-se da realidade, não para transcrevê-la no texto literário, o que desconstituiria o papel da literatura, transformando-a em documento, levando a perda do caráter ficcional que lhe é pertinente, mas para servir de instrumento de aproximação entre o leitor e a obra. O leitor ao deparar-se com o que lhe é familiar acaba por identificar-se com a obra e com o tema por ela abordado.

É fato que as artes, de maneira geral, sempre estiveram presentes na recomposição de identidades individuais e sociais. Essa presença dá-se com grande força na Literatura, espaço de recriação da memória histórica, embutida nas tradições e raízes, recuperadas pelo imaginário do artista. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p. 335).

Não significa que, ao discorrer sobre o aspecto não documental da literatura, esta esteja totalmente isenta a ele, pois, foi também por meio de muitos textos literários que determinados elementos constituidores de certas sociedades puderam ser conhecidos como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), obra na qual Machado de Assis, apresenta uma sociedade escravocrata, com atenuadas diferenças sociais e *Terras do Sem fim* (1943), de Jorge Amado, obra pertencente ao que fora denominado, primeira fase do escritor, aborda, dentre outros elementos da sociedade da época, a disputa desleal entre fazendeiros e pequenos sítiantes da região sul da Bahia, no começo do século XX.

Dessa perspectiva, a literatura exerce também a função de documento, ainda que não seja no sentido estrito da palavra, mas em alguns aspectos conforme discorre Luiz Costa Lima em *Sociedade e discurso ficcional* (1986. p.192), “Ao falarmos em caráter não documental da

literatura, não pretendemos dizer que o texto, ao se tornar ou se pretender literário, automaticamente se despoje da qualidade de documento”. A notoriedade da ligação com a realidade social, na qual, é gerada a obra literária, é o fio que tece a linha entre a ficção e o caráter documental da literatura.

A literatura produzida em Mato Grosso do Sul, abarcada de fatos históricos, por vezes é vista apenas como descrição, relato, documento do que ocorrera no Estado, o que em parte pode ser entendido como verdadeiro, ainda que prevaleça a ressalva de que, os registros históricos são parte de uma verdade, não totalmente verdade, pois o relato dos fatos passa pelas mãos de um escritor: “cada escritor tem uma posição individualizada na sociedade, reagindo a uma História geral a partir do seu próprio ponto de vista, decifrando-a em seus próprios termos concretos” (EAGLETON.2011,p.22), um ser pensante, com ideologias e dogmas pré-estabelecidos, o qual vai direcionar a descrição, ainda que involuntariamente, de acordo com as afirmações que lhe estabelecem.

De suma importância para o estudo historiográfico literário, os textos memorialistas e/ou históricos muito têm a contribuir para o entendimento do fazer literário em Mato Grosso do Sul, porém, do mesmo jeito, sobre outros aspectos, carece de minuciosa atenção por parte do pesquisador, pois, assim como os relatos passam pelo olhar de quem escreve, a memória, nem sempre favorece a verdade, mas acaba por expressar os verdadeiros anseios de quem a expõe.

2.4 Breves apontamentos sobre a literatura sul-mato-grossense

Discorrer sobre a produção literária sul-mato-grossense requer também, apresentar algumas considerações sobre o desenvolvimento do Estado de Mato Grosso do Sul, outrora, Mato Grosso, o qual fora povoado, segundo José Couto Vieira Pontes, por desbravadores principalmente paulistas e mineiros, os quais, devido a diversas invasões ocorridas na época, principalmente por parte dos espanhóis, foram enviados para a região com a função de garantir a posse da terra.

A luta contra os invasores incluía, além do enfrentamento com os espanhóis, a subjugação e até o extermínio de tribos indígenas já estabelecidas na região. Quanto às tribos indígenas, estas já habitavam a região sul-mato-grossense, bem antes da chegada do homem branco. José Couto Vieira Pontes descreve que a partir de 1602, a região tornou-se palco de

apreensão dos indígenas por parte dos portugueses, incluindo os já “domesticados” pelos jesuítas.

Os desbravadores incumbidos de proteger a terra ficaram conhecidos como bandeirantes, os quais chegavam ao estado por meio de expedições que seguiam pelo Rio Tietê até o Rio Paraguai. Essas expedições eram denominadas “Monções” e eram realizadas com o uso de um tipo de canoa indígena feita de um só tronco de árvore.

Após as conquistas, houve o interesse em assentar-se nas terras, constituindo fazendas e rebanhos, as cidades foram fundadas, na maioria, por militares, como por exemplo, o povoado de Albuquerque, que depois viria a ser Vila de Santa Cruz de Corumbá em 1778, cuja ata de fundação fora firmada pelo “Sargento Mor Comandante Marcelino Roiz Camponês” (PONTES.1981, p. 22). Deu-se continuidade ao povoamento da região, porém, a ocupação só fora acentuada após a guerra com o Paraguai, por volta de 1870.

Na formação social do Estado sul-mato-grossense, houve diferença entre o povoamento da região norte e da região sul. No norte do Estado, a formação social se deu sem a mescla de grupos oriundos de outros países, fato que resultou até em certa xenofobia; já na região sul, perpetuou-se através da mistura entre grupos étnicos já estabelecidos e os oriundos “da emigração europeia, via São Paulo” (PONTES.1981, p. 20). A região sul, por ser mais jovem, deixou de conhecer os monumentos do barroco colonial, e a pecuária estabeleceu-se como principal atividade humana.

No Estado de Mato Grosso Sul, devido a alguns aspectos peculiares, dentre os quais se pode citar a vastidão terrena que este dispunha, as famílias que nelesse estabeleceram ficaram distantes umas das outras, dificultando o contato entre os moradores, o que segundo José Couto Vieira Pontes, foi um dos fatores que contribuíram para a não efervescência cultural:

Literatura é fenômeno de aglomerados humanos, de convivência, em que se chocam as tradições com as contradições, de modo que é necessário, antes de tudo, para apreciar a história literária de uma determinada região, pesquisar a formação de seus primeiros núcleos populacionais, urbanos ou rurais. (PONTES. 1981, p. 21).

O direcionamento apresentado pelo historiador pontua a composição social conjunta, como um dos fatores de florescimento da literatura também gerou carência de convivência, de enfrentamento de ideias, de compartilhamento de experiências. Nesse sentido, Maria da Glória Sá Rosa, expõe que no estudo de uma determinada produção literária, faz-se necessário conhecer a base social na qual ela se originou:

No processo de recompor o passado, por meio do presente, é preciso contextualizar cada texto no tempo e espaço, em que foi publicado, visto que a Literatura, como intérprete do homem e do mundo, não pode estar isolada da História, da Economia, da Política, dos padrões sociais. (ROSA; NOGUEIRA.2011, p. 322).

Ao contextualizar a realidade social estabelecida em Mato Grosso do Sul, neste caso mais precisamente na região sul do Estado, durante o século XIX, desvelam-se alguns dogmas a respeito do fazer literário da época, pois, além da vastidão territorial, o que culminava em um vazio entre seus habitantes, a predominância de militares acabou por gerar textos descritivos, os quais englobavam as viagens realizadas por eles, as conquistas da terra, as belezas do lugar, o lado literário se manifestava por meio da preocupação em registrar e documentar o que ocorria na época.

A falta de obras de ficção, não está relacionada a não instrução e ao não conhecimento das letras e da cultura por parte dos que escreviam, mas, à realidade social e histórica na qual estavam inseridos. A predominância de textos, considerados históricos e a não ocorrência de determinadas atividades culturais, reflete mais um fator social, do qual faz parte a literatura: “numa sociedade de homens afeitos às duras e arriscadas lides do campo, sujeitos aos constantes assédios dos índios e aos ataques dos bandoleiros, dificilmente se desenvolveria, naqueles rudes tempos, alguma atividade cultural” (PONTES.1981, p.21).

A ponderação de que a produção de textos considerados históricos se deu por motivos relacionados à constituição social e não pela falta de conhecimento das letras e da cultura, é reforçada pelos apontamentos apresentados por José Couto Vieira Pontes, o qual descreve que os registros literários regionais ocorrem a partir dos trabalhos escritos pelo general e governador da capitania de Mato Grosso: Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, homem com projeção nas armas lusitanas e considerado culto, tanto nas áreas exatas, como na área das letras, inclusive falando e escrevendo corretamente o inglês e o francês. A fase durante o governo de Albuquerque é apresentada por Pontes, como sendo a de maior surto artístico em Mato Grosso, ficando conhecida como a “idade de ouro”.

A fundação de Corumbá em 1778 é descrita pelo historiador como a semente do que viria a ser o “primeiro núcleo sul-mato-grossense na área da Literatura” (PONTES.1981,p. 24), fato comprovado com o lançamento em 1877 do primeiro jornal da região sul de Mato Grosso do Sul, intitulado “O Iniciado”, o qual contribui consideravelmente com desenvolvimento cultural do local.

Os jornais impressos foram de suma importância na divulgação literária do Estado: “Desde os primeiros movimentos e iniciativas de natureza literária, o jornal desempenhou, em Mato Grosso do Sul, o papel de divulgador e editor dos trabalhos de seus homens de letras” (PONTES. 1981. p.25). José Couto Vieira Pontes pontua ainda que, muitos jornalistas regionais, como Arlindo de Andrade Gomes (fundador do primeiro jornal de Campo Grande), tornaram-se celebridades e que vários autores utilizaram desse meio para expor seus escritos, sem deixá-los registrados em livros específicos. Um dos fatores que contribuíram pela escolha dos jornais por parte dos escritores, segundo Pontes, era a dificuldade que se tinha em editar um livro, seja pela falta de tempo ou por falta de incentivos, o fato é que, muitos escritores se valiam das publicações em jornais.

O pesquisador relata ainda que, grande parte dos jornais que desenvolveram papéis importantes na divulgação da produção literária regional da época desapareceu¹⁰ e com eles muito do que fora produzido nesse período embrionário da literatura local. Ainda sobre a atuação dos jornais na divulgação dos trabalhos literários sul-mato-grossenses, Albana Xavier Nogueira também discorre que os mesmos serviram de sustentáculo para a propagação dos textos literários, expondo em seus suplementos grande parte do que era produzido no início das décadas de 1900, destacando a revista *Folha da Serra*, editada por Aguinaldo Troy entre os anos de 1931 e 1940. A abertura concedida pelos jornais, segundo Albana Xavier, no tocante a Mato Grosso do Sul, persiste nos dias atuais:

Vê-se, portanto, que foi e continua sendo inegável a colaboração do jornalismo cultural para a divulgação da produção, tanto de diferentes gêneros literários quanto de críticas, ensaios, e artigos, que delineiam o perfil cultural das diversas épocas, inclusive, da atualidade, posto que membros da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e de outras agremiações culturais desfrutaram de espaços privilegiados para a publicação de seus textos, nos jornais mais importantes da capital. (NOGUEIRA. In: PELLEGRINI. 2014,p.12).

No Estado de Mato Grosso do Sul, de certa forma, a publicação em jornais nos dias atuais não é vista por alguns críticos com bons olhos, pois, se de um lado há a possibilidade de divulgação da obra, por outro, esses jornais, com algumas ressalvas, participantes institucionais do poder estabelecido, expõe apenas o que lhe convêm, deixando de lado escritores que com seus trabalhos, muito tem a contribuir com a formação crítica do leitor, despertando-o a olhar seu contexto social de forma mais ampla, não apenas pelas belezas naturais que compõem a paisagem sul-mato-grossense.

¹⁰ Aqui José Couto Vieira Pontes faz uma observação afirmando que, quando se fala de jornais que não existem mais se deve usar o verbo “desaparecer”.

No tocante aos propulsores da expansão da literatura sul-mato-grossense, pode-se destacar ainda, os grêmios literários estudantis, que sob a direção de renomados mestres publicavam em seus jornais textos de diversos autores. Como exemplo da importância dos grêmios estudantis na propagação da cultura literária da época, José Couto Vieira Pontes aponta o grêmio “A Pena”, atuante entre o final da década de trinta até a década de cinquenta. Pertencente ao Colégio Estadual Campo-Grandense, suas publicações, em 1948, chegaram a ser publicadas quinzenalmente e trazia entre seus colaboradores poetas como Paulo Bustamante, Glória Júnior, Nelson Nery, Ubirajara Rodrigues, Jorge Nachreiner.

A colaboração com o desenvolvimento cultural e educacional do estado veio também por parte das educadoras do Palácio da Instrução em Cuiabá, que chegaram por volta de 1904, enfrentando as dificuldades existentes na época para ensinar, com maestria, os jovens da região. No começo da década de 70, outro importante fato contribuiu para o fortalecimento cultural e literário do estado, tratava-se da fundação da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

A ideia da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras surgiu com Ulysses Serra e começou a tomar forma um ano antes, em 1971, com o lançamento do livro *Camalotes e Guavirais*. Consolidada a ideia, fez-se o lançamento e a inauguração em 13 de outubro de 1972. O primeiro nome da academia foi “Academia de Letras e História de Campo Grande.”, de acordo com os registros apresentados por José Couto Vieira Pontes, a inauguração ocorreu com grande pompa, com participação de escritores de fora do estado e homenagens a Ulysses Serra, que já havia falecido.

Com a instituição da Academia desperta também o interesse pelas artes, pela literatura e pela cultura regional, possibilitando visibilidade, no cenário nacional, da produção local. Com elogios vindos de várias localidades, a Academia, nos dias atuais, denominada: Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, como precursora das condições culturais, tem por objetivo unir os diversos estilos existentes, colaborou grandiosamente para a formação atual do estado da cultura local.

No período embrionário da literatura sul-mato-grossense, esta, assim como a literatura brasileira, buscava os moldes da estrangeira, pois, os Estados também se espelhavam nos grandes centros culturais, evento que levou Mato Grosso a aceitar todas as escolas literárias vigentes no país. Na Região Sul, hoje Mato Grosso do Sul, o lado cultural teve seu desenvolvimento somente após a Guerra do Paraguai, pois, como já descrito anteriormente no presente texto, é após este evento que o povoamento da região se fortalece com posses das

terras pelos fazendeiros e a chegada da Estrada de Ferro Noroeste. Até a chegada dos trilhos da Noroeste, Corumbá foi o principal polo cultural da época, seu porto recebia navios de várias partes do mundo, posicionando-se como importante centro comercial.

No decorrer do percurso histórico da literatura sul-mato-grossense, muitos foram os escritores que se dedicaram em produzir obras que contribuíssem para a afirmação de um fazer literário forte e consistente. Porém, em meio a tantas produções, destaca-se, a falta da prosa de ficção: “Ao estudar a literatura de Mato Grosso, o pesquisador não tardará a perceber um fato curioso: a ausência de prosa de ficção, a despeito de um manancial riquíssimo de temas e motivos, principalmente regionalistas” (PONTES. 1981. p.74).

José Couto Vieira Pontes aponta, como um dos fatores que contribuíram para tal quadro que, tal obra para ser criada necessita de certas situações, de conflitos sociais, o que devido à expansão territorial e a forma como foi povoado o Estado de Mato Grosso do Sul, os mesmos não ocorreram: “[...] seja pela baixa densidade demográfica, seja pela falta de saturação que gera as crises e as contradições, cortou qualquer manifestação madura no campo da ficção” (PONTES. 1981, p.80).

As grandes obras regionalistas, cujo pano de fundo é o espaço sul-mato-grossense, foram escritas por escritores de outras localidades, conforme expõe a professora Maria da Glória Sá Rosa:

A literatura Sul-Mato-Grossense ainda não produziu grandes romancistas. Os romances, que recriam de forma estética a região, foram escritos por autores de outros estados como *Inocência* e *A retirada da Laguna*, de Visconde de Taunay. *Selva Trágica*, de Hernâni Donato e *Sempre viva*, de Antônio Calado têm como cenário Mato Grosso do Sul e seus conflitos. (ROSA; NOGUEIRA.2011, p. 326).

A obra *Inocência*, escrita em 1872, pelo carioca Visconde de Taunay, é vista como a maior representação do autor sobre a paisagem sul-mato-grossense, porém, sua ligação com a região vai além da escrita, pois, Visconde de Taunay integrou as tropas da Retirada da Laguna:

Sua vida e obra estão ligadas intimamente ao nosso Estado, seja através da Retirada da Laguna, evento épico da Guerra do Paraguai, seja nas inúmeras aquarelas que debuxou de nossa terra, como em “Céus e Terras do Brasil” (em que aparece a célebre descrição do rio Aquidauana) seja no cândido perfil de *Inocência*, cuja desdita tem como palco os ínvios sertões sul-mato-grossenses. (PONTES. 1981, p. 84).

Baseada em impressões e lembranças da realidade natural e sociocultural do sertão sul-mato-grossense, que *Inocência*, a partir da observação e descrição dos valores

comportamentais do sertanejo se enquadra no campo regional. Essa obra, mesmo tratando de uma história sentimental, apresenta um toque naturalista, um realismo descritivo e um tom documental, que é entendido como fruto da experiência de Taunay como redator oficial do Diário do Exército.

Sobre a escassez de romances regionais, José Couto Vieira Pontes explica que, a opulência da terra não é fator fundamental para o desenvolvimento desse tipo de obra/gênero e fatores que contribuiriam para a produção de um grande romance regional, estariam diretamente ligados ao aspecto sociológico e étnico, o qual, no caso de Mato Grosso/ Mato Grosso do Sul, devido à abundância, a grandiosidade da terra, passou despercebido pela classe detentora da cultura:

E, por falar em exuberante, parece que aqui se encontra o primeiro passo na análise do problema. A opulência da terra americana sepultou o espírito criador de seus homens de letras num vale de sonhos e fantasias, de modo que encontramos na galeria de valores um número de enamorados da “mater natura” do que analistas e perscrutadores da alma.(PONTES. 1981, p. 82).

O constante contato com as belezas naturais, por outro lado, fez da poesia a forma literária mais presente na época, pois esta pareceu ser a melhor maneira de expressão cultural da época: “Assim, o cultivo da poesia satisfazia com maior plenitude, essa necessidade de “connubiu” com a natureza, de modo que o homem, com suas angústias cotidianas e suas inquietações morais, era posto de lado” (PONTES.1981, p.82). Com o passar dos anos, ainda que, não tenha surgido um grande romancista regional, a produção literária sul-mato-grossense alçou novos voos, apresentando pluralidade de temas nas obras produzidas.

A composição da escrita literária sul-mato-grossense pode ser observada, desde os registros históricos e documentais do século XVIII e XIX, até as criações mais atuais que colaboraram com o desenvolvimento da literatura sul-mato-grossense, como, por exemplo, a prosa do escritor nioaquense Hélio Serejo, distinto militante da causa regional “paisagista da região ervateira do Estado”, reconhecido em todo Brasil como uma das maiores autoridades do folclore sul-mato-grossense; a crônica do corumbaense Ulysses Serra, fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras; o modernismo, na poesia de Lobivar Matos; o trato da linguagem do cuiabano mais sul-mato-grossense que existe Manoel de Barros e o regionalismo moderno no romance *Selva Trágica*, do escritor carioca Hernâni Donato.

O viés didático se deu por meio dos textos escritos pelas professoras Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira, com a publicação da obra *Cultura, Literatura e Língua*

Nacional (1976), versada em três volumes e adotada em vários estabelecimentos de ensino do país.

No tocante à literatura infantil sua representação se dá pelas historietas *A estrela vespertina* e *O gambá e o papagaio*¹¹, escritas por Otávio Gonçalves Gomes; pelas obras escritas pela bandeirantense Sandra Andrade, como, por exemplo, *Mato Grosso do Sul, em Frente e Verso, em Prosa e Poesia*; *O sono entristecido da lua pantaneira* e a coletânea *Histórias – Poemas para boi dormir*; por meio dos poemas escritos por Paulo Robson de Souza, dentre eles *A casa dos Animais* (2000) e o ritmado *Animais Mais Mais* (2011) e pelo texto *Fábulas Sul-mato-grossense* (2011) da escritora campo-grandense Vera Tylde.

As referidas descrições servem como um chamarize tem como intuito despertar o interesse do leitor em conhecer a produção literária de Mato Grosso do Sul, pois, discorrer mais profundamente sobre os escritores e as modalidades que compuseram a história dessa literatura regional, culminaria em pesquisar aspectos das obras e da vida dos diversos escritores que a compõem, resultando em outro texto com abordagem diferente da direcionada pela presente pesquisa. Por ora, objetiva-se constituir um quadro geral sobre o contexto histórico no qual está inserida a produção literária sul-mato-grossense.

Devido a questões geográficas, históricas, políticas e sociais, como já fora dito, Mato Grosso do Sul, se manteve, por algum tempo isolado do cenário literário nacional, fato que de certa forma ainda persiste nos dias atuais, pois, embora alguns escritores tenham alcançado reconhecimento, até internacionalmente, como é o caso de Manoel de Barros, no âmbito regional poucos são os investimentos voltados para o desenvolvimento cultural do estado inclusive no que diz respeito ao poder público, conforme expõe Maria da Glória Sá Rosa: “De modo geral, os poderes públicos não se dão conta de que a riqueza cultural é construída por aqueles que articulam pensamentos e emoções nas teias da linguagem” (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p. 323).

A riqueza cultural nas teias da linguagem de que fala Maria da Glória Sá Rosa, constitui um dos ingredientes de um caldo cultural, o qual é servido à sociedade como nutriente dos fazeres artísticos, pois nem sempre é possível a uma determinada região perceber a profusão de temas e de escritas que lhe pertence. Por que este assunto precisa de um estudo e de uma observação mais atenta?

Porque ao nos defrontarmos com a afirmação de que não há uma preocupação dos poderes constituídos, há de se considerar o fato de que, não é o poder constituído que rege as

¹¹ Esses dois textos são citados pelo historiador José Couto Vieira Pontes, no livro *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, o qual não especifica quando os mesmos foram publicados.

artes, do contrário o poder seriam os mecenas, por conseguinte iria ditar como a arte atenderia ao Estado, o que viria de encontro com o escritor que é um ser livre, cuja produção dialogando com seu tempo, sua história, sua região, mesmo em situações de pressão política e ideológica, tende a produzir textos, que nas entrelinhas exploram possibilidades de falar com o emudecimento da linguagem.

Portanto, a escrita não pode ser tutelada, autorizada ou referendada por nenhuma força externa, ela nasce de um momento, de contato da escrita com a necessidade de cada escritor de em sua epifania produzir uma obra, que seja representativa de uma força realizadora da palavra, da senhora emudecida pelo mundo, mas falante na mente de cada produtor da representação mundanal. Porém, o investimento em cultura trata de certa forma da humanização do indivíduo, tornando-o mais perceptível ao mundo em que vive, daí a importância do incentivo por parte das autoridades públicas.

Escrever sobre as cores locais, nem sempre é ser regional, nem sequer colocar frases e termos locais, a questão em torno do regional vai além, compreende fazer parte da literatura nacional, da representação de uma determinada composição social, pois os textos não passam pelo crivo da grande mídia ou pela seleção do mercado editorial. Os textos como os rios e os riachos do interior do país seguem seu rumo, seguem sua própria existência e conseguem retirar das margens o alimento para a alma dos peixes. Assim são os textos regionais, que retiram das margens da vida, do homem e da natureza a matéria de poesia como diria Manoel de Barros.

2.5 Trocando em miúdos

O Brasil, uma nação ainda jovem, se comparada a muitos outros países, renova-se a cada dia, visto que, a busca por uma identidade própria, nacional, sentimento que efervesceu no período pós-colonial, continua a ser uma constante. Assim sendo, a literatura como produção social, dialoga com o meio no qual é produzida, refletindo no fazer crítico aspectos a ela pertencentes.

Tal reflexo ocorre, em conformidade ou em contrariedade ao que está sendo exposto, não com o intuito de desaprovação, mas como instrumento para uma escrita mais apurada, ou seja, a crítica discorre de maneira a apontar o caminho a ser seguido, corrigindo as coordenadas e ordenando o trajeto. É dessa forma que no ensaio *Instinto de Nacionalidade*, texto citado no início do presente capítulo, Machado de Assis trata a crítica literária, colocando-a como norteadora de uma produção literária eficaz. Assim sendo, a crítica

literária, não trata só da obra, do texto propriamente dito, mas também dos movimentos que permeiam o fazer literário, agindo da mesma maneira que faz com a escrita, analisando o que cada um tem a oferecer, o que pode ser utilizado e o que deve ser deixado de lado.

No tocante à abordagem regional, a crítica literária brasileira, dentre outros posicionamentos, visou também o bom senso, ressaltando a importância dos valores regionais, como participante da formação identitária nacional. O regional não é fator de divisão, mas de adição, fortalecendo assim o todo do qual faz parte.

Os elos estabelecidos entre a literatura e a crítica, compõe um quadro que está inserido em uma constituição social, isso não significa que sejam portadoras da história, mas participantes desta. As questões regionais, a abordagem realista, a simbologia, as formas estruturais, o valor estético, a linguagem poética, as ideologias, o rompimento com o tradicional, a inovação, são elementos pertinentes ao fazer literário que encontra na crítica a bússola para seguir em frente.

3.OS ESCRITOS CRÍTICOS EM MATO GROSSO DO SUL

Os estudos sobre a crítica literária em Mato Grosso do Sul, além do objetivo de verificar como esta enxerga a produção literária sul-mato-grossense, se constitui também, nesta pesquisa, uma contribuição a trabalhos realizados por pesquisadores das universidades do Estado de Mato Grosso do Sul, sejam elas públicas ou privadas, que tomaram para si a responsabilidade de divulgar e de analisar a literatura sul-mato-grossense. Responsabilidade, que em termos, foi lhes imposta não por força política, mas por força da pesquisa acadêmica, que os fez perceber as obras e autores, que necessitavam de um estudo mais detalhado. Sem muitos parâmetros teóricos, sem obras críticas de outros estados, que pudessem auxiliar o formato da crítica Literária em Mato Grosso do Sul, eles semelhantes aos críticos brasileiros do século XIX criaram um sistema de crítica, que examinou e examina a produção literária de Mato Grosso do Sul.

O formato da crítica literária de Mato Grosso do Sul atende a modelos críticos semelhantes aos usados na crítica brasileira, que tende à análise quer seja arquivista, quer seja sob o aspecto de temáticas, que atravessam as obras dos autores. Se no século XIX, o veículo de divulgação eram os jornais e revistas; no final do século XX e início do XXI são as revistas eletrônicas, as apresentações em eventos e as teses-dissertações.

Um tanto jovem, se comparada a outros estados brasileiros, como São Paulo e Rio de Janeiro, a crítica literária sul-mato-grossense tende a analisar e a se posicionar sobre um determinado autor ou obra, algumas vezes até ufanista e em outras, com maior ponderação. As experiências com a crítica a partir da periferia tornou-se o mecanismo de defesa dos povos do interior contra os conglomerados editoriais. A maioria das obras do interior é produzida em pequenas editoras ou em gráficas, o que confere a elas um crivo editorial nem sempre de melhor qualidade. As obras são nascidas da vontade do escritor e de sua vontade de ser conhecido.

Alguns autores se destacam mais em suas produções, mas há outros, que não conseguem o mesmo destaque e nem sempre é pela qualidade de seus textos, mas porque ainda faltam estudos das universidades sobre os autores regionais. Considera-se que alguns escritores de âmbito nacional produzem maior efeito, quando a pesquisa é realizada em outras universidades, fora de Mato Grosso do Sul.

A mesma pesquisa tende a se tornar uma reinvenção da crítica, pois os últimos anos têm encontrado junto à crítica literária nacional uma busca constante dos pesquisadores de um modelo de crítica, que possa atender tanto à análise das obras, de uma forma apreciativa,

quanto às teorias contemporâneas. O diálogo entre estes formatos de crítica também auxilia a crítica regional, pois muitas obras e autores, que poderiam se deslocar de outros modelos de crítica das décadas de 1960 a 1980, na atualidade encontram nas teorias literárias os mecanismos para serem analisadas. Os modelos de crítica do século XX como o estruturalismo, pós-estruturalismo, sociológica, genética, entre outros se desdobraram em mecanismos de investigação, que se fragmentou em estudos, que favoreceram formas que atenderam às análises de textos regionais.

A partir do final dos anos 80 e das décadas seguintes, no Brasil, há uma retomada dos congressos, encontros, simpósios, jornadas literárias, dos quais saem publicações destes eventos que passam conter estudos de nomes como Regina Zilberman, Lúcia Helena, Tânia Pellegrini, Maria Eunice Moreira, Paulo Nolasco. Nesse caminho seguem alguns outros nomes como Renato Franco, Walnice Nogueira Galvão, Roberto Schwartz, Silviano Santiago e Flora Süssekind, sendo a última um caso excepcional, pois na década de 1990, nas primeiras horas, ela publica em jornais estudos críticos, que pontuam a literatura daquele período. Um destes textos é “Escala e Ventriloquos” publicado em 2000, no Suplemento da *Folha de São Paulo*, que a princípio parecia um pouco difuso, pois as informações sobre a produção literária, não eram em tempo real, no sentido de que para analisar o formato de um determinado momento histórico cabia ao crítico acompanhar as publicações e resenhas, que vinculavam em revistas e jornais não especializados, diferente de hoje, que com as pontas dos dedos, o pesquisador pode saber tudo ou quase tudo sobre as publicações atuais, e a partir desse estudo traçar um painel. O que antes não era possível.

O caminhar da crítica nacional praticamente retomada após 1980 coincidiu com a criação da Associação Brasileira de Literatura Comparada, a ABRALIC em 1986, em Porto Alegre, no âmbito do I Seminário Latino-americano de Literatura Comparada, realizado de 8 a 10 de setembro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando propostas de grupos de estudos saíram de todas as partes do Brasil. Foi então a grande oportunidade das pesquisas regionais serem conhecidas por pesquisadores de fora e de dentro do país.

Em Mato Grosso do Sul, com o avanço dos estudos universitários, estabelece-se um sistema literário, pois o escritor estaria a produzir, a obra a ser divulgadora de uma literatura, seja com cores regionais ou não, e por fim um leitor especializado de dentro das universidades. Este leitor toma para si os estudos críticos sobre a escrita. Neste sentido e como argumenta Antonio Candido, após a existência do sistema literário com o tripé: obra,

autor e leitor, pode-se dizer que há uma literatura; no caso específico da literatura regional ainda há a necessidade de um leitor especializado, que a possa divulgar.

Diante do que fora exposto, esta parte do texto, tomando por base os escritos de três grandes nomes do cenário cultural sul-mato-grossense, José Couto Vieira Pontes; Maria da Glória Sá Rosa e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos; pretende apresentar um recorte da crítica literária produzida em Mato Grosso do Sul, a qual aborda desde questões políticas e sociais, como aspectos da linguagem literária.

As considerações a seguir, concebendo pesquisa sobre a literatura em Mato Grosso do Sul, como um campo a ser explorado, visa ser um portal que se abre diante do leitor/pesquisador, como um convite para seguir em frente, percorrer os caminhos do fazer literário sul-mato-grossense, que muito tem a oferecer.

3.1 José Couto Vieira Pontes

Escritor, contista e crítico literário, José Couto Vieira Pontes figura entre os nomes mais importantes de Mato Grosso do Sul, seja na política, pois foi o primeiro Procurador Geral do Estado, após a divisão do mesmo em 1977 ou no cenário cultural, como cofundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e autor de umas das obras mais representativas da história da literatura local, a obra *História da Literatura Sul-mato-grossense*, já citada no presente texto e que será utilizada como base para expor a visão do autor sobre a produção literária sul-mato-grossense.

O crítico, ao compor a referida obra, apresenta um quadro geral da produção cultural, literária e artística regional, para tanto se volta para a região sul-mato-grossense, deixando transparecer, sob seu entendimento, desde as primeiras falas, o quanto a constituição social da região influenciou no fazer literário dos cultores que aqui viviam:

Até onde o sulco de uma carreta de boi cavado na extensão da campina ou o desatar-se elegante vôo de uma garça do pantanal; até onde o choro da criança no bairro negro do Sarobá ou os camalotes vistos boiando na correnteza pelo poeta corumbaense e por Borges, na foz do mesmo rio majestoso, ganharam o interior do poeta e do prosador e aí explodiram em miríficas criações estéticas que, afinal, não são daqui ou dali, deste ou daquele rincão, mas demonstrações inequívocas do caráter universal da mais duradoura de todas as artes, a Literatura. (PONTES. 1981, p. 15).

Para José Couto Vieira Pontes, a literatura sul-mato-grossense, é tida, como representação do meio no qual ela foi produzida, daí a considerável presença, nos textos

literários dos elementos da natureza, da lida, da vivência bruta com os animais, até mesmo das figuras humanas, como o fazendeiro, o indígena, os coronéis, dentre outros, para o crítico, a utilização, por parte dos escritores que aqui produziam/produzem suas obras, visto que em muitos ainda persiste o apego a tal direcionamento, não deve ser vista como falta de inspiração poética, mas como apropriação da realidade na qual estão inseridos:

Indubitavelmente, começa a surgir na paisagem sulina o seu tipo característico, ainda à procura de um Guimarães Rosa ou de um Afonso Arinos: o fazendeiro. É o seu personagem principal, seja no campo, nos cerrados, nas furnas ou no pantanal, do mesmo modo que, no Norte, o garimpeiro, o pescador fluvial e o homem da região amazônica. (PONTES. 1981, p. 20).

Ao voltar o olhar sobre a obra escrita por José Couto Vieira Pontes, é possível perceber o apreço que o autor tem pelos os que, segundo ele, desbravaram a região sul-mato-grossense. O fazendeiro é descrito como um homem corajoso, que habitou a região, que se estabeleceu com afinco mesmo enfrentando as diversidades do local, de tal forma que, ao falar sobre os embates entre este e o indígena, que na própria fala do autor “já habitava a região”, quem é posto como agressor é o índio, não o que veio ocupar o lugar dele, o fazendeiro estava sujeito “aos constantes assédios dos índios”. A colocação do fazendeiro como vítima é reforçada na seguinte fala do autor:

[...] a figura polêmica do operoso fazendeiro, senhor da moeda e do progresso, muitas vezes incompreendido e injustiçado, máxime pela infeliz convicção generalizada que só vale pelo dinheiro que tem, e, no entanto, escondendo-se em sua imagem rude e sincera, muito da razão de existirmos e sermos grandes, mesmo quando quem fala é um escritor que nunca foi a uma fazenda, porque não convidado ou “invitado. (PONTES. 1981, p. 79).

De igual modo os militares, que são descritos como heróis, detentores das letras e do conhecimento, cujos registros históricos são apresentados como propulsores da escrita literária regional. Cabe aqui, abrir um parêntese para ressaltar que, ao discorrer sobre o posicionamento do autor em relação à figura do fazendeiro e dos militares, não se pretende estabelecer uma crítica a tal posicionamento, o que culminaria em uma abordagem sociológica, que não é a intenção da presente pesquisa, por ora, interessa trazer ao conhecimento, o que foi observado sobre a maneira de pensar do autor, enquanto ele desenvolve sua crítica.

Sobre a escassa produção de romances regionais, questão já pontuada anteriormente, o autor demonstra certa inquietude, ao mesmo tempo em que apresenta justificativas para tal

situação, como a falta de aglomeração de pessoas, o distanciamento dos grandes centros, as belezas naturais, favoráveis à produção de poesia¹². Isto posto, se tem dois tipos de produção a de poesias, que segundo José Couto Vieira Pontes, é o trabalhar da linguagem, atividade que encontrou, na referida constituição social, diversas possibilidades e o romance, gênero sublime que, na visão do autor, sobressai a todos os outros:

A verdade é que, se um conto é um gênero literário imensamente difícil e complexo, desafiando definições e conceitos, por seu lado, também o romance se apresenta com todo um séquito de características e fisionomias que, além de qualificá-lo como “o rei dos gêneros literários”, máxime hoje, quando abarca em seu seio todos os demais, como o teatro e a poesia, já mereceu uma vastíssima bibliografia, fruto do trabalho de paciente dissecação, em que se destacam estudos de Forster, Todorov, Antônio Cândido e outros. (PONTES. 1981, p. 80-81).

O romance, para José Couto Vieira Pontes, compreende todos os demais gêneros e para existir necessita de uma explosão social, a qual se manifesta no aglomerado de pessoas, nas contraposições de costumes, hábitos e ideologias: “Álvaro Lins, em sua preciosa “Teoria Literária” reconhece que a saturação ambiental, a insatisfação existencial e outros fenômenos de convivência influem na motivação literária” (PONTES. 1981, p.78). A convivência mais estreita, o encontro mais efetivo, a proximidade entre as pessoas, culminaria em um conjunto diverso, outro ponto que salienta José Couto Vieira Pontes, pois, ainda que as famílias que se instalaram na região sul-mato-grossense já tivessem costumes pré-estabelecidos, devido à distância por conta da vastidão da terra, não houve conflitos entre elas. Também no tocante a política, a luta era contra o externo, em defesa da terra e de possíveis invasões exteriores, não houve assim uma linha tênue, capaz de gerar uma tensão social e emocional a qual poderia ser representada pelo romance: “Também é necessário salientar que toda obra de ficção tem seu momento de explosão, e chega a termo em determinados estágios de evolução do pensamento e da sensibilidade do homem, em sociedade”. (PONTES. 1981, p.79).

Conforme José Couto Vieira Pontes discorre sobre os escritores, suas obras, estilos, movimento/escola literária a qual pertencem, ele também apresenta seu posicionamento crítico, como é o caso da crônica, descrita por ele como um gênero literário muito antigo. O autor expõe que a crônica surgiu do relato de fatos, como instrumento de preservação da memória, porém, ele pontua que a mesma se não publicada, lida, comentada, tende ao esquecimento, assumindo menor espaço, ficando sem destaque na história literária. Por conta de seus aspectos estruturais, é que muitos cronistas optam por publicar seus escritos em

¹² Importa ressaltar que a obra em questão foi lançada em 1981, a partir de um contexto histórico bem diferente do atual.

jornais, cuja própria constituição, ao ser diário, semanal ou mensal, promove a ideia de transitividade tão pertinente à crônica:

Essa feição de pré-vestibulando ou de aspirante é responsável, em grande parte, pela sua sorte no mundo da criação literária, a de frequentar de preferência os espaços de jornais e revistas, temeroso o autor, evidentemente, de que, enfeixando num livro tais produções, fique sua obra comprometida pela sua aceitação transitória, pela sua natureza de arquivo, esgotando-se o interesse e a mensagem nela contida, ao correr dos anos, sem contar o risco de ficar relegada a gênero menor, a entidade anã da Literatura [...]. (PONTES. 1981, p. 104).

Quanto ao fato da crônica ser, por vezes, resumida a um gênero menor, sem importância, José Couto Vieira Pontes expõe que tal direcionamento é reforçado por muitos escritores, que a compará-la com o conto, julga-a imatura, desprovida de reflexão, de teor poético:

Tanto que, se um conto não é bom estruturalmente, costuma-se profligar as razões e os andaimes que lhe deram vida tachando-o de crônica. Assim, conto não é crônica e vice-versa. Permanece, por isso, a crônica, numa posição de fruta da vez, destituída da maturidade, da compleição, logo de quem, do gênero mais difícil e prestigiado, de que se gabam os bons escritores saber explorar: o conto. (PONTES. 1981, p.104).

Contrário, a tal posicionamento, José Couto Vieira Pontes assinala que muitos são os excelentes cronistas brasileiros, cujos textos apresentam elevado domínio do humor, numa combinação perfeita entre os elementos que constitui o gênero, inclusive um lirismo sutil no qual Ulysses Serra é mestre.

A produção literária sul-mato-grossense, no geral é apresentada por José Couto Vieira Pontes como compilação de uma diversidade de fatores, políticos, sociais e culturais. Ao comentar sobre as personalidades políticas, os períodos, os autores e as obras que compõem a história literária do Estado, ele tece com muito cuidado e respeito, mesmo quando é possível perceber um posicionamento dissemelhante, José Couto Vieira Pontes busca uma justificativa, levando ao entendimento de conciliação. Como ao falar sobre o movimento modernista, que tão pouco influenciou os escritores da região sul-mato-grossense, encontrando resistência em frente às formas tradicionais:

Em Mato Grosso, onde a literatura se caracterizou sempre pelo apego às formas tradicionais, mostrando-se “bastante comportada”, na expressão do ensaísta literário Benedicto Luz e Silva, as ideias revolucionárias da estética preconizada pelo Movimento Modernista de 1922 não penetraram pacificamente. (PONTES. 1981, p. 123).

Diante do contexto apresentado na obra, torna-se compreensível o porquê de tal situação, pois, a constituição social se deu em um ambiente bruto, por pessoas vindas de outras localidades, dentre os quais os “homens de letras” em sua maioria militares, acostumados a uma regência determinada, logo o espírito modernista, de rompimento, do enfrentamento das tradições encontraria renitência. O que importa compreender é a maneira como José Couto Vieira Pontes aborda o assunto, desprovido de preconceitos, ele o apresenta como resultado de uma formação social, cujo reflexo persistiu de tal forma, que até mesmo escritores que romperam com o tradicionalismo, como Silva Freire e Manoel de Barros, só foram reconhecidos por uma classe detentora de exímio conhecimento literário técnico e científico.

Sobre o fazer crítico propriamente dito, José Couto Vieira Pontes considera que o mesmo, assim como a Literatura, encontra-se atrelado ao tempo e a ideologia de quem a escreve. A diversidade dos direcionamentos críticos é o que enriquece ambas as atividades, a produção literária e a crítica que a ela se refere. O crítico e o escritor estão inseridos em uma realidade histórica “e não se podem libertar da conjuntura que os envolve” (MARTINS, apud PONTES. 1981,p.12).

Tanto a obra literária quanto a abordagem crítica, são produções sociais e devem ser entendidas como representação, sem uma verdade definida, pois em consonância com a evolução social, altera-se de acordo com o que lhe apresenta. Fazendo uso das palavras de Wilson Martins, José Couto Vieira Pontes acentua que a crítica supera a si mesmo, renova-se em seu fazer contínuo: “A lição final é, entretanto, mais valiosa ainda: ela consiste em fazer perceber que a crítica avança pelo exercício da crítica, assim como o filósofo grego demonstrava o movimento caminhando” (MARTINS, apud PONTES. 1981,p.14).

3.2 Maria da Glória Sá Rosa

Natural do Ceará mudou-se para Campo Grande ainda muito jovem, com uma vida voltada para a educação, tornou-se referência de conhecimento intelectual, principalmente no tocante aos estudos literários. O posicionamento crítico, de Maria da Glória Sá Rosa¹³, professora, escritora, pesquisadora, integrante da Academia Sul-Mato-Grossense de

¹³ Em 11 de agosto de 2011, participando de um projeto que visava homenagear aqueles que tanto fizeram pela educação em Mato Grosso do Sul, junto com duas companheiras de estudo, tive o prazer de entrevistar tão ilustre pessoa, momento e sensações que mesmo com o passar do tempo ecoam tão reais em minha mente. A entrevista publicada na *Web revista página de debates: questões de linguística e linguagens*, em julho de 2013, podendo ser acessada no seguinte endereço: www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/21/21.htm.

Letras, não provém de meros direcionamentos, mas de uma abordagem segura, como quem conhece plenamente o terreno no qual está pisando.

Ao falar sobre literatura, Maria da Glória Sá Rosa, pontua que para produzir uma obra de qualidade, é imprescindível um trabalho cuidadoso com a linguagem, pois é ela quem fomenta qualquer construção poética:

A literatura é a arte da linguagem escrita que precisa ser trabalhada com o mesmo carinho e persistência que o artesão modela o barro. Sem ela, a vida não teria sentido, o mundo perderia a cor, pois com as palavras o escritor faz brotar seres de sonho e sangue, tecidos de imagens e sugestões, que perduram durante séculos e reinventam o mundo. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.321).

Na visão da escritora, a linguagem é componente da definição humana, essa por sua vez se manifesta pela literatura. Desse modo, a linguagem poética não pode ser expressa ao léu, necessita de atenção, de tratamento minucioso:

A palavra distingue a atividade poética de todas as outras. Desse modo, o que lemos em um poema ou em uma narrativa literária, só ali se realiza daquela forma. O poético não é um dom, é um trabalho articulado pelo poeta para a poesia. (ROSA; NOGUEIRA; MENEGAZZO. 2013, p.22).

Para Maria da Glória Sá Rosa o ser humano, dotado de raciocínio, se identifica, expressa os sentimentos, anseios e desejos, por meio da linguagem, pois, mesmo em silêncio, vagueando por seus pensamentos, encontra-se na linguagem, visto que, as ideias ali formuladas, para ganhar vida, carecem de ser nomeadas e isso só ocorre por meio da linguagem: “A linguagem não surgiu no homem. O homem surgiu com a palavra”. (ROSA. 2012, p. 136).

O pensamento apresentado pela escritora condiz com a fala de Mikhail Bakhtin, que ao considerar a linguagem, em todos seus aspectos, como ferramenta humana, declara que a mesma “não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam” (BAKHTIN. 2006, p.22). Desse modo, a literatura, expressa pela linguagem, revela-se como algo sublime capaz de produzir mudanças em quem entra em contato com ela, não por se tratar de um remédio, mas por ser um veículo que conduz o leitor a enxergar-se em outro plano, ampliando sua visão de mundo, enquanto ser constituído: “Precioso veículo para a descoberta de valores profundos da realidade humana, dá asas ao espírito crítico, motor das mudanças históricas, responsáveis pela presença da liberdade, da prosperidade e da justiça” (ROSA. 2012, p.135-136).

A literatura age como um pesquisador diante de seu objeto de estudo, ou seja, adentra as memórias, sacode a poeira, remexe os arquivos, abre-os, revisita-os, trazendo à tona sensações adormecidas, ou, esquecidas no tempo memorialístico: “Sempre que lemos, personagens e paisagens se materializam em nossas mentes, sonhos e desejos são reconstruídos pela força da memória, história pessoal e sensibilidade” (ROSA. 2012, p. 135). Cada forma da escrita literária, cada gênero, cada composição converge para uma construção artística sensível, cuja junção ocorre por meio da linguagem do escritor: A função da literatura mais que persuadir é provocar. O lugar do escritor, quer ele trabalhe numa biblioteca, numa cabana ou numa “lanhouse” é recriar a vida, é sustentar sua escrita. (ROSA. 2012, p.136).

Muitas são as ponderações que a escritora dispõe sobre o fazer literário, seja a respeito da linguagem utilizada, sobre o cunho estético e poético, ou sobre o alcance e a função que ela exerce. Em qualquer uma das abordagens citadas, Maria da Glória, apresenta a literatura como algo belo, cheia de significâncias:

As palavras são alimento, espaço de sobrevivência em sociedades anestesiadas por produtos eletrônicos.
 A poesia quebra paradigmas, elabora seus códigos, inventa sua realidade única e insubstituível.
 A prosa tem seus próprios esquemas, necessita de mensageiros vivos, que possam dar novo ardor a passagens áridas.
 Ambas se encontram na literatura, nos sonhos e na sabedoria dos criadores de obras literárias. (ROSA. 2012, p.136).

Maria da Glória Sá Rosa, em concordância com o pensamento apresentado pelo crítico literário Tzvetan Todorov, o qual confere à literatura a função de elevação do pensamento humano, fala ainda da literatura como um aparato que dá funcionalidade ao que o homem tem de mais sublime, sua capacidade de reflexão:

A literatura é a máquina que armazena o mundo de signos, que acreditamos terem sido escritos para nós e que nos ajudam a sermos melhores. Pela capacidade de estimular a metalinguagem, recria formas que, mesmo sem fazerem sentido, são detentoras de aspectos ligados à beleza, à liberdade, enfim à poesia, que edifica a alma, e ao conhecimento, que enriquece a mente. (ROSA. 2012, p. 135).

Ao voltar-se para os estudos regionais, Maria da Glória Sá Rosapondera que, um texto literário não pode ser considerado regional somente por referir-se ao local de origem, de onde foi produzido, visto que, o mesmo compreende a um fazer artístico que corresponde ao intelecto humano, ultrapassando assim, limites a ele impostos:

A literatura é um bem simbólico, resultado de construções do imaginário e não obedece a fronteiras político-geográficas ou econômicas, marcando-se, sobretudo, pelo trânsito discursivo. Desse modo, não se considera suficiente a remissão a um determinado espaço geográfico ou cultural para se tratar um texto como literário e regional. (ROSA; NOGUEIRA; MENEGAZZO. 2013, p.7).

Sobre a literatura produzida em Mato Grosso do Sul, além dos apontamentos já apresentados no presente texto, a questão sobre o trabalhar a linguagem é retomada, de um lado no sentido de chamar atenção dos escritores que não têm tal cuidado: “falta a esses poetas trabalho mais apurado” (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.328); do outro, o elogio pela busca de uma construção textual profunda, seja nos moldes tradicionais ou no rompimento destes:

Os caminhos para a constituição de uma literatura são vários e não obedecem a uma linha reta. O leitor poderá encontrar ainda nos poemas e textos narrativos de autores que se voltaram para a realidade local, um profundo exercício com a palavra, com a sintaxe linear, com o trabalho metafórico, com a sonoridade e o ritmo, algumas vezes vinculados a uma tradição mais clássica, outras já operando na distensão própria do moderno. O que tanto uns quanto outros não dispensam é a constante descoberta de formas com que cantar o seu chão. (ROSA; NOGUEIRA; MENEGAZZO. 2013, p.11).

Sobre os novos direcionamentos em torno da literatura sul-mato-grossense, há também a exposição de que ocorre certo embate entre o tradicional e o moderno, não que a tradição tenha que ser desprezada, mas que o moderno faz parte da construção literária, visto que, estancide também sobre a visão que se tem do mundo:

Sempre que se pensa a literatura como um discurso que implica reordenar ou reacomodar nossa visão do mundo percebemos um certo embate entre a tradição a ser continuada e a experimentação que propõe novas formas do poético para o leitor. (ROSA; NOGUEIRA; MENEGAZZO. 2013, p.12).

O apego às formas tradicionais, também foi apresentado por José Couto Vieira Pontes, ao mencionar a resistência encontrada, na região sul-mato-grossense, pelo movimento modernista, porém, há de se observar que, mesmo com o embate entre o tradicional e o moderno, a busca por uma identidade literária, pela conquista de um espaço cultural, pelo entendimento das expressões pessoais, são elementos comuns aos escritores sul-mato-grossenses:

Todos estão empenhados na configuração de um espaço literário autônomo para uma profunda liberdade na expressão de suas visões de mundo, ou seja, a voz desses narradores está sempre muito próxima do narrado, assumindo uma autoria

inequívoca daquilo que propõem como imagem e representação. (ROSA; NOGUEIRA; MENEGAZZO. 2013, p.12).

A luta dos escritores sul-mato-grossenses, não diz respeito somente ao espaço exterior ao regional, há também a luta diária nos contornos internos do Estado de Mato Grosso do Sul, pois, ainda que, nos tempos atuais, seja possível perceber maior abertura para as manifestações culturais, muito há o que conquistar, visto que, em especial, a literatura, com toda a sua abrangência, é considerada por muitos como uma atividade sem objetivo, somente a serviço da distração:

Em Mato Grosso do Sul, onde, no dizer de Demosthenes Martins, “o boi cria o homem”, a Literatura não ocupa o merecido lugar. Com raras exceções, é visto como algo supérfluo, resultado da fantasia de intelectuais, desligados dos problemas da realidade. (ROSA; NOGUEIRA. 2011, p.321).

A abordagem em torno de maior espaço para o fazer literário sul-mato-grossense, corresponde, e muito, com a história de vida de Maria da Glória Sá Rosa, visto que, esta, desde muito nova dedicou-se ao ensino, a escrita e a cultura. Detentora de profundo conhecimento literário, sempre buscou, por meio da palavra e da cultura como um todo, inspirar a outros, para que adentrassem tal caminho, isto posto, seus apontamentos não são meras considerações, convertem-se em signos, cujos significantes encontram-se na esteira da literatura.

3.3 Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

Professor, escritor, crítico literário, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, revela-se como um grande e cuidadoso pesquisador dos estudos literários, dedicando atenção especial aos estudos em Literatura Comparada. Ao folhear sua autobiografia *A felicidade pela literatura* (2016), o leitor depara-se com a paixão que o crítico tem pelo conhecimento, estudo e ensino da literatura. A narrativa, constituída em primeira pessoa, é exposta de forma tão cativante, que leva o leitor a sentir-se participante da história de vida do mesmo.

A cada parágrafo lido, a cada descrição, o quadro da formação acadêmica do crítico vai ganhando corpo, transparecendo inclusive como se deu a influencia para dedicar-se aos estudos em Literatura Comparada:

Para isto, foi significativo o fato da minha formação, talvez marcada pela vocação comparatista, pelo interesse e foco mais ampliados, buscando nas relações entre os

campos disciplinares, onde sobretudo privilegiei o que melhor demonstrasse a grandeza e riqueza da literatura, sem o esquadro de teorias exclusivistas, valorizando os estudos de linguística, da história, da semiótica, entre outros, constantemente fertilizadores da minha prática docente, provocativos do diálogo entre os saberes e áreas do conhecimento. (SANTOS. 2016, p.11).

A maneira como o crítico apresenta sua própria vida, não é de forma egocêntrica, pelo contrário, é possível o leitor perceber que o intuito da apresentação é a valorização do conhecimento adquirido, da Literatura como todo. Os períodos que correspondem aos dos estudos acadêmicos são narrados como fases de descobertas e afirmações, inclusive no que diz respeito ao desenvolvimento crítico do autor:

O período do doutorado, representou uma passagem crucial, momento radical, quando a crítica literária dizia que a própria crítica não era mais aquela, referindo-se aos modelos anteriores e ao específico conceito de literatura, que inclusive hoje se enfatiza, ainda mais, a não ser ou não se tratar de um conceito de natureza “essencial”, mas relativo às injunções e transformações do tempo, aos diversos contextos de leitura, modos de abordagem do fato e do texto literários *per se*. (SANTOS. 2016, p. 55).

Ao compor a narrativa pessoal, o crítico também comenta sobre o sentimento de solidão, que por vezes, perpassa o “homem de Letras” [*grifo nosso*], não por que este esteja sozinho em sua caminhada, mas por estar inserido em um meio social e político, no qual o trabalhar da escrita, da reflexão, do fazer literário propriamente dito, é visto como uma atividade supérflua, sem receber a devida importância:

Não é um sentimento de coisa falhada, de indez que ficou sozinho, mas é sobretudo o de que em nosso país só se é reconhecido através da magistratura, ou, pela contraface do mundo do esporte e do estrelato midiático. O homem de Letras, se chega ao reconhecimento ambicionado, encontra-se já na idade de Clementina de Jesus, no ocaso da vida, quando esse, enfim, por ventura lhe voltar a face. (SANTOS. 2016, p.19).

A referência aos relatos autobiográficos de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, no presente texto, vem ao encontro dos direcionamentos que se seguirão, pois, a referida obra, como um arquivo pessoal e acadêmico, apresenta ao leitor aspectos que contribuíram para o posicionamento crítico do mesmo. Com extensa e ativa produção acadêmica, seus escritos abordam temas relacionados com o que vem a ser a Literatura, a pesquisa em Literatura Comparada, fala dos diversos direcionamentos críticos com os quais teve contato durante sua vida acadêmica, o entendimento sobre modernidade, sobre os estudos regionais e a produção literária sul-mato-grossense.

No tocante à Literatura em si, a qual faz parte intrinsecamente da vida do crítico, dentre as considerações estabelecidas, a capacidade que ela tem de se fazer sentir, é um dos aspectos por ele apresentado:

[...]sabemos a lição (de cor) que a Literatura nos ensinou, ou seja, a de que nunca conhecemos plenamente as razões de nossos sentimentos, alegrias ou tristezas, submergindo do sujeito das emoções e lembranças, das dores que diz sentir e que, com nossa bondosa aquiescência, respondemos que também sentimos. (SANTOS. 2016, p.9).

Não é só sobre o sentir literário que o crítico expõe, ele também fala da Literatura pertencente ao meio cultural, enquanto ensino a outro transferido como conhecimento, por meio do professor de Literatura, cuja formação deve ir além, ultrapassando os parâmetros comuns, visto que, a Literatura inserida nesse contexto, não pode ser entendida como uma abordagem sobre períodos ou movimentos literários, mas deve compreender a constituição social por completo, transmitindo assim, um conhecimento de mundo que só é possível por meio dos textos literários:

[...] se a Literatura ainda é entendida como uma atividade profissional, manifestação cultural que demanda uma preparação para o exercício desta profissão – Professor de Literatura –, historicamente caracterizada “pela arte de ensinar”, portanto um ofício didático; se em suas diversas manifestações de gênero, ela é reconhecida como um dos códigos de “representação” da cultura: e, principalmente, constatando hoje a pertinência da pergunta sobre *o que é literatura e do questionamento se tem importância*, a minha reflexão sobre a Formação do Professor de Literatura repõe questões e/ou perspectivas tão candentes como se a leitura literária significasse não apenas abertura ao mundo, aos livros, mas à biblioteca infinita que constitui o patrimônio cultural como um todo. (SANTOS. 2012, p.245).

Ao dizer que a Literatura compreende o patrimônio cultural como um todo, esta se eleva, pois o texto literário não trata de um tema específico, de um único direcionamento, mas contém em si a diversidade da constituição humana, abordando-a em todos seus aspectos, de tal forma que, fazendo uso das palavras de Roland Barthes, o crítico expõe que a Literatura: “[...] deveria permanecer, ainda que todas as nossas disciplinas fossem expulsas do ensino, uma vez que todas as ciências estão presentes no monumento literário” (SANTOS. 2012, p. 246).

Sobre o ensino da Literatura, o crítico fala ainda do quanto à mesma ultrapassa a barreira do tempo, pois, desde os primórdios de sua história ela vem sendo construída por interlocuções com a sociedade na qual é produzida: “Verifiquei então que a literatura carrega um saber imemorial, voltado para as práticas culturais, misturando-se com a própria Cultura

de que ela é repositório” (SANTOS. 2012, p.246- 247), porém, ele chama atenção para o fato da literatura estar sendo sufocada, tendo seu horizonte cada dia mais reduzido, limitando-se, por vezes, inclusive no ensino superior, apenas a uma disciplina didática. Um dos fatores apresentado por ele para tal situação, é que, o ensino que outrora já fora voltado para o saber como posse intelectual, passou a um didatismo, voltado para uma formação que visa mais o mercado de trabalho, do que o saber propriamente dito.

Relacionado ao ensino, voltado para o mercado de trabalho, tem-se a situação do intelectual, pois, este assim como o ensino superior era interpretado como sinônimo de conhecimento, de um tom mais elevado, intermediário do saber, porém, diante do exposto, assim como a literatura, tem visto sua posição, aos poucos, sendo destituída:

Caindo num sistema de utilitarismo e resultados imediatos, a Literatura e seu ensino resultaram num “relativismo” de seu valor e de sua função como mediador de conhecimentos mais elevados, fruto do labor e do pensamento intelectualizado, a um ponto tal que a própria função do intelectual, antes necessária e vital para alertar a sociedade e a cultura de seus equívocos, resultou desnecessária e fora de moda. (SANTOS. 2012, p. 247-248).

Diante do exposto, vale a observação de que a situação de desvalorização em que se encontra a literatura, reflete também a condição do ser humano, visto que, a literatura como produção social, traz consigo reflexo de quem a criou, e o criador em crise repassará para o texto tal particularidade: “Ao longo do século, a Literatura foi desempenhando um papel no qual a crise do sujeito, portanto a crise da representação foi discutida como nunca, praticada numa dimensão a que chamamos de “moderno”. (SANTOS. 2012, p.249).

Quanto ao moderno, o mesmo é apresentado como um sentimento novo, relacionado com a busca por um ser diferente, inserido em um contexto que segue em constante evolução:

[...] a sensação historicista de que vivemos em tempos totalmente novos, de que a história contemporânea é a fonte de nossa significação, e que somos derivados não do passado, mas da trama ou do ambiente circundante e envolvente, de que a modernidade é uma consciência nova, uma condição recente da mente humana – condição que a arte moderna explorou, vivenciou e à qual por vezes se opôs. (BRADBURY. 1989,p.13 apud SANTOS. 2016, p. 58).

Nos muitos textos produzidos e publicados pelo crítico, manifesta-se, dentre seu vasto conhecimento literário, em especial, os estudos que compreendem os direcionamentos relacionados com a Literatura Comparada, a qual é apresentada por ele, não como método de comparação, mas como meio de relacionar as múltiplas e diversas possibilidades de leituras do texto literário:

Daí, o irrecorrível lugar epistemológico e axiológico no qual se encontram as ciências humanas em geral e da linguagem em particular, restando ao comparatista uma atividade de ainda maior perspicácia, quinta-essencial em relação ao seu ofício, ou seja, na direção de acolher, no emaranhado cipoal dos signos e sentidos, o todo do que interessa às diversas e possíveis formas de abordagens que compõem a atuação comparatista [...].(SANTOS. 2012, p. 24).

Desse modo, a Literatura Comparada é exposta como norteadora de diversas abordagens literárias, seja no campo estético, estrutural, histórico, geográfico ou linguístico, participando de um aglomerado de ideias e sentidos, cujo princípio está no ato da leitura do texto literário: “Trata-se, portanto, de uma orientação metodológica na qual a Literatura Comparada torna-se herdeira de Babel, com o campo de pesquisas comparatistas envolvendo toda problemática relacionada à produção e à recepção de sentidos textuais”. (SANTOS. 2012, p.24). A Babel citada por ele, não se refere a um estado de confusão, mas ao efervescer de possibilidades, da grandiosidade literária, a qual, como já dito antes, compreende um “patrimônio cultural como um todo” [*grifo nosso*]. Nesse patrimônio encontram-se as mudanças, sociais e intelectuais, isto posto, a Literatura Comparada exerce a função comparatista não só no âmbito literário, mas também, na amplitude dos métodos abordados:

Com efeito, como vimos salientando, a prática comparatista e o próprio rótulo de Literatura Comparada, que de alguma forma fora tradicionalmente batizada pela ideia de “comparação”, sobrevive na reformulação do seu próprio preceito paradoxal, ou seja, a Literatura Comparada não se baseia na comparação, trata-se, sobretudo, muito mais amplamente, - de *relacionar*. Na compreensão deste termo, no que ele compartilha com o de *articulação*, reside o ponto cego de um *trompe-l'oeil* raramente perspectivado: à literatura comparada caberia o exercício de “proporcionar o diálogo não só entre a literatura e as culturas, mas também entre os métodos de abordagem do facto e do texto literários, segundo a natureza da questão levantada pelo investigador. (MACHADO & PAGEAUX. 1988, p.17 apud SANTOS. 2012, p.26).

Vê-se então, pela colocação do crítico, a Literatura Comparada como mediadora, um lugar no vasto campo dos estudos literários, de onde é possível olhar os diversos elementos do fazer literário mais aproximadamente, considerando suas singularidades. O olhar pelo método de estudo comparatista busca alcançar o universal, abranger as possibilidades de leitura de um texto literário em sua amplitude de significados, apresentando assim relações que abarcam o ato literário como um todo.

O cuidado específico com a Literatura Comparada, não desperta no crítico desprezo por qualquer outra possibilidade de estudo do texto literário, esta surge como uma especificidade, que segundo ele deve ser abordada com amplo conhecimento sobre outras vertentes. Ademais, ao discorrer sobre a diversidade da crítica literária, ele pontua que,

asmuitas possibilidades de leituras que a crítica literária proporciona, deve ser valorizada, pois ainda que haja diferenças entre os preceitos estabelecidos, todas seguem em busca de um mesmo objetivo:

A crítica literária do meu tempo, refiro-me à crítica mais ativa desde a que se realizava em páginas de jornais até a crítica acadêmica, mostra-se a mim, a partir de hoje, como um projeto ou caminho que todos queriam realizar e percorrer, mas que no entanto, seus analistas, apesar de virem na mesma direção, vinham em margens diferentes desse mesmo caminho. (SANTOS. 2016, p.37).

Outro ponto abordado pelo crítico relaciona-se com a questão regional, inclusive, muito presente nas produções e projetos acadêmicos do mesmo. Ao compor sua autobiografia, elerelata o carinho que nutre pelos estudos regionais, especialmente aos relacionados à fronteira Brasil –Paraguai. A fronteira para Paulo Sérgio Nolasco dos Santos é mais do que apenas uma determinação geográfica, trata-se de um emaranhado cultural, com expressiva riqueza artística, da qualele faz parte:

O contexto cultural que nos situa, diferentemente, no extremo Oeste e numa região fronteiriça com o Paraguai, sinaliza o nível de otimismo e de expectativas muito favorável ao desenvolvimento dos estudos literários e interculturais nesta região batizada como sendo a da Grande Dourados. (SANTOS. 2016, p.77).

Segundo o crítico, o contexto cultural fronteiriço ultrapassa os limites geográficos, nasce da mistura, da convivência de dois lados distintos, porém, entrelaçados por contatos que acabam destituindo os parâmetros territoriais e produzindo novos elementos culturais:

Independentemente dos limites de fronteira, o povoamento nessa “região cultural” deu-se num espaço indelimitado e indiviso, bem diverso do que demonstra a cartografia contemporânea. Os trânsitos e travessias que aí se fizeram resultam no dilema da representação cultural que constitui, a um só tempo e num só compasso, os daqueles que vivem do lado de cá, no Brasil, e os do lado de lá no Paraguai [...]. (SANTOS. 2010, p. 21).

Ao discorrer sobre a cultura na região da fronteira Brasil - Paraguai entra em cena a questão relacionada ao regionalismo, visto que a fronteira determina-se entre um e outro lugar, gerando um espaço único, o qual também pode ser entendido como regional. No tocante ao posicionamento do crítico, o regional, assim como, a fronteira cultural, não pode ser entendido apenas do ponto de vista físico, como espaço delimitado, mas como interações sociais realizadas neste determinado lugar. Dentre as abordagens expostas, Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, entende o regionalismo também como o espaço de onde se fala, ou seja,

não se trata de uma constituição política apenas, mas da apreensão dos elementos característicos do ambiente em que se vive, ou em que se encontra em um determinado momento:

À guisa de conclusão, quero eu próprio pensar “o lugar”, pensar do meu lugar metaforicamente enquanto espaço, que é nominado como o regional, o local, o próprio, o particular, tópicos esses que demandam, por sua vez, sempre seu contrário; pensar na ideia de que eu falo, penso e existo a partir de um lugar. (SANTOS. 2008, p. 28).

O regionalismo, desse modo, manifesta-se na interação do ser humano com a sociedade na qual ele está inserido, não se opondo ao contexto nacional, mas como participante deste, adicionando elementos, tornando-se partícula de um todo. É a partir do olhar sobre o regional, da apreensão do escritor/poeta das referências que o cerca, que a literatura sul-mato-grossense, por meio do texto literário, evidencia as cores locais:

Daí também a observação do crítico ítalo-brasileiro, Giovanni Ricciardi (2008), que, em “Espaço biográfico e literatura”, diz serem inúmeros e coloridos os espaços em literatura: “[...] existe, antes de mais nada, um lugar, um espaço da alma do corpo, um eu que interage com os outros, com o ambiente, com a história e as histórias e que caracteriza a minha maneira de ser, a maneira de ser do escritor ou até de uma geração.” (RICCIARDI. 2008, p. 111 apud NOLASCO; BESSA-OLIVEIRA; SANTOS. 2011, p. 33).

Considerado o exposto, os elementos relacionados à terra, às belezas naturais, à vida no campo, o linguajar específico, os costumes, a cultura em si, por vezes, tão presentes nas obras literária sul-mato-grossenses, espelha o diálogo estabelecido, entre o escritor e a sociedade na qual ele vive, afastando assim um sentido preconceituoso, que segundo Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, no tocante a literatura regional, ainda existe. Isto posto, a apropriação de elementos pertinentes ao lugar de origem do escritor, por conseguinte, da obra literária, não significa falta de inspiração e despreparo de quem escreve, mas, representação do lugar de qual fala o escritor, cuja conversão em um texto literário não tem nada de superficial, é resultante de um trabalho intelectual que, além da linguagem, envolve o reconhecimento de si em um meio cultural único, específico.

Ademais, quando se fala em literatura deve ter em mente o quanto ela é capaz de sobressair a preceitos, a regras e determinações, desta maneira, cabe a fala do crítico, o qual afirma que: “em matéria de literatura, ser dono da verdade é um aspecto extremamente pobre da existência humana -, essa consciência seria, no meu entender, o plasma do ofício e o próprio *métier* do profissional de letras” (SANTOS. 2016, p.12).É preciso entender que a

mesma trata de representação e não documentação da realidade, e que, no ato de representar cabe ao escritor estabelecer parâmetros que lhe apraz, não há uma “verdade” definida, mas a criatividade de quem escreve, o reconhecimento de onde se está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica literária, assim como a literatura, desde os primeiros registros em torno do fazer literário, seja este falado ou escrito, segue em constante renovação, fator que não deve ser visto como um descuido no tratar da escrita, mas como representação das sucessivas mudanças sociais. Cada época, cada região, cada constituição social, apresenta diferentes formas de pensamentos, diferentes costumes e tradições, características que, por vezes, são manifestas por meio do texto literário. O diálogo entre a obra literária e os aspectos que englobam determinada sociedade, ocorre, dentre outros fatores, devido ao fato de estes serem participantes da vida do escritor, seja por meio da vivência propriamente dita ou de leituras realizadas.

Os diversos movimentos e escolas literárias, as muitas questões em torno do nacional, do regional, do poético, do histórico, etc., não devem ser vistos como embates, mas como representação de uma constituição social que se renova a cada dia. O pensamento de outrora, já não é o mesmo do presente momento, o ser de ontem não é o mesmo de hoje, pois, ainda que traga consigo ideologias e preceitos, sempre há algo novo a apreender.

Participante da constante evolução social cabe à crítica literária olhar a literatura em todos seus aspectos, mesmo que de ângulos diferentes, visando expor, por meio da linguagem, o teor literário em toda sua complexidade. Ainda que, por vezes, maldita, como exposto por Yves Tadié (1992), a crítica literária exercida com seriedade e competência, desempenha importante papel no desenvolver da produção literária, pois, a mesma não deve ser construída a partir de interesses próprios, mas pautada em critérios que, mais do que apontar as dificuldades em torno da escrita literária, contribua para o amadurecimento da mesma, exercício que concerne com a colocação de que “a crítica avança pelo exercício da crítica”.

A crítica julgadora e seletiva, a cada dia vem perdendo espaço, não que a mesma não exista mais, visto que, a palavra julgar, no sentido literal, pode ser compreendida como uma ‘formação de conceito sobre algo’, ou seja, independente do posicionamento apresentado, ao discorrer sobre uma obra, quem exerce tal tarefa, formula também seu próprio pensamento a respeito do que está sendo analisado.

O que vem ocorrendo na atualidade, é uma maior abertura para a diversidade, textos que antes eram desprezados, marginalizados¹⁴, passaram a ser vistos sob novas perspectivas, adentrando também ao rol da literatura propriamente dita, como participantes de um sistema

¹⁴No sentido de não estar integrado ao meio mais notório. Definição apresentada por Glauco Mattoso. Ver: MATTOSO, Glauco. O que é poesia marginal. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

cultural, reforçando o sentido de que em literatura, não há uma verdade definida, uma única forma de abordagem, mas sim, diferentes considerações, diferentes possibilidades de leituras, que se alteram, adequam-se conforme surgem novos direcionamentos.

Não se trata de desprezar o que já fora dito, mas de olhar o novo, de aceitar a renovação, a implantação de outros aspectos, como resultado da evolução social da qual a literatura e a crítica literária são participantes:

A Crítica Literária já não se restringe à valoração das obras, nem apenas à vontade de se formar um sistema de classificação e de distribuição historiográfico nos moldes clássicos, mesmo porque as grandes obras, os períodos literários, os sistemas estéticos foram já, por esse modo e na medida do possível, bem estudados. As tendências atuais circunscrevem-se a trazer contribuições para se dar início a uma futura e nova História Literária, de modo a estabelecer outros recortes no tempo, apagando a divisão tradicional dos estilos de época, presos ainda a uma postura globalizante, que tende a neutralizar as ricas diferenças de formas, de estilo e de visão de um dado período em função de um princípio nivelador do tudo valer pela semelhança. (SANTOS. 1992, p. 96).

Durante o percurso de elaboração da presente pesquisa, ficou notório o quão grandioso e vasto é o campo literário, no qual, está incluída a crítica literária, cuja importância data desde os primeiros registros em torno do fazer literário. A abertura que se deu ao leitor, como exposto no tópico sobre a Estética da Recepção, pode ser considerada um marco nos estudos literários, pois, seguindo o direcionamento já exposto, de novas possibilidades de leitura, o leitor passa a ser participante da construção histórica da literatura.

A construção histórica está diretamente ligada com a relação que a literatura estabelece com a sociedade, incluindo nesse contexto, o regionalismo e a questão da nacionalidade identitária, pois, a literatura proveniente de um ser humano social, carrega consigo, mesmo que involuntariamente traços do meio no qual é produzida, fator atribuído também ao crítico, que segundo, Maria Zilda Ferreira Cury, também deixa suas marcas: “Seguindo os rastros produzidos pelo artista no seu processo de criação nas anotações, nos planos e rascunhos, na correspondência, na marginália, nas variantes, nas rasuras, o crítico também deixa os seus rastros, suas marcas” (CURY, In: MIRANDA. 1995, p.54).

Considerado o exposto, a literatura sul-mato-grossense, inserida em um contexto, que conforme exposto por Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, ainda encontra certo preconceito, tem na crítica uma alavanca para a divulgação do que vem sendo produzido, pois, muitos escritos regionais ainda se encontram por serem descobertos, no sentido de achar o ignorado, o oculto, a espera de uma abordagem crítica que os tome e os revele ao público, visto que, a crítica ao expor seus direcionamentos, ao esmiuçar – no sentido de observar cada detalhe – a obra

literária, acaba por deixar marcas, que, por vezes, servem de indicação do caminho a ser percorrido.

Assim sendo, pode-se dizer que, a crítica literária sul-mato-grossense, como “farol de Alexandria” (TADIÉ.1992, p. 16), desempenha um papel de suma importância para a produção literária regional, visto que, a mesma busca em sua composição, levar o leitor, leigo ou especializado, a compreender certos aspectos presentes nas obras dos escritores da região sul-mato-grossense – aqui retomo a fala de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos – que embora com diferentes abordagens seguem num mesmo sentido, em prol da elevação do fazer literário em Mato Grosso do Sul.

Se por um lado, ela expõe a falta de um grande romancista e a imaturidade de muitos textos, como dito pela professora Maria da Glória Sá Rosa, por outro, ela contribuiu para que cada escritor sinta o desejo de buscar o aprimoramento de uma escrita sutil, capaz de apreender e transmitir os elementos regionais, numa perspectiva poética que cause no leitor, certa inquietude, que o leve a repensar seu papel, enquanto ser inserido na sociedade, reconhecendo-se, mesmo que no âmbito regional, como participante de uma constituição social universal.

A crítica literária sul-mato-grossense, na grandiosidade de suas abordagens, ou seja, dentre muitos aspectos, ao mesmo tempo em que dispõe, sobre o anseio dos escritores regionais em propagar suas obras no cenário nacional, elucida as constantes referências às belezas naturais; adentra aos caminhos do local nascedouro do ser e da obra, como pode ser observado nos apontamentos de Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, como, por exemplo, ao pontuar que “o escritor fala a partir do seu lugar no mundo” ultrapassando assim, barreiras políticas de um delineamento fronteiriço que inexistente no âmbito cultural e conduz a reflexão sobre a condição histórica e social na qual se originou o fazer literário sul-mato-grossense, como na obra *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, de José Couto Vieira Pontes, resultando assim, na compreensão de que parte da produção literária de Mato Grosso do Sul, se deu em um contexto histórico totalmente diverso.

Os direcionamentos que levam em voga as colocações de José Couto Vieira Pontes, Maria da Glória Sá Rosa e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, ainda que elaborados em épocas diferentes, com abordagens distintas, visto que, José Couto Vieira Pontes apresenta uma visão historiográfica que data desde o primórdio da história do Estado de Mato Grosso do Sul; Maria da Glória Sá Rosa, trata da linguagem literária como representação e transformação do ser e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, busca na interação cultural fronteiriça a identidade de

um ser cujo nascedouro ultrapassa as barreiras políticas; um fator comum os une, o interesse e o desejo de expor aos outros, além dos limites do território regional, e porque não dizer dentro deste território, a grandiosidade, a riqueza, o esforço e a qualidade da produção literária sul-mato-grossense.

No contexto apresentado e referindo-se aos direcionamentos dos críticos que englobam o recorte da presente pesquisa, a qual objetivou observar como tais escritos críticos delineiam a produção literária sul-mato-grossense, pode-se afirmar que a crítica literária produzida em Mato Grosso do Sul, ao discorrer não só sobre as dificuldades no fazer literário regional, mas ao referir-se também a luta empreendida pelos escritores, ao ressaltar aspectos peculiares à constituição social e artística sul-mato-grossense, não visa prejudicar, desfazer da mesma, mas, construir, de modo que não pode ser entendida como uma avalanche que desce a montanha destruindo tudo a sua frente, mas como a corda onde o alpinista (representando o escritor) prende o *baudrier*, chegando com segurança ao final da escalada.

Assim sendo, ao fechar o presente texto, e não o assunto que fora abordado, visto que, há muito que pesquisar em torno da literatura sul-mato-grossense e conseqüentemente da crítica literária que sobre ela discorre, fica estendido o convite a novas abordagens, novas possibilidades de leitura, a ampliação de conhecimento e entendimento, de uma literatura regional, que muito tem a oferecer.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A poética**. Tradução de Eudora de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.
- ASSIS, Machado. **Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade**. In: Obra completa de Machado de Assis. Rio de Janeiro. Nova Aguilar. Vol. III, 1994. Publicado originalmente em O novo mundo em 24/03/1873.
- BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª Edição. Hucitec, 2006.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 308-345, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 9ª ed, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Distribuidora de Livros Escolares LTDA, 1968.
- _____. **A crítica Literária no Brasil**. In: Crítica e Poética. Rio de Janeiro. 1968. Livraria Acadêmica, p. 115-157. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/59828095/Afranio-Coutinho-Textos>. Acesso em 23/fev/2017.
- _____. **Introdução a Literatura no Brasil**. 1960. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-coutinho/textos-escolhidos>. Acesso em 20/fev/2017.
- DINIZ, D. C. B.; COELHO, H. R. **Regionalismo**. In: FIGUEIREDO, E. (Org). Conceitos de Literatura e Cultura. Juiz de Fora: UFJF, p. 415-433, 2005.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Marxismo e crítica literária**. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- GIACON, Eliane Maria de Oliveira. **Natureza e função da literatura**. In: Web revista Página de debates: questões de linguística e linguagem. 7ª Ed. 2009. Disponível em: <http://www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/07/Arquivos/06.pdf>. Acesso: 10/out/2016.
- GIACON, Eliane Maria de Oliveira. GOMES, Nataniel dos Santos. **Análise do texto “Da nacionalidade da literatura brasileira” de Santiago Nunes Ribeiro**. In: Pitágoras. Nº 3. 2012. Disponível em: <http://faculdefinan.com.br/pitagoras/downloads/numero3/analise-do-texto-da-nacionalidade-santos.pdf>. Acesso: 06/ago/2016.
- ISER, Wolfgang. **O ato da Leitura**. Vol. I. Tradução: JohannesKretschmer. São Paulo. Editora 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo. Editora Ática, 1994.

- LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- _____. **História. Ficção. Literatura**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MALARD, Letícia. **110 anos de crítica literária**. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/RB52%20-%20PROSA-03.pdf>; 2007, p.115-128. Acesso em: 20/fev/2017.
- MIRANDA, Wander Melo (Org.). **A trama do arquivo**. Belo Horizonte. Editora UFMG, Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1995.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionários de Termos Literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- NOLASCO, Edgar César. BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Arte, Cultura e Literatura em Mato Grosso do Sul – por uma conceituação da identidade local**. Campo Grande, MS, Life Editora, 2011. 192p.
- PELLEGRINI, Fabio; SENA, M.F.G. (Orgs.) **Vozes da Literatura**. Campo Grande: FCMS, 2014.
- PLATÃO. **A República**. Tradução: Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1997.
- PONTES, José Couto Vieira. **História da Literatura Sul-Mato-Grossense**. São Paulo: Editora do Escritor LTDA, 1981.
- ROSA, Maria da Glória Sá. Nada substitui o livro. In: **Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras**. N. 21. jul/2012. Campo Grande – MS. Life Editora.
- ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. **A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores**. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011.
- ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier; MENEGAZZO, Maria Adélia. Org. **Antologia de Textos da Literatura Sul-mato-grossense**. Campo Grande - MS. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Life Editora, 2013.
- ROSENFELD. Anatol. **Estrutura e Problemas da obra literária**. Col Elos. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Nomes e faces de uma região**. In: Papéis: rec. Letras / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. – v. 1, n. 1. Campo Grande, MS. 1997.
- _____. **Regionalismo: A reverificação de um conceito**. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Samuka/Downloads/76-237-1-PB.pdf>. Acesso em 12/fev/2017
- _____. Org. **Literatura, Arte e Cultura na Fronteira Sul-Mato-Grossense**. Dourados – MS. Seriema, 2010.
- _____. **Entretexos - Crítica Comparada em literatura de fronteiras**. Campo Grande – MS. Life Editora, 2012.

_____. **A felicidade pela Literatura: ensaio entre autobiografia e obra.** Campo Grande – MS. Life Editora: 2016.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **A Crítica Literária no Brasil.** 1992. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/10311> Acesso em 20/fev/2017.

TADIÉ, J.Y. **A crítica no século 20.** Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

THOMÉ, Flora Egídio (Org). **Antologia Dimensional de Poetas Três-lagoenses.** Campo Grande: Ed. UFMS, 1979.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo.** Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TORRES, Luiz Henrique. **O conceito de história e de Historiografia.** Biblos. Rio Grande, 1996. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/19444>. Acesso em: 16/fev/2017.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura.** São Paulo: Editora Ática, 1989.